

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUIZA MARIA SOARES BARROS

A psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia
histórico-cultural

Maringá
2025

LUIZA MARIA SOARES BARROS

A psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia
histórico-cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Humano, Processos Educativos e Psicologia Histórico-Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci.

Maringá
2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B277p

Barros, Luiza Maria Soares

A psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia histórico-cultural / Luiza Maria Soares Barros. -- Maringá, PR, 2025.
138 f. : tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. Formação humana. 2. Psicologia. 3. Psicologia histórico-cultural. 4. Materialismo histórico-dialético. I. Facci, Marilda Gonçalves Dias, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 150



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



Luiza Maria Soares Barros

A Psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia historico-cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Documento assinado digitalmente
MARILDA GONCALVES DIAS FACCI
Data: 27/05/2025 17:33:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci
(Orientadora/Presidenta) – PPI/UEM

Profa. Dra. Sonia da Cunha Urt
Examinadora - Externa - UNICAMP

Profa. Dra. Zaira Fátima de Rezende
Gonzalez Leal
Examinadora - Interna - PPI/UEM

Aprovado em 27/05/2025
Defesa realizada por videoconferência

Dedico esse trabalho à minha família,
primeiro espaço social de aprendizagem, desenvolvimento e humanização:

Aos meus pais, Helena e Sebastião, origem biológica da minha existência,
que se encontraram em meio a tantos interditos e contradições.

À família biológica e histórica, a principal presença na infância e juventude:
Vovô Heleno, Vovó Luizinha, Tio Edo, (tia) Gesa e às minhas irmãs e companheiras até hoje,
Ana Izabel e Maria Helena.

À família de hoje que me constitui no cotidiano: minha companheira Alcione, minhas filhas
Laura e Camila, minha nora e enteada, Leticia e meus netos Pedro, Cecília e Francisco.

AGRADECIMENTOS

O que eu sou não me pertence por inteiro... nem o que eu faço. Esse produto da minha atividade de pesquisa e estudo é parte de mim e de muitas pessoas. São tantas que os meus agradecimentos não caberiam nessa página. Fazendo reverência a todas, peço licença para citar as mais diretamente envolvidas nesse momento, que são: **Alcione Ribeiro Dias**, companheira de vida e de trabalho e parceira nessa jornada; Filhas, nora e netos que convivendo com minhas ausências, me apoiaram; **Inês Demétrio**, amiga querida que me ajudou a compreender o sentido essencial desse mestrado; **Marilda Facci**, que com sua afetuosa objetividade, abraçou e construiu comigo essa trajetória. **Sonia Urt**, a inspiração primeira, parceira e incentivadora em muitas trilhas dessa caminhada. **Zaira Leal**, professora generosa em sua contribuição no exame de qualificação; Professores **Fernando Wolf**, e **Eduardo Tomanik**, e professoras **Adriana Franco**, **Marilda Facci** e **Zaira Leal**, pelos ensinamentos que compartilharam em nossas aulas; **Livia Nunes**, **Luciana Vidal** e **Solange Santos**, amigas e anfitriãs solidárias em Maringá; Grupo *Proletariado UEM*, a turma de mestrado em 2022: **Lívia**, **Igor**, **Camylla**, **Bruna**, **Victor**, **Marilia**, **Jenifer**, e **Eloisa**, jovens que talvez nem saibam quanto animaram a minha vida; **aos trabalhadores** do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UEM, pela infraestrutura e recursos oferecidos na realização do mestrado, uma atividade educacional gratuita, em tempos de *mercadorização* de tudo.

Barros, L. M. S. (2025). *A Psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia histórico-cultural*. 138p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a concepção de formação humana, à luz da psicologia histórico-cultural, com o propósito de discutir a importância dessa concepção para a atuação profissional nas diversas áreas da psicologia. Trata-se de estudo teórico, discutindo temática que permeia conhecimentos desenvolvidos na linha de pesquisa “Desenvolvimento Humano, Processos Educativos e psicologia histórico-cultural”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Partimos da essencialidade de compreender o ser humano sócio-histórico que somos e a humanidade que é produzida socialmente, como preconiza a psicologia histórico-cultural. Para a psicologia vigotskiana é na relação entre a realidade objetiva e a subjetividade que o indivíduo se produz humano, o ser que se manifesta na particularidade das relações sociais, constituindo a universalidade humano-genérica. A concepção de formação humana foi desmembrada em três trajetórias: a evolução biológica do animal ao ser humano, o percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural e o desenvolvimento do indivíduo como processo humano genérico. Na primeira seção apresentamos o primeiro passo da investigação que foi a elaboração de uma síntese teórica sobre o tema formação humana, a partir de obras de Marx e Engels e autores contemporâneos, sustentada no materialismo histórico e dialético, que é o fundamento teórico metodológico da psicologia histórico-cultural. Nesta perspectiva, formação humana resulta de um processo que se constitui ao longo da história dos indivíduos e da humanidade, sendo expressão e resultado da história social, da atividade humana objetivada, ou seja, do trabalho. A segunda seção apresenta resultados de uma pesquisa bibliográfica para identificar a presença do tema da formação humana na área da psicologia, em produções teóricas contemporâneas. Nas bases Capes, SciELO, BVS e BVS-psi, encontramos 32 produções entre artigos e dissertações e, tendo como referência as três trajetórias delineadas na seção 1, identificamos nos trabalhos o ponto de partida das discussões, no que se refere às trajetórias: são 22 a partir do desenvolvimento individual, 8 do sócio-histórico e 2 da evolução biológica. Ainda que os autores façam menção a outras trajetórias e nem todos se limitem a um único foco, esse resultado produz reflexões sobre a importância dessa concepção na psicologia, uma questão central dessa pesquisa. A seção 3 apresenta elementos do processo de formação humana, a partir da psicologia histórico-cultural, focando nos seguintes temas: o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a periodização do desenvolvimento psíquico, distinguindo o animal do ser cultural e evidenciando a relação entre atividade e formação humana, respectivamente. A partir da pesquisa realizada na dissertação compreendemos que o tema da formação humana se mostra essencial para todas as áreas de atuação da psicologia. Em tempos de desumanidade neofascista, necessitamos ampliar o conhecimento sobre a realidade social e aqui propomos que seja em fundamentos marxianos, insuperáveis na condição de análise da sociedade que existe sob o modo capitalista de produção da vida. A visão dialética e materialista da psicologia histórico-cultural possibilita produzir reflexão fértil acerca desta ciência na unidade entre fenômenos naturais e sociais. Na função mediadora, a psicologia acessa o *cerne das relações sociais*, uma condição privilegiada para enfrentar de perto o sofrimento e o adoecimento psíquico, a miséria, a desigualdade, a devastação ambiental, a sociedade adoecida, fenômenos que se manifestam em indivíduos e grupos que demandam sua atuação. Reafirmamos a

possibilidade de contribuir para uma psicologia científica, política, inclusiva e transformadora na direção de uma vida mais humana.

Palavras-chave: Formação Humana; Psicologia; Psicologia Histórico-Cultural; Materialismo Histórico-dialético

Barros, L. M. S. (2025). *Psychology and the conception of human formation from the perspective of historical-cultural psychology*. 138p. Dissertation (Master's Degree in Psychology), State University of Maringá.

ABSTRACT

The overarching goal of this research is to explore the concept of human development through the lens of historical-cultural psychology, aiming to highlight its relevance to professional practice across the diverse fields of psychology. This is a theoretical study, discussing a theme that permeates knowledge developed in the research line “Human Development, Educational Processes, and Historical-Cultural Psychology,” within the Graduate Program in Psychology at the State University of Maringá. This study begins with the essential task of understanding the socio-historical nature of human beings and the socially produced character of humanity, as emphasized by historical-cultural psychology. From a Vygotskian perspective, it is through the dialectical relationship between objective reality and subjectivity that the individual becomes human – a being shaped by the particularities of social relations, thus forming the human-generic universality. The concept is structured around three developmental trajectories: (1) the biological evolution from animal to human; (2) the socio-historical transformation from primitive being to cultural being; and (3) the individual’s development as a manifestation of generic human processes. The first section outlines the initial phase of the research: the development of a theoretical synthesis on the concept of human development, drawing on the works of Marx and Engels as well as contemporary authors. This synthesis is grounded in historical and dialectical materialism, the methodological and theoretical foundation of historical-cultural psychology. Within this framework, human development is conceived as a historical process shaped by the social history of individuals and humanity, expressed and realized through objectified human activity – namely, labor. The second section presents findings from a bibliographic review aimed at identifying how the theme of human development appears in contemporary psychological literature. Across databases such as Capes, SciELO, BVS, and BVS-Psi, 32 publications – including articles and dissertations – were identified. Using the three previously defined trajectories as reference points, we found that 22 works approach the topic from the perspective of individual development, 8 from a socio-historical perspective, and 2 from the standpoint of biological evolution. Although many authors reference more than one trajectory, and some adopt integrative approaches, these findings prompt critical reflection on the role and significance of this concept in psychology – a core concern of this study. Section three delves into specific elements of the human development process within historical-cultural psychology, focusing on two central topics: the development of higher psychological functions and the periodization of psychological development. These dimensions help distinguish the human from the animal and underscore the interdependence between human activity and the process of becoming. The findings of this dissertation underscore the essential role of the human development concept across all areas of psychological practice. In the face of contemporary neofascist dehumanization, it is imperative to deepen our understanding of social reality. We argue that this should be grounded in Marxist foundations, which remain unsurpassed in their capacity to analyze societies operating under capitalist modes of production. The dialectical and materialist approach of historical-cultural psychology offers a powerful framework for reflecting on psychology’s position at the intersection of natural and social phenomena. In its mediating role, psychology is uniquely positioned to access the core of social relations – an essential vantage point from which to confront psychic suffering, illness, inequality, environmental degradation, and widespread

societal distress. These are realities manifested in both individuals and collectives that call for psychological engagement. This research reaffirms the potential of contributing to a psychology that is scientific, political, inclusive, and transformative – one that advances a more humanized life.

Keywords: Human Development; Psychology; Historical-Cultural Psychology; Historical-Dialectical Materialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1- Teses e dissertações Capes – Primeira seleção	55
Quadro 2- Artigos por bases – Primeira Seleção	56
Quadro 3- Dissertações da Capes – Seleção final	58
Quadro 4- Artigos com referências e bases de consulta – Seleção final.....	59
Quadro 5- Tipos e quantidades de produção por fundamentação teórica	61

TABELAS

Tabela 1- Produções por bases consultadas (busca por palavras-chave e filtros)	52
Tabela 2- Capes – busca com a palavra-chave formação humana	53
Tabela 3- Seleção de produções que abordam o tema de pesquisa na área de psicologia.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO	20
1.1 Trajetória da evolução biológica do animal ao ser humano	23
1.2 Percorso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural	30
1.3 Desenvolvimento do indivíduo: uma trajetória humano genérica	38
1.4 Tecendo algumas considerações	47
2 A PRESENÇA DO TEMA FORMAÇÃO HUMANA EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA.....	50
2.1 Procedimentos de busca e primeiros dados da pesquisa.....	51
2.2 Apresentação e discussão dos dados selecionados	58
2.2.1 Partindo da trajetória da evolução biológica	62
2.2.2 Partindo da trajetória sócio-histórica.....	63
2.2.3 Foco na trajetória do desenvolvimento do psiquismo individual	69
2.3 Tecendo algumas considerações	81
3 A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A FORMAÇÃO HUMANA.....	86
3.1 A construção de uma nova psicologia	92
3.2 O desenvolvimento do psiquismo humano – as funções psicológicas superiores....	98
3.3 Atividade e formação do psiquismo – periodização do desenvolvimento.....	108
3.4 Tecendo algumas considerações	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

Foram mais de trinta anos como psicóloga até o contato com a psicologia histórico-cultural e seus fundamentos marxianos, na condição de aluna especial do mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, em tempos de pandemia, quando cursei a disciplina *A constituição da subjetividade na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural*, ministrada pela Prof^{ra}. Marilda Facci. Tivemos uma aula com a Prof^{ra}. Marisa Meira, como docente convidada, sobre o tema da psicologia escolar e educacional, e foi aí que aconteceu para mim a grande provocação. Ela iniciou sua exposição indicando três questões que todo psicólogo e toda psicóloga precisam responder: *como se forma o ser humano? Que relações são produzidas na sociedade? O que a educação tem a ver com isso?* Eram questões de indiscutível relevância para a psicologia e não havia como discordar daquele posicionamento que muito me impactou, ao mesmo tempo em que evidenciou a necessidade de uma reflexão acerca do significado social do meu trabalho durante tantos anos.

Compreendo hoje que aquele momento foi a pedra fundamental ou o *locus nascendi*¹ do meu problema de pesquisa. Algum tempo, leituras, apoios e muita orientação se fizeram necessário para transformá-lo no estudo que abracei, desenvolvi e que resulta hoje nessa dissertação de mestrado – um estudo sobre a concepção de ser humano, o processo de formação e sua importância para toda área de atuação da psicologia - e não apenas para a psicologia escolar e educacional - tomada em sua totalidade enquanto ciência humana.

Continua crescente o meu interesse e a necessidade de estudar a psicologia sob a perspectiva histórico-cultural, uma ciência psicológica que supera dicotomias historicamente presentes na psicologia (corpo-alma, subjetivo-objetivo, idealismo-materialismo), explicitando sua histórica crise quanto ao objeto de estudo (Vigotski, 1927) e aproximando a compreensão do ser em sua totalidade e unidade dos contrários, através de um método científico – o materialismo histórico e dialético. Passei a ampliar meu conhecimento sobre a literatura produzida por essa vertente teórica, particularmente em publicações da psicologia escolar e educacional, participando de grupos de estudo de Vigotski e de cursos ministrados por professores e pesquisadores vinculados à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Em 2020 e 2021, como já foi mencionado, fui aluna especial do mestrado em psicologia, cursando disciplinas sobre o processo de ensino e aprendizagem, a psicologia escolar e educacional e sobre a constituição da subjetividade, segundo fundamentos da

¹ Conceito da Socionomia de J.L.Moreno, referindo-se à matriz ou gênese de um fenômeno social.

psicologia histórico-cultural. Foi um grande marco nessa trajetória compreender o significado da interface entre a Psicologia e a Educação, refletir sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento sob determinações sociais, o processo de nos tornarmos o ser humano que somos. Tudo isso vem transformando a minha visão de ser humano, de indivíduo e de sociedade e provocando transformações em meu trabalho, em minha atuação como psicóloga.

Outro destaque importante nesse processo foi a mudança do lugar do estudo em minha vida. Naquele ano de 2020 – um tanto facilitado pelos tempos da pandemia – passei a estudar para aprender, para fruir conhecimento, desfrutar e encontrar ideias geradoras de motivo para a ação e transformação. Minha trajetória profissional foi pontuada por buscas de atualizações e reflexões teórico-conceituais, contudo, predominava o estudo funcional, para aplicação imediata em atividades específicas, como psicóloga do campo organizacional e do trabalho² ao longo dos anos, realizando atividades de caráter social e educacional.

Com esse aprendizado se processando, tomo consciência de que, nos últimos quinze anos de profissão, eu tinha de certo modo “abandonado a psicologia”, buscando na Socionomia de Jacob Levy Moreno (1889-1974)³ os fundamentos do meu trabalho como psicóloga. A abordagem moreniana, como o próprio autor afirma, é dialética no que diz respeito à constituição do ser social, e se fundamenta em bases materiais na realização do seu método de ação-intervenção. Em sua origem a proposta moreniana se constituiu inovadora - uma nova ciência entre a psicologia e a sociologia – porém, em sua trajetória após os anos 1970, vem lutando para não perder a sua essência transformadora (Moreno, 2008; Coimbra, 1996; Merengué & Dedomenico, 2020; Vieira, 2025). Constatei o fato de que, ao invés de abraçar uma abordagem no campo da psicologia, adotei a socionomia como fundamento do meu trabalho e até mesmo assumi a identidade profissional de *psicodramatista*, em lugar de psicóloga. Hoje tenho clareza de que as aproximações materialistas e dialéticas da socionomia explicam bem essa minha escolha, já em direção a uma *outra psicologia*.

Passei a fazer aproximações à teoria social de Marx e ao materialismo histórico e dialético, lendo e estudando sobre a base teórica e filosófica reconhecida como insuperável para explicar a origem da sociedade em que vivemos, a sociedade capitalista. Fiz cursos e leituras sobre fundamentos marxianos, mergulhando em concepções sobre ser humano e a estrutura de sociedade sob a qual nos constituímos humanos. O mestrado me reaproximou da psicologia, à luz da psicologia histórico-cultural e do materialismo histórico-dialético, e o processo de

² Título de especialista conferido pelo CFP.

³ Socionomia, ciência dos grupos criada por Moreno e mais conhecida pelo nome de Psicodrama, seu principal método de intervenção.

apropriação desses conhecimentos vem produzindo novas objetivações, que renovaram para mim o sentido de ser psicóloga, traduzido não apenas na volta aos estudos, mas no interesse em pesquisa e em ciência e na aplicação dos princípios em minha atuação profissional. Ao mesmo tempo em que expande a minha visão sobre a psicologia como ciência e profissão, amplia a minha consciência de ser social, historicamente constituída e que constitui a história, através do trabalho.

A decisão de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI/UEM) consolidou a retomada da perspectiva científica da psicologia, criando condições para a reflexão crítica sobre conhecimentos e práticas e a perspectiva de produzir uma contribuição para a psicologia. No segundo semestre do mestrado e, em função da sensível capacidade de investigação da minha orientadora, encontrei (encontramos) o meu (nosso)⁴ tema de pesquisa – o processo de formação humana, o seu lugar na psicologia e as contribuições da psicologia histórico-cultural. No exame de qualificação, contamos com a inteligência, afetividade e sensibilidade crítica das professoras que, valorizaram esse percurso e muito contribuíram para dar clareza aos nossos propósitos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a concepção de formação humana, à luz a psicologia histórico-cultural, com o propósito de discutir a importância dessa concepção para a atuação profissional nas diversas áreas da psicologia. Partiremos dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, que se fundamente no materialismo histórico e dialético e, embora o interesse pela temática tenha se iniciado a partir das discussões empreendidas na área de Psicologia Escolar e Educacional, compreendemos que essa discussão é necessária para a atuação nos diferentes campos de intervenção da ciência psicológica.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, a *formação humana* resulta de um processo que se constitui ao longo da história que é dos indivíduos e da humanidade, sendo expressão e resultado da história social, da atividade humana objetivada, para nos referirmos a alguns dos elementos que o constituem. Consideramos o processo de formação humana, numa perspectiva ontológica – o conjunto de características do objeto que constituem o ser humano como um *ser* – envolvendo o conhecimento sobre como os indivíduos se formam ao longo da sua vida (historicamente), e vão desenvolvendo a sua individualidade, por meio das relações sociais, e assim, também constituindo o gênero humano (Duarte, 2013).

O tema, em nosso entendimento, se relaciona diretamente ao objeto de estudo da psicologia, mesmo considerando a diversidade de concepções existentes sobre o que seja o

⁴ A partir desse parágrafo, passo a usar a primeira pessoa do plural ou terceira do singular – voz passiva sintética.

objeto de estudo da psicologia. O rigor científico a partir do qual se fundamenta tal concepção, como discutiremos ao longo do texto, nos levou, inicialmente a questionar e, ao final a afirmar que ela é necessária e essencial para as diversas áreas da psicologia, tais como clínica, hospitalar, escolar/educacional, organizacional e do trabalho, jurídica, entre outras.

Como toda ciência, a psicologia existe na perspectiva de produzir benefícios para a vida humana, e, assim, assume um compromisso social de ação e transformação na direção do desenvolvimento humano, da humanização. É o que encontramos nos princípios fundamentais do código de ética do psicólogo e psicóloga, instrumento definidor da concepção e da prática da psicologia no Brasil, produzido pelo Conselho Federal de Psicologia, sendo sua última versão datada de 2005⁵. Nos primeiros itens temos que o trabalho da psicologia, por assim dizer, volta-se à saúde e qualidade de vida de pessoas e comunidades, preservando direitos humanos fundamentais (CFP, 2005, p. 7).

I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁶

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Um código de ética profissional tem como missão normatizar a natureza técnica do trabalho, e é um documento seminal que tem o propósito de “(...) assegurar, dentro de valores relevantes para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social daquela categoria” (CFP, 2005, p. 5).

No próprio texto do código de ética, no princípio III, encontramos que responsabilidade e reconhecimento social implicam em conhecer (para analisar) a realidade política, econômica, social e cultural, historicamente estabelecidas.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática.

Analisar crítica e historicamente uma realidade, requer fundamentos que encontramos na psicologia histórico-cultural, a partir do materialismo histórico-dialético. Esse conjunto de

⁵ Para mais, ver em: [codigo-de-etica-psicologia.pdf\(cfp.org.br\)](http://codigo-de-etica-psicologia.pdf(cfp.org.br))

⁶ Para mais, ver em: [Declaração Universal dos Direitos Humanos | As Nações Unidas no Brasil](http://Declaração%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos%20-%20As%20Nações%20Unidas%20no%20Brasil)

princípios que norteiam a ação da psicologia em seu código de ética, a nosso ver, por si só justificaria a defesa sobre a relevância da concepção de formação humana para a psicologia, enquanto ciência e profissão. Referindo-se à gênese da palavra *forma*, Antunes (2018) menciona que ela se relaciona com a essência necessária das coisas, formação implica no ato de formar, de criar, de instituir forma. Nesse caso, estamos tratando da forma humana, da sua realidade, sua substância e essência – o que faz o ser se constituir como ser humano.

O que buscamos fazer com esse estudo é explicitar de modo mais apurado possível essa relevância, uma vez que ela está na gênese do nosso objeto de estudo e gera implicações para a psicologia, em toda área de aplicação. Meira (2012) afirma que a constituição histórica e social do indivíduo, passou a ser um discurso do senso comum, não havendo como conceber que o contexto em que nos inserimos e nos tornamos humanos, é a realidade social, tornando-se uma evidência incontestável. Todavia, a autora alerta que persiste a necessidade de maiores significados e consequências dessa compreensão, e não apenas afirmar sobre a evidência do fenômeno, sem se debruçar sobre ele de forma ampla. De certo modo, o presente estudo é mais uma tentativa de seguir investigando significados e consequências dessa afirmação – a formação social humana – no intuito de reafirmar a sua relevância para toda área de atuação da psicologia.

Em 2012, um grupo de professores do programa de pós-graduação em psicologia da UEM, congregando as três linhas de pesquisa, publicou um livro sob o título de *A Constituição do sujeito e a historicidade* e o contato com essa obra trouxe reflexões iniciais e estímulo sobre o tema do presente estudo. Tomado como um convite ao diálogo, partiam de considerar que, a rigor, a constituição do sujeito é a base de construção da própria ciência psicológica, uma unidade na diversidade de abordagens adotadas pelas diversas linhas do programa (Tomanik, Caniato & Facci, 2012).

Para sistematizar o estudo de um tema tão amplo, tomamos como ponto de partida elaborar uma síntese teórica sobre a concepção de formação humana, a partir de obras de Marx e Engels e de autores marxianos contemporâneos, indo na base no materialismo histórico e dialético, o fundamento teórico metodológico da psicologia histórico-cultural. Desdobramos o processo de constituição do ser humano em três trajetórias: da evolução biológica do animal ao ser humano, o percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural e o desenvolvimento do indivíduo como trajetória humano genérica (Vygotsky & Luria, 1996). A primeira trajetória aborda aspectos que caracterizam a gênese da vida, para delinear alguns traços da filogenética humana, a partir de sermos seres naturais (Marx, 2010), abordando as esferas ontológicas concebidas por Luckács (Lessa, 2016), até iniciarmos no segundo tópico, a trajetória, “da

evolução histórico-cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo ao homem cultural moderno” (Vigostki & Luria, 1996, p. 151). Nela seguimos versando sobre o movimento do que constitui a essência humana, que é a atividade, o trabalho, a ação humana. A terceira trajetória discute “a evolução do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese)” (Vigotski & Luria, 1996, p. 151), como se dá a constituição do ser humano, como processo de aprendizagem social do indivíduo, destacando a dinâmica apropriação-objetivação na constituição da individualidade para si (Duarte, 2013); e a dialética indivíduo-sociedade (Heller, 2016; Oliveira, 2005), entre outros autores e autoras, na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Essas abordagens constituem desdobramentos dessa dinâmica geradora da atividade humana, o processo singular de entender o ser humano quanto à formação da sua individualidade e em sua dimensão humano-genérica.

Realçamos que elas não darão conta de explicar a totalidade desse complexo processo, todavia são um caminho de aproximação ao conhecimento, através de partes que compõem a sua totalidade. Nosso intuito foi esclarecer a que estamos nos referindo quando usamos a expressão *formação humana*, ao longo do texto e em todo o nosso estudo, que tem como princípio esse fundamento teórico-metodológico – o materialismo histórico e dialético, sendo que as trajetórias desdobram elementos para esta compreensão. Mais à frente veremos que elas foram tomadas como referências de análise – eixos teóricos que nortearam a discussão sobre a presença da concepção do tema na psicologia e sobre a sua importância para todas as áreas de atuação.

A ciência tem como pressuposto a existência concreta e real de uma história humana que vem se produzindo ao longo do tempo, em condições históricas e socialmente estabelecidas. Sendo a psicologia uma ciência, parte-se desse entendimento, para defender, no presente estudo, a essencial e importante relação existente entre a compreensão de formação do ser humano e o objeto de estudo da psicologia (unidade), seja ele considerado o comportamento, a consciência, a personalidade, a subjetividade, entre outros, como apontam Bock, Teixeira e Furtado (2018).

O que a psicologia tem estudado sobre esse tema? Essa foi a questão que norteou o segundo passo metodológico que adotamos ao pesquisar em produções teóricas contemporâneas a presença do tema formação humana, por meio de uma revisão bibliográfica realizada em maio de 2024. Apresentamos na Seção 2 o resultado da revisão literária das publicações da área de conhecimento da psicologia, inserida na grande área Ciências Humanas⁷ e Ciências da Saúde, realizada por buscas não sistemáticas de artigos e produções acadêmicas,

⁷ Para mais, ver em: [Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação — CAPES \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/capes).

que abordam o tema – concentrando em teses e dissertações e artigos científicos, no Catálogo de teses e dissertações da Capes, no Portal Regional BVS e na biblioteca SciELO. Para identificar a presença do tema, utilizamos três termos como palavras-chave que foram: *constituição do sujeito*, *formação do indivíduo*, além de *formação humana*.

Os dados quantitativos retrataram que, a partir de mais de seis mil trabalhos localizados com a busca pelas palavra-chave, encontramos 499 produções associadas à palavra psicologia. Deste total, após a leitura de resumos e outras partes dos textos, foram selecionadas apenas 32 – sendo 17 artigos científicos e 15 dissertações de mestrado – que continham o tema em seu estudo e que o abordavam como objetivo secundário de pesquisa, como tópico de artigo, capítulo ou seção nas dissertações.

Para realizar o tratamento e análise dos dados, classificamos as produções, utilizando como referência as trajetórias do estudo teórico da seção 1: da evolução biológica do animal ao ser humano; do percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural; e o eixo do desenvolvimento do psiquismo individual do recém-nascido ao adulto. Do total de 32 trabalhos constatamos a presença de quase 50% com base na psicologia histórico-cultural, seguida da psicanálise e teoria crítica da sociedade, e ainda do existencialismo sartreano. A maior parte das produções teóricas contemporâneas discute a constituição do sujeito a partir da perspectiva da sua formação como ser em sua individualidade, ou seja, foram considerados com foco no desenvolvimento do psiquismo do recém-nascido ao adulto.

Na seção 3 apresentamos elementos teóricos acerca do desenvolvimento humano, que sustentam a concepção de formação humana e evidenciam a relevância do domínio deste conhecimento científico para a psicologia, à luz da psicologia histórico-cultural. Concentramos a abordagem em duas vertentes: o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a periodização do desenvolvimento. Processos que se interpenetram para explicar a concepção de trabalho/atividade como essência humana, detalhando sobre fenômenos de apropriação da realidade humana que resultam na formação do psiquismo individual e sua constituição, do nascimento até a idade adulta. A partir de Leontiev (2004), concluímos que a pesquisa científica em psicologia necessita ser orientada numa filosofia de unidade entre fenômenos naturais e sociais, uma ciência única da vida psíquica, como preconiza o materialismo histórico-dialético

Ao final afirmamos que todo o campo de atuação da psicologia, em uma perspectiva transformadora, precisa dessa concepção de formação humana, trazida pela psicologia histórico-cultural. Defendemos uma psicologia que conheça o ser humano sócio-histórico que somos, produtor e produto de uma totalidade histórica e cultural, a ser reconhecido e tratado para além do alívio de sintomas. Tudo o que se tem de humano se origina da vida em sociedade

e o que é dado pela natureza não basta, evidenciando que a formação humana é um processo de tornar-se humano (Leontiev, 2004; Aita & Facci, 2011). Argumentamos em direção a conceber o processo de formação humana a partir dos fundamentos do materialismo histórico-dialético, sendo caminho para viabilizar as ações da psicologia, no sentido da humanização.

Na visão que aqui defendemos e considerando, particularmente na atualidade, as manifestações de desumanidade neofascista (Löwy, 2021), a psicologia necessita desse conhecimento como princípio e caminho para que ela possa contribuir para a humanização da sociedade, a partir da sua atuação mediadora de relações sociais, podendo desse modo cumprir sua função como ciência, repercutindo em uma prática social transformadora, em direção a uma vida mais humana para toda a humanidade.

1 FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Esta seção apresenta uma síntese teórica sobre a concepção de formação humana, fundamentada em obras de Karl Marx e Engels e publicações de autores brasileiros contemporâneos, estudiosos da obra marxiana. Numa perspectiva ontológica sobre a concepção de formação humana, procuramos abstrair categorias que fundamentem uma discussão sobre a psicologia em relação à constituição do sujeito, seu objeto de estudo. Por perspectiva ontológica, estamos nos referindo ao conjunto de características do objeto que constituem o ser humano como um *ser*. Tratamos sobre a constituição do sujeito humano na sua caracterização como ser da natureza, considerado enquanto ser individual e social, um ser genérico, ou seja, pertencente ao gênero humano e constituído historicamente.

No presente estudo discutimos ser uma questão central para a psicologia compreender o que nos faz humanos enquanto seres sobre a terra e como temos nos constituído nesse processo histórico e social, ao longo do tempo, que conhecemos como a história da existência humana. Trata-se de uma história que é dos indivíduos e da humanidade, simultaneamente se constituindo o processo de formação do gênero humano, sendo expressão e resultado da história social, da atividade humana objetivada numa trajetória que vai do ser singular, ao ser genérico (Duarte, 2013). Essa consideração inicial ou hipótese de que partimos se complementa com uma segunda ideia que aqui apresentamos como relevante para o estudo desse tema na psicologia: à luz do materialismo histórico-dialético a visão de ser humano aproxima a psicologia de um conhecimento científico sobre a formação do sujeito concreto, objetivando-a como ciência que se propõe a intervir e transformar o cotidiano da vida social, portanto a vida real e material.

Afirma Tonet (2006) que o processo de formação humana é histórico e socialmente datado, possuindo traços de continuidade e descontinuidade, configurando determinações variadas, de difícil apreensão em sua totalidade. Todavia, ele também afirma ser possível apreender alguns traços gerais que carregam alguma identidade com o tema e nos possibilitam desdobramentos conceituais que constituem a formação humana, em sua totalidade.

Em busca de constituirmos traços gerais, referidos por Tonet (2006), no intuito de sistematizar a síntese teórica da presente seção, seguimos uma direção indicada por Vigotski e Luria. No livro *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*, os autores sugerem o que citamos aqui:

Se desejarmos estudar a psicologia do homem cultural adulto, devemos ter em mente que ela se desenvolveu como resultado de uma evolução complexa que combinou pelo menos três trajetórias: a da evolução biológica desde os animais até o ser humano, a da evolução histórico cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno, e a do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese), com o que um recém-nascido atravessa inúmeros estágios tornando-se um escolar e a seguir um homem adulto cultural (Vigotski & Luria, 1996, p. 151).

De acordo com os autores o homem cultural adulto, resulta de *pelo menos* três trajetórias, e enfatizam que estudar cada uma dessas trajetórias de desenvolvimento envolve manter a perspectiva de entender que cada uma delas resulta em constituir, em cada ser humano, o “seu próprio caminho individual, que sofre a influência de fatores específicos e passa por estágios de desenvolvimento específicos muitas vezes idiossincráticos” (Vigotski & Luria, 1996, p. 151).

Para a finalidade desse estudo teórico, a proposta é fazer o desdobramento do tema por meio dessas três trajetórias. A primeira delas aponta para a perspectiva filogenética – sobre a espécie humana, sobre a evolução biológica do animal ao ser humano. A segunda trajetória discorre sobre o percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural, sua constituição histórica por meio do trabalho e das relações sociais, em síntese a essência humana. Na terceira trajetória se discute o aspecto ontogenético do desenvolvimento do indivíduo, do psiquismo humano, o percurso do recém-nascido ao adulto cultural, que aqui abordaremos no que se refere à formação do indivíduo, no processo de objetivação-apropriação e na unidade indivíduo-sociedade.

Consideramos que o desdobramento dessas trajetórias traz a possibilidade de compreender essas três dimensões do complexo processo de formação humana. Tomados como categorias de análise, com esses elementos conceituais pretendemos configurar eixos teóricos para nortear a discussão sobre a presença da concepção de formação humana em publicações da psicologia, com base do materialismo histórico-dialético, bem como fundamentar os demais pontos abordados nessa dissertação⁸.

A partir do método em Marx, é pertinente lembrar que nele (no método) atribui-se um caráter objetivo à teoria, afirmando-se que ela (a teoria) não constrói o objeto, e sim reproduz seu movimento e suas características na forma ideal, a forma do pensamento e da abstração, em

⁸ Na seção 2 encontra-se o levantamento bibliográfico produzido por meio de uma revisão narrativa de literatura na área da psicologia

suas categorias. Conhecimento teórico é a reprodução ideal do movimento real do objeto, ou seja, a teoria quer extrair da realidade o seu movimento efetivo (Netto, 2011) e essa será nossa busca em relação ao objeto de estudo. Temos nessa seção um objeto ou uma matéria a ser capturada pela razão (ou pela ciência) – a concepção de formação humana – e sobre ele debruçamo-nos, reproduzindo a materialidade da sua existência enquanto teoria para, dentro das condições históricas e sociais existentes e dos limites do presente estudo, captar “pormenores da matéria”, na perspectiva marxiana, como refere Carli (2019).

Para uma breve síntese do tema, podemos dizer que a *Formação Humana* é o processo de constituição do sujeito como espécie animal (filogênese) e como gênero humano (ontogênese), processo que se estabelece em relação de mutualidade dialética e na dimensão sócio-histórica.

No primeiro tópico, tomamos como perspectiva a existência do ser em si, de aspectos que caracterizam a gênese da vida, semelhanças e diferenças na relação com os demais seres, para compreender alguns traços da trajetória filogenética do ser humano. Trazemos explicações sobre o que nos torna humanos, a partir de sermos seres naturais (Marx, 2010), abordando as esferas ontológicas concebidas por Luckács (Lessa, 2016), até iniciarmos no segundo tópico, a outra trajetória, a “da evolução histórico-cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo ao homem cultural moderno” (Vigostki & Luria, 1996, p. 151). Neste tópico seguimos versando sobre o movimento do que constitui a essência humana, que é a atividade, o trabalho, a ação humana. Baseando as discussões principalmente em Marx e Engels (1977), no livro *A Ideologia Alemã*, em Alexis Leontiev (2021), no livro *Atividade, Consciência e Personalidade* e Caio Antunes (2018), no livro *A Escola do Trabalho*; entre outros autores e obras, abordamos a produção da vida material e do conhecimento humano, por meio do trabalho.

No terceiro tópico abordaremos a trajetória que discute “a evolução do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese)” (Vigotski & Luria, 1996, p. 151). Para abordar esse aspecto ontogenético da formação humana, vamos discutir como se dá a constituição do ser humano como processo de aprendizagem social do indivíduo, destacando a dinâmica apropriação-objetivação na constituição da individualidade para si (Duarte, 2013); e a dialética indivíduo-sociedade (Heller, 2016; Oliveira, 2005), entre outros autores e autoras, na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Essas abordagens constituem elementos dessa dinâmica geradora da atividade humana, em seu caminho histórico, por meio do processo de constituição do ser individual. Com a intenção de nos atermos ao processo singular de

entender o ser humano quanto à formação da sua individualidade, buscamos perceber como se dá o processo na perspectiva de uma aprendizagem social que o torna humano.

Com os referidos tópicos, vamos percorrer os três movimentos ou trajetórias na busca de discorrer sobre o nosso objeto de estudo – a formação humana – sem perder a totalidade da sua concepção e, ao mesmo tempo, divisando alguns pormenores que ampliem a condição de compreendê-lo, na direção de nos aproximarmos da sua essência. Numa tentativa de desdobrar a *processualidade* da formação humana em “pormenores da matéria”, como traços inseparáveis a serem apreendidos sobre esse processo, em seus aspectos filogenético, sócio-histórico e ontogenético, e, ao mesmo tempo, mantendo a categoria central no pensamento de Marx, a categoria da totalidade (Netto, 2011).

1.1 Trajetória da evolução biológica do animal ao ser humano

Nesse tópico abordamos a existência do ser em si, elementos que caracterizam a gênese da vida humana em relação aos demais seres sobre a terra, para perceber alguns aspectos distintivos da configuração dessa condição de ser humano, em outras palavras, o que faz humano o ser humano em sua trajetória como espécie frente aos outros seres da natureza, ou seja, em sua trajetória filogenética. Trata-se da evolução biológica desde os animais até o ser humano, como aponta Leontiev (2004, p. 279) que, “de longa data, o homem é considerado como um ser à parte, qualitativamente diferente dos [outros] animais”.

No intuito de ir à gênese do fenômeno, iniciamos com algumas abordagens sobre o processo de transformação do ser humano animal em ser cultural. Compreendendo a atividade de trabalho como “condição básica e fundamental de toda vida humana” (Engels, 1876/2004, p. 1), retomamos fundamentos do materialismo histórico, para evidenciar o que diferencia o humano dos demais animais.

À luz da ciência e nas raízes do método materialista histórico-dialético, não nascemos humanos e sim nos tornamos humanos (Engels, 1876/2004). Qual a implicação dessa visão quanto ao objeto de estudo da psicologia, mesmo considerando a diversidade de concepções existentes sobre o que seja o objeto de estudo, princípios epistemológicos e metodológicos? Se o ser não nasce humano, que relações sociais o produzem? Como vamos compreender a diversidade de condições em que os seres humanos são produzidos, desde as condições materiais de vida e toda uma infinidade de experiências em que está envolvido ao longo da sua vida? A psicologia, tomada em sua totalidade científica não tem como não estar diretamente implicado nesta questão, mas voltemos à gênese do processo.

O ponto de partida da ciência concebe a constituição do ser humano em bases concretas, na teoria da evolução de Charles Darwin um marco até hoje reconhecido sobre a evolução da vida sobre a terra, que explica o processo de transformação do macaco em ser humano. Em defesa do trabalho como a “condição básica e fundamental de toda vida humana”, Engels escreve em 1876, o clássico texto – para o marxismo – “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, afirmando que “o trabalho criou o próprio homem” – o ser humano. Ele defende alguns marcos decisivos neste processo de transição do biológico ao cultural, como a adoção de uma posição ereta e o uso das mãos, aperfeiçoados pelo trabalho, sendo não “apenas o órgão do trabalho; é também um produto dele”. Como membro de um organismo íntegro e complexo, o aperfeiçoar o uso das mãos beneficiava outros aspetos, “em virtude da lei que Darwin chamou de correlação do crescimento”. E assim, “a necessidade criou o órgão”, este e outros, como foi o caso da laringe, que, se transformando, gerou a articulação de sons, estando na origem da fala. O trabalho e a palavra articulada foram estímulos para a configuração do cérebro humano e, na medida em que se desenvolvia, “desenvolviam-se também seus instrumentos imediatos: os órgãos dos sentidos” (Engels, 1876/2004, pp. 1-2).

Foi necessário, seguramente que transcorressem centenas de milhares de anos -que na história da Terra tem uma importância menor do que um segundo na vida de um homem – antes que a sociedade humana surgisse daquela manada de macacos que trepavam pelas árvores, mas afinal, surgiu. E que voltamos a encontrar como sinal distintivo entre a manada de macacos e a sociedade humana? Outra vez, o trabalho (Engels, 1876/2004, p. 3).

Engels ressalta, porém, que o verdadeiro sentido de trabalho, atividade mediadora entre o ser humano e a natureza, que é constituído e que produz a sua existência, começou verdadeiramente a partir da elaboração de instrumentos.

Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas a propor se a alcançar objetivos cada vez mais elevados (Engels, 1876/2004, p.4).

Em largos passos, percorrendo o desenvolvimento do gênero humano no caminho do trabalho, temos que este se estendeu a uma diversidade de atividades, se aperfeiçoando e sendo transmitido entre gerações, caça e pesca, agricultura, fiação e tecelagem, elaboração de metais, olaria e navegação, até chegar à atividade de comércio, as artes e as ciências. “... das tribos saíram as nações e os Estados. Apareceram o direito e a política, e com eles o reflexo fantástico das coisas no cérebro do homem: a religião”, apontava Engels e seguia afirmando que as

criações se manifestaram primeiro como produto do cérebro e passaram a dominar a sociedade até os dias de hoje, em que se explica a vida humana mais pelo pensamento do que pelas necessidades. Esse é um ponto importante defendido por ele porque explica uma das origens da divisão social do trabalho, do afastamento entre o pensar e o agir humanos, fenômeno que dicotomiza e fragmenta a atividade, com implicações no trabalho e, portanto, no desenvolvimento humano.

Engels argumenta que atividades de produção mais modestas, fruto do trabalho com as mãos, ficaram relegadas a segundo plano, prevalecendo a “cabeça que planejava o trabalho” (Engels, 1876/2004, p. 9). As atividades são naturalmente refletidas na mente humana assim que se adquire consciência e ele conclui que

Foi assim que, com o transcurso do tempo, surgiu essa concepção idealista do mundo que dominou o cérebro dos homens, sobretudo a partir do desaparecimento do mundo antigo, e continua ainda a dominá-lo a tal ponto que mesmo os naturalistas da escola darwiniana, mas chegados ao materialismo são ainda incapazes de formar uma ideia clara acerca da origem do homem pois essa mesma influência idealista lhes impede de ver o papel desempenhado aqui pelo trabalho (Engels, 1876/2004, p. 9).

Leontiev (2004) discorre sobre a constituição do ser humano, a partir da natureza animal e do processo de hominização, ou seja, da aquisição de características humanas. A acumulação de conhecimentos concretos da ciência biológica levou Darwin a elaborar a teoria da evolução e desde então sabemos que o ser humano é produto do mundo animal, sendo distinto radicalmente das outras espécies, e considerado um ser qualitativamente diferente por sua *natureza social*, fruto da cultura criada pela própria humanidade, da qual ele faz parte, como trazido por Leontiev (2004), no texto *o Homem e a Cultura*.

A partir de estudos da antropologia e paleontologia, que, numa perspectiva evolutiva, refere-se ao processo de transformações fisiológicas das espécies ancestrais – dos primatas, até o *homo sapiens*, aponta Leontiev que:

No século passado [sec. XIX]⁹, pouco após o aparecimento do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, Engels, sustentando a ideia de uma origem animal do homem [ser humano]¹⁰, mostrava ao mesmo tempo que o homem [ser humano] é profundamente distinto dos seus antepassados animais e que a hominização resultou da passagem à vida

⁹ Entre colchetes a nota é da autora do presente texto.

¹⁰ A expressão “ser humano” entre colchetes é da autora do presente texto e tem a intenção de esclarecer que o significado de “homem” ali e em muitas citações aqui utilizadas, deve ser entendida como “ser humano”, no sentido da espécie humana. Esse uso era corriqueiro na literatura de época e procuramos, na medida do possível, substituir pela expressão “ser humano”, deixando no original apenas nas citações diretas.

numa sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas às leis sócio-históricas (Leontiev, 2004, p. 280).

O autor refere que no estágio do *homo sapiens*, momento de viragem da evolução do ser humano, essa passa a ocorrer de modo menos dependente de mudanças biológicas que se transmite lentamente, por hereditariedade. “A hominização, enquanto mudanças essenciais na organização física do homem, termina com o surgimento da história social da humanidade” (Leontiev, 2004, p. 282).

A partir de então, *apenas* as leis sócio-históricas vão reger a evolução do ser humano, como afirma Leontiev (2004). O destaque na palavra *apenas* é do próprio autor, dando ênfase ao fato de que mesmo as mudanças de efeito imediato na ordem biológica da vida (como, por exemplo, as mudanças no padrão de alimentação), são inseparáveis das determinações sociais a que estão submetidas (o mercado de alimentos).

Para ampliar a compreensão sobre a vida e a existência humana em si, recorremos a Lessa (2016) que aborda três esferas ontológicas concebidas por Lukács, caracterizando-as de modo contributivo para a presente discussão. Discorrendo sobre o que designa a existência humana e considerando a dimensão ontológica dessa questão, temos Sérgio Lessa (2016), intérprete de Lukács e da sua Ontologia do Ser Social, que nos diz:

Para Lukács, portanto existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta (pp. 19-20).

Lessa (2016) distingue assim, as três esferas ontológicas concebidas por Lukács, destacando como se manifestam de modos diferentes. A esfera inorgânica da vida sobre a terra se manifesta em um processo de transformação de algo em outro algo diferente. Pedra se converte em terra, montanha em vale, a água em chuva. Na esfera biológica da vida, a existência se manifesta pela reprodução, pela repetição incessante, constatada na esfera orgânica dos vegetais e dos animais. Já a existência humana se manifesta na incessante produção de fatos novos, num processo de acumulação que eleva a consciência do *em si*, do que de fato *é*, do ser que se reconhece na sua própria história. Refere-se ainda a “uma distinção ontológica (na sua forma concreta de ser): a processualidade social é distinta, no plano ontológico, dos processos naturais” (Lessa, 2016, p. 19).

Em síntese, temos os distintos movimentos nas três esferas: a vida em sua expressão inorgânica se transforma, na esfera biológica se reproduz e a dimensão humana da vida é que produz o novo. Sérgio Lessa (2021), referindo-se a Lukács, aponta que a substância do ser humano é histórica e a substância do seu mundo, o mundo dos seres humanos, é social.

(...) a substância (do ser humano) é histórica porque a sua essência e a sua esfera fenomênica consubstanciam-se ao longo do seu próprio processo. (...). Por social, Lukács, após Marx, concebe uma substância do mundo dos homens, resultado exclusivo da ação e do pensamento humano, enquanto indivíduos e enquanto gênero humano (Lessa, 2021, p. 45).

Esse enfoque será tratado no próximo tópico, sobre a trajetória sócio-histórica da formação humana, portanto, voltemos à abordagem sobre a passagem do animal ao ser humano, partindo da dimensão filogenética.

Leontiev (2004), evocando dados da paleantropologia, refere-se ao processo de passagem do animal ao ser humano em três estágios: o da preparação biológica, caracterizado por conhecerem a postura vertical, animais de vida gregária, que usavam utensílios rudimentares, possivelmente com meios primitivos de comunicação; o segundo estágio seria o de uma suposta “passagem ao homem”, o início da fabricação de instrumentos, com formas embrionárias de trabalho e sociedade. A vida estava mais submetida a leis biológicas, em que se registram alterações anatômicas transmitidas por hereditariedade. Até chegar ao terceiro estágio, com uma nova mudança entre papel biológico e social, quando surge o *homo sapiens*, o momento de viragem em que o ser se liberta das leis biológicas e apenas as leis sócio-históricas regerão sua evolução.

Seguimos a discussão trazendo argumentos em Marx (2010) que, afirma a natureza imediata dos seres humanos, como seres da natureza. Ele aborda aspectos da sua existência corpórea, tratando de semelhanças com os demais seres não humanos e da relação do ser com a natureza, da relação sujeito-objeto e da materialidade da vida.

O que nos torna humanos é uma condição que parte de sermos imediatamente *seres naturais*, como afirma Karl Marx (2010). A qualidade de ser natural nos remete a características, necessidades e limitações de ordem físicas ou biológicas, elementares para a sobrevivência humana. Munido de forças vitais, somos seres naturais ativos que, constrangidos por necessidades naturais (comer, beber, abrigar-se, vestir-se), possuímos capacidades físicas para suprir essas necessidades.

Marx (2010) assim expõe sua visão de ser humano, “ao lado de ser natural, corpóreo, sensível, objetivo, ele é um ser que sofre, dependente e limitado, assim como o animal e a

planta, isto é, o objeto de suas pulsões existe fora dele, como objetos independentes dele” (p. 127).

Nesse aspecto, o ser natural que somos não é diferente dos demais seres da natureza. Por exemplo o sol é objeto da planta e a planta objeto do sol, ou seja, eles existem numa relação mútua de serem imprescindíveis para a vida um do outro. Nas palavras de Marx, para ser parte da natureza o ser precisa ter a natureza fora de si, porque, assim, o ser é parte e função do todo existente.

Um ser que não tenha sua natureza fora de si não é nenhum ser natural, não toma parte da essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é nenhum (ser) objetivo (Marx, 2010, p. 127).

Essa afirmação confirma que, para Marx, *o ser só é parte porque constitui um todo*, enquanto o todo existe em suas partes constituintes, portanto há unidade do todo com a parte, um não existe sem o outro. Essa lógica dialética define uma concepção sobre a relação *todo e parte*, evidenciando a noção de que os opostos se originam mutuamente. Marx, na citação anterior, conclui que um ser não objetivo na verdade se revela um *não ser*. Compreendemos aí a dialética que explicita a unidade sujeito-objeto; é na relação da unidade sujeito-objeto que se constituem os seres naturais, ou seja, mais uma vez um não existe sem o outro. É a mesma lógica dialética que se faz presente no exemplo do sol; o ser que busca satisfação elementar de suas necessidades e o faz (satisfazendo ou não tal necessidade) *em, na e por meio da* relação com o outro, num movimento em que se invertem e circulam as posições de sujeito e objeto. Assim como o sol e a planta, essa noção é extensiva aos animais de um modo geral.

Aqui se evidencia a existência material e social da vida humana, uma vez que, o que não se objetiva no outro é um *não ser*. O ser humano é um ser *com* o outro.

O homem é o objeto imediato da ciência natural, pois a natureza sensível imediata para o homem é imediatamente a sensibilidade humana (uma expressão idêntica), imediatamente como o homem *outro* existindo sensivelmente para ele; pois sua própria sensibilidade primeiramente existe por intermédio do *outro* homem enquanto sensibilidade humana para ele mesmo. Mas a natureza é o objeto imediato da ciência do homem. O primeiro objeto do homem – o homem – é natureza, sensibilidade e as forças essenciais humanas sensíveis particulares; tal como encontram apenas em objetos naturais sua efetivação objetiva, [essas forças essenciais humanas] podem encontrar apenas na ciência do ser natural em geral seu conhecimento de si (Marx, 2010, p. 112).

Assim vamos nos familiarizando com uma estrutura de pensamento que explicita o movimento da totalidade, compreendendo que a natureza é natureza e o ser humano é natureza, na medida em que faz parte dela. Ao mesmo tempo que é no outro (objeto) que se realiza a condição de ser humano (sujeito).

Ainda e sempre voltando às referências em Marx temos “o primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos” (Marx, 1977, p. 7), constatada sua organização corporal e sua relação com a natureza, sendo que toda a historiografia parte desses fundamentos naturais e das mudanças no curso da história, sob efeito da ação dos humanos.

Os humanos “começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo esse que é condicionado por sua organização corporal” e, ao produzir seus meios de vida, eles “produzem, indiretamente, a sua própria vida material” (Marx, 1977, p. 27). “E como tudo o que é natural tem que começar, assim também o homem tem como seu ato de gênese a história” (Marx, 2010, p. 128). O ser humano não é apenas o ser natural, mas um ser natural humano, existente para si mesmo. Ele se diferencia do animal que “é imediatamente um com a sua atividade vital”. “O ser natural animal não se distingue da sua atividade – ele é ela – enquanto o ser humano faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência” (Marx, 2010, p. 84). Animal e atividade se confundem, seres humanos em atividade por meio da relação sujeito-objeto produzem algo e se transformam, como indivíduos e como espécie humana, refletindo em sua constituição humano-genérica.

A atividade vital consciente do ser humano não é uma determinação imediata da sua existência, embora a distinção seja imediata, caracterizando-o como um ser genérico – pertencente ao gênero humano. Ser humano é um processo e tornar-se humano, um processo que se dá sob condições sociais e históricas. “O modo pelo qual o ser humano produz seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm que reproduzir” (Marx, 1977, p. 27). Esse é um aspecto relevante a ser considerado ao contextualizarmos a particularidade de um ser humano em dado momento.

Procuramos abordar a relação entre o ser humano e os demais seres sobre a terra; buscando olhar para a unidade dialética natural e social que constituem o ser humano e concluindo que ser social é a sua substância e o que o diferencia dos demais seres vivos. Vimos que o ser humano é um ser *com* o outro, implicando na materialidade da sua constituição social.

Os seres humanos manifestam sua vida sob determinadas condições, em determinados modos de vida, o que produzem e como produzem o constituem como seres. Essa constituição, por sua vez, depende das condições materiais em que esses seres são produzidos, uma vez que

resulta de múltiplas determinações sócio-históricas, de difícil apreensão em sua totalidade, e é disso que trataremos abordando no próximo tópico sobre a trajetória sócio-histórica do processo de formação humana.

1.2 Percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural

Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, a produção da vida humana acontece por meio da atividade de trabalho, que é social e a formação humana é um processo que se dá no curso da vida social e das relações sociais produzidas em contextos históricos, sob múltiplas determinações, ao longo do tempo. Nesse tópico vamos discutir a relação entre trabalho e formação humana.

O ser humano é aquele que faz a sua história e, ao mesmo, tempo, se constitui na história do seu tempo, sob as condições (determinações histórico-sociais) em que sua vida se produz, portanto, imbricado nessas condições e, particularmente, nas relações sociais, com outros seres humanos (Antunes, 2018).

A essência humana, o trabalho, a atividade empreendida pelo ser humano na relação com a natureza, em seu movimento de satisfazer necessidades humanas, surge da própria história, nasce nas relações entre indivíduos concretos e a formação humana não é um ideal a ser perseguido, como nos lembra Tonet (2006).

Marx e Engels, nas teses sobre Feuerbach, reafirmam a materialidade da essência humana, destacando que a essência humana é o conjunto das relações sociais: “Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade é o conjunto das relações sociais” (Marx & Engels, 1977, p. 12).

Na primeira das onze teses, os autores argumentam que o principal problema do materialismo até então existente, incluindo o de Feuerbach, era o fato de ele não apreender a atividade humana sensível, como práxis, como atividade objetiva. Naquela visão, apenas o comportamento teórico, o pensamento, era tido como autenticamente humano. O ser humano era assim concebido a partir da abstração do curso da história, pressupondo um indivíduo abstrato e isolado. “Feuerbach, não satisfeito com o pensamento abstrato, quer a intuição; mas não apreende a sensibilidade como atividade prática, humano-sensível” (Marx & Engels, 1977, p. 13).

Naquela visão, contestada por Marx e Engels (1977), considerava-se como diferencial do ser humano, a sua capacidade de pensar, entendida na dimensão abstrata, no campo isolado

das ideias, ou seja, numa concepção idealista. Para Marx, a capacidade de produzir meios de subsistência é considerada o primeiro ato histórico dos indivíduos e é o que os distingue dos demais animais, uma atividade humano sensível, uma prática objetiva, que não se descola do pensamento e nem da linguagem. Ao contrário, são componentes da sua existência humana, na dimensão concreto-abstrata e, com o ser humano, nasce a história humana, como fruto da ação humana e como “parte efetiva da história natural, do devir da natureza até o homem” (Marx, 2010, p. 112).

O indivíduo é o ser social que se constitui na atividade social, a partir da natureza, um ser natural e sócio-histórico, e cada vez mais sob leis sócio-históricas do que sob as leis da natureza, em função da atividade humana que vem sendo produzida historicamente (Leontiev, 2021). Sobre a atividade dos seres humanos, seu primeiro movimento é de adaptar-se à natureza, modificando-a em função das suas necessidades, criando objetos e meios de produção desses objetos. “Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante, deles mesmos, enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte” (Leontiev, 2004, p. 283).

O ser humano “deve estar em condições de viver, para *fazer história*”, sendo o seu primeiro ato histórico, aquele que produz os meios ou condições de vida pois, “para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, vestir-se, ter habitação e algumas coisas mais” (Marx & Engels, 1977, p. 39). Marx e Engels (1977) argumentam que, uma vez satisfeitas essas necessidades e no curso do processo de produzir as satisfações e os instrumentos para adquiri-las, os seres humanos produzem novas necessidades. Significa dizer que o ser humano que se renova e renova sua própria vida a cada momento, também se reproduz, criando outros seres humanos, procriando e, assim, constituindo as relações familiares. É o início das relações sociais que vão se ampliando e engendrando novas necessidades, na medida em que os seres se reproduzem e aumenta a população sobre a terra (Marx & Engels, 1977).

Isso nos leva a um aspecto importante para o processo social de formação dos seres humanos, os aspectos imediatos em que as necessidades são mais de ordem física ou natural, e os aspectos que envolvem desdobramentos, complexidades mediadas por outros processos de humanização, como Antunes (2018) exemplifica com essa conhecida passagem em Marx:

Essa complexa problemática fica mais *mediadamente* clara se se tomar a seguinte passagem: a fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come por meio de uma faca ou de um garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua com a ajuda das mãos, unhas e dentes (Marx, 2008, p. 248 citado por Antunes, 2018, p. 38, grifos do autor).

Seres cuja existência se produz socialmente seguem criando modos de produção desta existência, sob determinadas condições e em determinadas fases históricas, modos de cooperação em que se estabelecem as relações sociais, relações de trocas e de forças produtivas. Analisando esses aspectos das relações históricas originárias, trazidas por Marx e Engels (1977), vemos que o ser humano desenvolve a consciência, a partir das relações concretas, da vida – onde não cabe a noção metafísica de uma consciência *pura*, uma vez que foi forjada de modo *contaminado* pela matéria, pela vida real. A partir da existência concreta o ser humano abstrai, representa mentalmente essa vida, formando a consciência, o pensamento e a linguagem. Para Marx e Engels (1977) a linguagem

(...) é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da necessidade de intercambio com outros homens (p. 43).

A consciência é também um produto social, constituída nas relações historicamente produzidas. Ela parte do meio sensível mais próximo com a natureza (em si) e da conexão com outras pessoas (para si). Com o aumento das populações, das necessidades e da produtividade para o seu sustento, surge a divisão do trabalho em seu modo “natural”, originada das diferenças de vigor e disposições e de circunstâncias naturais da vida dos seres humanos. Aqui nos referimos ao que trazem Marx e Engels (1977) sobre a História, aludindo ao período antes da revolução industrial, quando a divisão do trabalho era concebida como diferenças compartilhadas, a partir de necessidades e condições humanas, dentro das famílias.

A escravidão na família, embora ainda tosca e latente, é a primeira propriedade, que aqui, aliás, já corresponde perfeitamente à definição dos economistas modernos, segundo a qual, a propriedade é o poder de dispor da força de trabalho do outro (Marx & Engels, 1977, p. 46).

A divisão do trabalho torna-se mais conflituosa, quando surge a cisão entre “trabalho material e trabalho espiritual”. A partir daí a força de produção, o estado social e a consciência entram em contradição por passarem a ser desiguais a fruição e o trabalho, a produção e o consumo, atribuídos a indivíduos diferentes, em separado. As relações passam a atuar numa dinâmica social em que a atividade é (supostamente) desconectada do pensamento: atividade sem pensamento e pensamento sem atividade (Marx & Engels, 1977). Esta divisão parece marcar um momento sobre a história da consciência humana: o início da dissociação entre concreto e abstrato, como força humana em movimento e unidade dialética. Para o marxismo consciência é uma forma qualitativamente especial do psiquismo, que nasce na pré-história na

evolução do mundo animal, surgindo desde a primeira vez como produto das relações sociais (Leontiev, 2021).

No percurso da divisão social do trabalho (Marx & Engels, 1977) enfatiza o momento em que se deu a *fixação da atividade social*, ou “a consolidação do próprio produto da ação humana, num poder objetivo superior a nós, que escapa ao nosso controle, que contraria nossas expectativas e reduz a nada nossos cálculos” (p. 47). Marx considerou que este foi um dos momentos mais importantes do desenvolvimento histórico da humanidade.

Com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada que lhe é imposta e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico, e aí se deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida – ao passo que na sociedade comunista, onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se e do ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral, dando-lhe assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo o meu desejo, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico (Marx & Engels, 1977, p. 47)

Podemos concluir que, a partir do momento histórico em que se dá a fixação das atividades sociais, o ser humano reduz a possibilidade de exercer atividades diferentes, de se aperfeiçoar por meio de relações diferentes, e isso produz efeitos na dimensão humano-genérica (Marx & Engels, 1977). Como vimos no primeiro tópico do texto, em Sérgio Lessa (2021), referindo-se a Lukács, a condição ontológica do ser humano é de produzir sua vida, criar meios para viver, e não apenas de reproduzir a vida, como acontece com os outros animais. Refere-se ainda a “uma distinção ontológica (na sua forma concreta de ser): a processualidade social é distinta, no plano ontológico, dos processos naturais”, como já mencionado (Lessa, 2016, p. 19). As três esferas possuem uma distinção nos movimentos que designam a sua existência sobre a terra: o inorgânico que se *transforma* de um ser em outro; no biológico a vida se *reproduz*; na dimensão humana a vida *produz* o novo.

Além da regulação desses papéis determinados, instala-se nas relações sociais, ao longo do tempo um poder social regulador, apresentado e concebido como organismo de defesa dos interesses e dos direitos da sociedade, o Estado, que cumpre assim a função de manutenção do *status quo*, ou seja, do presente estado das coisas, o estado capitalista das coisas (Marx & Engels, 1977). Essa menção breve ao conceito e gênese de Estado, referindo-nos a Marx e aqui apresentada de forma extremamente reduzida em sua complexidade, teve como objetivo apenas

o de esclarecer o conceito de fixação social do trabalho, não podendo ir além dessa abordagem no presente texto.

Nesse quadro histórico já se institui a dinâmica da propriedade privada dos meios de produção, trazendo a contradição entre interesse individual e coletivo, criando a categoria do interesse geral, que “é de fato uma forma ilusória da coletividade” (Marx, 2010, p. 49). Esse falso *interesse comum*, do *geral* da sociedade, pretende esconder a luta de classes que daí se instala, tendo o Estado como falso profeta salvador, que passa a pensar e agir, em nome das reais necessidades dos indivíduos, e assim vai sendo plantado o processo de alienação. A destituição da propriedade, não apenas material (fruto do processo de objetivação do seu trabalho), mas também da sua consciência, por não mais exercer plenamente sua capacidade de produzir sua vida em toda a plenitude das condições humanas. Para Marx e Engels (1977, p. 57), “toda concepção histórica até o momento, ou tem omitido completamente essa base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história”.

Vemos dessa forma, a negação da concepção materialista da história, no século XIX, com a qual convivemos até hoje, por vivermos imersos no pensamento dominante da classe dominante. “A produção da vida real como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre.”, vivemos e reproduzimos historicamente na esfera hegemônica, a “ilusão de uma época”, uma vez que lidamos com a vida humana como se ela existisse *em si*, apartada da sua condição histórica, que, por sua vez é apartada da sua condição natural (Marx & Engels, 1977, p. 57).

O trabalho é considerado o ato ontológico primário do ser social, como analisa Tonet (2006). Quando o capitalismo se instaurou, a ideia de formação humana passou por profundas mudanças, tendo havido uma inversão entre o trabalho e a formação cultural, como se o trabalho passasse a operar no sentido inverso do que seja cultura. Para compreendermos essa mudança em relação a um novo significado da palavra cultura, encontramos em Raymond Williams (2020), uma explicação sobre alterações no sistema de significado das palavras, que se vão constituindo historicamente. Quando ele analisa a palavra cultura, na perspectiva da história do seu uso na língua inglesa, afirma que ela é uma das palavras de trajetória mais complicada, pelo seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos distintos em diversas disciplinas. Em síntese, podemos destacar que a palavra, de origem latina *colere* estava relacionada a habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração (o cultivo de uma fruta, por exemplo). Ao longo do tempo foi utilizada para expressar o sentido geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e

estético e, mais recentemente tem sido usada em referência às obras e às práticas que o representam e sustentam. Cultura passou a significar o objeto ou a prática social, perdendo a sua dimensão processual e histórica da produção humano-genérica, em sua totalidade. Estabeleceu-se uma distância entre essas concepções de modo que formação cultural parece um conceito perdido no tempo e cultura passou a ser algo que se faz, no imediato da prática social.

A visão capitalista de trabalho como atividade produtora de mercadorias, está bem distante da concepção marxiana do trabalho como atividade principal e essencial, criativa e explicitadora de potencialidades humanas (Tonet, 2006). É na visão marxiana que aqui apresentamos, e tão somente nela que podemos afirmar que a essência humana é o trabalho, a atividade que nos faz humanos, atividade humanizadora. Caio Antunes (2018) discorre sobre a teoria da formação humana em Marx, referindo-se à relação entre o trabalho e formação humana:

(...) o trabalho entendido como a relação de mediação entre o ser humano e natureza, é responsável tanto pelo surgimento e complexificação do ser humano quanto por constituir a base a partir da qual se erige, por vezes de maneiras bastantes mediadas, todo o complexo da vida social (Antunes, 2018, p. 31).

Sobre a palavra formação, temos que o conceito de forma “remete sempre a algo determinado, a uma matéria que lhe dá concretude”, concluindo que, quando se fala da *forma humana* pode-se entender que é o que “constitui a realidade humana, sua substância, sua essência; aquilo que faz com que algo se constitua como ser humano”. O que constitui o ser humano é o trabalho, como já bem delineado na filosofia marxiana. Assim, “a essência humana decorre do processo de trabalho, e o ser do humano coincide com a forma como produz sua existência” (Antunes, 2018, p. 15).

Antunes retoma a categoria trabalho como central e constituinte do “âmago de toda a teoria da formação humana em Marx”, identificando três momentos:

De um modo mais genérico, a categoria trabalho, em sua amplitude, constitui o âmago de toda a teoria da formação humana em Marx, uma vez que seu primeiro momento é aquele do trabalho em sentido universal, humanizador; seu segundo momento é aquele do trabalho alienado, como particularidade histórica concreta de realização – a inversão – do sentido universal do trabalho; e seu terceiro momento é o da superação dessa forma particular e alienada do trabalho visando sua reorganização em outra forma histórico concreta totalmente distinta (Antunes, 2018, p. 176).

O autor se refere ao sentido universal do trabalho como atividade humanizadora, uma vez que é nela que o ser se humaniza, se distingue dos outros animais. Como função das relações

capitalistas de produção, relações que se produzem em uma sociedade de classes, sob a égide da propriedade privada dos meios de produção e com o princípio da divisão do trabalho, esse trabalho passa a não mais corresponder a necessidades genuinamente humanas, tonando-se alienado em sua particularidade histórica, perdendo, assim, seu caráter universal.

Saviani (2012) explica que Marx situa a alienação nos planos objetivo e subjetivo, sendo que no aspecto subjetivo ela consiste no não reconhecimento de si mesmo, de seus produtos e dos outros seres humanos. Em seu conteúdo objetivo a alienação leva à pauperização espiritual e material do trabalhador. “O trabalho alienado, ao mesmo tempo em que produz mercadorias, produz também o próprio operário como mercadoria” (Saviani, 2012, p. 31).

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, a sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* (humano). Faz-lhe da vida genérica apenas um meio de vida individual (Marx, 2010, p. 84).

Marx discorre sobre consequências subjetivas do processo de estranhamento do trabalho sob o modo de produção capitalista que se expande para outras esferas da vida humana e que vão objetivando o processo de alienação. A alienação da natureza, com a qual não terá mais uma relação direta (divisão do trabalho); alienação da atividade produtiva, ao ser afastado do processo e produto do seu trabalho (propriedade privada). Alienação de si mesmo, do seu ser genérico, que resulta das duas anteriores. Alienação dos outros seres humanos, que resulta de alienar-se de si mesmo, confrontando-se de forma estranhada com outros membros da sua espécie (Garcia, 2018).

Antunes (2018) aborda a contradição no processo de formação humana, afirmando que a alienação produz altos níveis de humanização e de desumanização do ser humano. O processo de desumanização advém da alienação do trabalho humano que passa a existir separado do metabolismo social com a natureza.

Agora temos, portanto, de conceber a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valor e desvalorização do homem, de monopólio e concorrência etc. de todo esse estranhamento com o sistema do dinheiro (Marx, 2010, p. 80).

Assim já apontava Karl Marx em seus *Manuscritos Econômico-filosóficos*, ao abordar o tema do trabalho estranhado e da propriedade privada, referindo-se a lógicas que nos constituem na estrutura de valores plantada na sociedade burguesa. Declara com firmeza que o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, tornando-se ele, o trabalhador, a mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria ele produz. Há, nas palavras

de Marx (2010, p. 80), “uma valorização do mundo das coisas e uma desvalorização do mundo dos homens”, melhor dizendo hoje, do mundo dos seres humanos.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito segundo esse pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio, que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (Marx, 2010, p. 81).

Segundo Marx (2010), nada se pode criar sem a natureza e a natureza oferece os meios de vida, os meios de subsistência física do ser humano em seu trabalho. Por outro lado, apropriar-se do mundo externo, da natureza sensível por meio do trabalho, resulta, ao mesmo tempo, em privá-lo dos meios de vida, e explica que isso ocorre em duplo sentido: cada vez mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho; esse mundo exterior sensível deixa cada vez mais de ser meio de vida, no sentido imediato, ou seja, meio para subsistência física do ser humano em seu trabalho. As relações complexificadas, mediadas (pela tecnologia, por exemplo), aprofundam o estranhamento, distanciando. Essa concepção possibilita vislumbrar desdobramentos do processo de formação humana, sob determinações do capital, e suas consequências para a psicologia.

Como afirma Leontiev (2021), Marx oferece soluções para complexos e profundos problemas teóricos da psicologia, como por exemplo a teoria marxista sobre a atividade humana, elucidando o conceito de atividade na teoria do conhecimento, ele demonstra que “a prática humana passou a ser entendida como a base da cognição humana” (p. 44). O trabalho filosófico de Marx consiste, nesse aspecto, em destacar o fato de que “o conhecimento não existe fora do processo vital, que, por sua própria natureza é um processo material, prático” (p. 44). O desenvolvimento dos sujeitos ocorre em seu contato com a realidade material da vida, como reflexo dessa realidade. O reflexo da realidade, de acordo com Leontiev (2021), “surge e se desenvolve no processo de desenvolvimento das relações reais de sujeitos cognoscentes com o mundo humano circundante; tais relações são determinadas e, por sua vez, têm um efeito sobre o desenvolvimento desses sujeitos” (p. 44).

Abordamos nesse tópico que o ser humano vive da natureza, fisicamente, extraindo dela a sua subsistência, sendo essa a relação imediata do processo que ele estabelece com a natureza, como ser vivo, numa espécie de *metabolismo* (Antunes, 2018), que leva à transformação da natureza, em que se confirmam as forças vitais do ser humano social e historicamente determinado.

Tuleski (2012), a partir da visão marxiana, aponta que a concepção de *histórico* e de *social* se refere e está relacionada à produção material da existência humana, que objetiva o ser em sua relação com a sociedade (sociedade que ele produz e da qual é parte), sem que haja separação entre indivíduo e sociedade, concebida como unidade que constitui a vida e a relação social. Sobre a relação indivíduo e sociedade, em Marx (2010), temos que

Acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a “sociedade” como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida – mesmo que ela não apareça de forma imediata como uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com os outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas*, por mais que também – e isto necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais *universal* da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal* (Marx, 2010, p. 107, grifos do autor).

Destacamos a necessidade de compreendermos essas ideias, em sua unidade dialética, para apreendermos o significado em sua dimensão e movimento: a concepção de vida individual e genérica constituem dimensões humanas inseparáveis. É possível percebê-las de um modo mais particular ou mais universal, em dado momento ou condição, sem que se tornem partes isoladas, mantendo sua condição de unidade de uma totalidade, a condição do ser humano de ser individual e genérico, simultaneamente.

A formação humana, que envolve a transformação da natureza pelo trabalho, acontece por meio de *processos essenciais* para a “constituição do indivíduo humano pela dialética entre objetivação e apropriação” (Tuleski, Chaves & Leite, 2019, p. 149), e é esse processo em que se dá a dinâmica da formação do indivíduo social, que vamos desdobrar a seguir, no próximo tópico.

1.3 Desenvolvimento do indivíduo: uma trajetória humano genérica

Até aqui caminhamos pela trajetória filogenética e sócio-histórica do ser humano, e a elas vamos agregar um terceiro movimento do nosso percurso, por meio de reflexões que se referem à trajetória ontogenética do processo de formação humana. Vamos abordar aspectos relacionados ao desenvolvimento psíquico humano do indivíduo, por meio de uma visão de sua constituição humano-genérica, destacando a dinâmica apropriação-objetivação, perpassando a relação singular-particular-universal e alguns aspectos da cotidianidade da vida humana.

Esses elementos estão presentes na dinâmica geradora da atividade humana, que desdobram o processo de constituição do ser individual em seu caminho histórico de um ser singular. Será uma trajetória do ser humano quanto à formação da sua individualidade, buscando perceber como se dá o processo na perspectiva de uma aprendizagem social que o torna humano. Reiteramos o que afirma Leontiev (2004, p. 285), “podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser humano. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”.

Na mesma direção, afirma Saviani (2012), o ser humano não nasce humano, ele se torna humano, se forma humano e para chegar à essa condição precisa ser educado. Neste aspecto, o autor apresenta a seguinte ideia: “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens” (Saviani, 2003, p. 13).

Sobre o processo de tornar-se humano e a partir dos fundamentos elaborados por Marx, Tonet (2006) afirma que

(...) o processo de o indivíduo singular tornar-se membro do gênero humano passa pela necessária apropriação do patrimônio – material e espiritual – acumulado pela humanidade em cada momento histórico. É a partir dessa apropriação que este indivíduo singular vai se constituindo como membro do gênero humano. Por isso mesmo todo obstáculo a essa apropriação é um impedimento para o pleno desenvolvimento do indivíduo como ser integralmente humano (p. 12).

Em sociedades primitivas a formação dos indivíduos era um processo que acontecia em comunidade, do qual todos participavam e, assim, havia condições de acesso ao patrimônio material e cultural até então produzido naquele momento histórico. Com o chamado desenvolvimento da sociedade em camadas mais complexas, com a formação de cidades ou ambientes de convivência social maiores, o acesso a essa produção foi sendo precarizado e este fenômeno de precarização foi se intensificando com a sociedade dividida em classes e com o aprofundamento crescente das desigualdades sociais produzidas ao longo da história (Tonet, 2006).

Vejam na citação de Marx, que vem a seguir, um desdobramento da concepção de ser humano, na qual ele discorre sobre a essência humana, sobre o conceito de individualidade, da relação objeto e apropriação, o comportamento e a efetividade humana:

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir,

cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, apropriação da efetividade humana; seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade *humana* (por isso ela é precisamente tão múltiplice quanto múltiplices são *as determinações essenciais e atividades* humanas, *eficiência* humana e *sofrimento* humano, pois o sofrimento humanamente apreendido, é uma auto fruição do ser humano) (Marx, 2010, p.108, grifos do autor)

A citação acima vai além do que pretendemos e podemos comentar sobre a relação sujeito e objeto, ou “seu comportamento para com o objeto” que é o acionamento da efetividade humana. Algumas ideias sobre atividades, eficiência e sofrimento humanos abrem outras perspectivas de discussão, mas o nosso movimento no presente tópico será de trazer mais luz ao que Marx denomina “apropriação da efetividade humana” (Marx, 2010, p. 110).

Como assinalado por Saviani (2012, p. 24), “(...) a questão da subjetividade ou da individualidade ocupa lugar central no conjunto da obra de Marx”. Como vimos, quando o autor se refere a subjetividade, refere-se igualmente a individualidade. Assim também se refere Duarte (2013, p. 10) quando afirma que “rigorosamente falando, poderia ser usado o termo “subjetivação” em vez de “apropriação”, pois se trata de incorporação de atividade humana às características do sujeito.

Como temos a intenção de desdobrar neste tópico a trajetória dedicada ao aspecto da constituição do psiquismo humano, da sua subjetividade, da sua humanidade singular, passemos a discutir sobre a concepção de individualidade do ser, em Marx.

o homem – por mais que seja, por isso, um indivíduo *particular*; e precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-individual – é do mesmo modo, tanto a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na efetividade, tanto como intuição e fruição efetiva da existência social, quanto como uma totalidade de externalização humana de vida (Marx, 2010, p. 108).

É por meio da coletividade efetivo-individual (uma coletividade constituída na relação indivíduo-sociedade), que o ser constitui sua individualidade, uma constituição única (singular) que se dá por meio de relações efetivas objetivo-subjetiva, pensada-sentida, intuída-fruída da existência social. Temos uma concepção dialética a ser compreendida por meio do nosso pensamento constituído historicamente no modelo lógico-formal, e isso requer esforço de

percepção, atenção e abstração e talvez, até um pouco de sofrimento, para acessar a fruição de um novo entendimento. A concepção dual entre indivíduo e sociedade precisa ser superada por esse pensamento que compreende um com o outro, formando uma indissolúvel unidade, porque simplesmente uma não existe sem a outra. A “totalidade de externalização humana de vida” (Marx, 2010, p. 108) inclui efetivamente essa unidade, daí a necessidade de nos apropriarmos dela e fruirmos dessa objetivação em nossa vida.

Considerando categorias básicas para a reflexão sobre o processo de formação do indivíduo, Duarte (2013) discorre sobre *objetivação e apropriação* como expressão do movimento em que o ser humano se autoconstrói ao longo da história. Discute os processos de *humanização e alienação*, para expressar a contradição com que os processos de apropriação-objetivação se realizam na sociedade de classes. Aborda, ainda, o *gênero humano*, conceito que expressa o resultado da história social humana, da sua atividade objetivante, chegando ao conceito de *individualidade para-si*, para expressar a formação do indivíduo como processo de desenvolvimento – da individualidade em-si que é síntese espontânea das relações sociais, rumo a uma individualidade para-si, que é síntese consciente das relações sociais¹¹.

A dialética relação entre os processos de objetivação e apropriação, como afirma Duarte (2013, p. 21), “constitui a dinâmica fundamental da formação do gênero humano e dos indivíduos”, sendo dinâmica constituinte da autoprodução humana. O autor se refere ao modo como acontece o processo de formação humana por meio do trabalho e em sua condição de ser genérico. “A objetividade das características humanas historicamente formadas constitui o gênero humano” (p. 13).

A atividade humana é uma atividade histórica e geradora da história e do desenvolvimento humano, e daí resultam os produtos sociais “O processo de objetivação resulta em produtos sociais, sejam eles materiais ou não” (Duarte, 2013, p. 9). Para Duarte (2013),

A atividade do marceneiro transmuta-se em características de um armário, de uma mesa ou de uma cadeira; a atividade do escritor transforma-se em um livro; a de um pintor, em um quadro; a de um professor, em uma aula. Esses exemplos já permitem notar que a atividade que se transfere do sujeito para o objeto é tanto física como mental. Também é possível constatar que o produto resultante da objetivação pode ser um objeto material ou não material (p. 9).

Cada geração vai se apropriando do já existente produzido pelo gênero humano, através da mediação de instrumentos físicos e simbólicos. É na atividade de trabalho que se dá o salto

¹¹ Os conceitos de individualidade em-si e individualidade para-si serão explorados mais à frente, nesta seção.

de transformação do ser em ser humano, resultando em mudanças externas na produção de instrumentos como meio e internas ao produzir movimentos corporais e cerebrais. O desenvolvimento desses processos internos e externos, ou seja, da transformação do ser primitivo ao ser cultural, envolve o desenvolvimento da consciência humana. Em nossa realidade social, essa consciência é formada a partir de determinações do modo capitalista de viver e pensar e assim precisamos considerar que,

(...) a divisão social do trabalho, a divisão da sociedade em classes sociais, a propriedade privada, a luta pela sobrevivência e o fetichismo que prevalece na cotidianidade capitalista enrijece as formas de pensamento e de comportamento e de atividade, aprisionando as pessoas a uma vida cotidiana alienada e dificultando enormemente as relações com as objetivações genéricas para si (Duarte, 2013 p. 209).

A relação entre apropriação e objetivação se constitui na dinâmica própria da atividade vital humana, portanto, geradora do seu processo histórico, sendo que é nas relações sociais que acontecem as atividades humanas, o seu trabalho: “a atividade vital [o trabalho] é a base a partir da qual cada membro de uma espécie reproduz a si próprio como ser singular e, em consequência, reproduz a própria espécie” (Duarte, 2013, p. 23).

A apropriação de determinado tipo de objetivação poderá cumprir função humanizadora ou alienadora, a depender de um conjunto complexo e dinâmico de relações nas quais o indivíduo se encontra inserido. Para o autor, a formação de um indivíduo, a constituição da sua personalidade, “(...) é, ao mesmo tempo, o seu desenvolvimento como ser social, alguém que faz parte de uma determinada sociedade, e, como ser genérico, alguém que faz parte do gênero humano” (Duarte, 2013, p. 14).

Sobre o desenvolvimento histórico da individualidade humana, com base em Marx, temos em Duarte (2013) que o ser humano passou por,

(...) um processo histórico de evolução, partindo de uma individualidade quase inexistente, dada a estreita dependência em relação ao coletivo, e caminhando para uma crescente diferenciação, resultante da apropriação, pelo indivíduo, das forças humanas socialmente criadas e desenvolvidas (Duarte, 2013, p. 170).

Duarte (2013) expõe que a categoria do indivíduo para si

(...) sintetiza as possibilidades máximas de desenvolvimento livre e universal da individualidade” (e o processo de individualização se dá no curso das relações historicamente determinadas, revelando que “quanto menos desenvolvidas forem as relações entre os seres humanos, menos possibilidades existem de individualização (Duarte, 2013, p. 171).

Duarte (2013) situa o processo essencialmente histórico da formação da *individualidade para si*, “na perspectiva da construção da pedagogia histórico-crítica”, desenvolvida por Dermeval Saviani. Sendo uma pedagogia marxista considera o “desenvolvimento do indivíduo como síntese de inúmeras relações sociais”, que precisa ser concebido como processo situado no interior de outro, o do desenvolvimento histórico do ser humano como ser social” (p. 8). Essa síntese, o desenvolvimento da individualidade para-si ocorre por meio do processo educacional e escolar, ou seja, o processo de “socialização do conhecimento científico, artístico e filosófico em suas formas mais desenvolvidas” (p. 3). A formação do ser humano é vista como um processo que pode ser sintetizado, por intermédio de um conjunto de elementos produzidos pela história e, no caso da atividade educativa, o que se produz é uma singularidade histórica e social.

À medida que ganha força o capitalismo com sua lógica da propriedade privada dos meios de produção, aflora a exclusão da maioria da população do acesso à riqueza humana acumulada. Essa riqueza acumulada inclui o acúmulo dos bens culturais, da ciência, da arte e da filosofia, do conhecimento sistematizado ao longo da existência humana, em suas relações sociais.

Com efeito, se cada indivíduo humano sintetiza relações sociais, isto significa que ele só se constitui como homem por meio das relações que estabelece com os outros homens, isto é, só pode se tornar homem se incorporar em sua própria subjetividade formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e trabalhadas por ele e por aqueles que com ele convivem (Saviani, 2012, p. 41).

Pensando no cotidiano social e no processo educativo em particular, esse é um percurso que a criança realiza por meio do desenvolvimento das funções psicológicas superiores e com a mediação do adulto. Esse adulto, sejam os pais com seus filhos concretos ou professores com seus alunos, se defronta com um ser humano concreto: “(...) o indivíduo que ele cabe educar, sintetiza em si as relações sociais próprias da sociedade em que vive e em que se dá o processo de sua educação” (Saviani, 2012, p. 42).

A lei fundamental do desenvolvimento histórico humano, é que os seres humanos são criados pela sociedade na qual vivem, ou seja, no contexto de uma sociedade em particular, tornamo-nos o humano singular que somos. Essa ideia, baseada na psicologia de Vigotski, sintetiza o que foi discutido por Facci et al. (2012) no texto em que as autoras seguem argumentando sobre contradições internas existentes nas sociedades diversas, que se expressam no psiquismo em sua estrutura e no tipo de personalidade, refletindo um período histórico determinado. Ou seja, as determinações sociais produzem os seres individuais que, por sua vez,

produzem a sociedade humana, num processo que envolve relações concretas reais, dinâmicas, em movimento.

Ao considerar a concepção histórico-social do ser humano e tendo como matriz principal a obra marxiana, Oliveira (2005) aborda a dialética do singular-particular-universal, produzindo subsídios filosóficos para a psicologia como ciência, em bases do materialismo histórico-dialético, afirmando que,

A atuação do psicólogo fundamenta-se necessariamente na compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e ao mesmo tempo e do mesmo modo como a universalidade se concretiza na singularidade tendo a particularidade como mediação (Oliveira, 2005, p. 26).

Pela visão histórico-social, o ser humano é concebido como singular e social, uma síntese de múltiplas determinações, complexa em que “a universalidade se concretiza histórica e socialmente na atividade humana que é uma atividade social – o trabalho – nas diversas singularidades, formando aquela essência” (Oliveira, 2005, p. 26). A essência humana é um produto histórico-social que vai sendo apropriada e objetivada pelos seres singulares ao longo de sua vida em sociedade.

É preciso compreender a universalidade que se concretiza na singularidade, por meio de uma dinâmica de múltiplas faces promovida pelas mediações sociais, que são as particularidades. “A universalidade é uma abstração que tem sua base concreta na própria realidade”, não podendo ser compreendida por si mesma. Para se compreender essas múltiplas relações “é preciso considerar que todo esse processo entre o indivíduo (singular) e o gênero humano (o universal), se concretiza na relação que o indivíduo tem com a sociedade (o particular)” (Oliveira, 2005, p. 29). A autora conclui sobre a necessidade de se compreender a singularidade do ser, aponta que é preciso aproximar-se da particularidade e universalidade em seus mais desenvolvidos estágios, quando sustenta que

(...) o singular é tão mais compreendido quanto mais se tenha captado suas mediações particulares com a universalidade. O singular, portanto, não existe em si e por si, mas somente em relação intrínseca com o universal que se faz somente através de mediações – o particular. Por outro lado, o universal só existe quando se concretiza no singular (Oliveira, 2005, p. 50).

Duarte (2013) refere-se à afirmação de Marx sobre o papel histórico do capitalismo como um sistema social que desenvolveu condições materiais de vida bem superiores às anteriormente existentes, porém, produziu também descontrole sobre as forças sociais, de modo que uma grande maioria dos seres humanos não se beneficia de tais condições. O que temos

produzido quanto ao gênero humano é que ele tem se tornado mais livre e universal, porém essa liberdade e universalidade não abrange a grande maioria dos seres singulares. Desse modo, não há como atribuir essa qualidade ao gênero humano e sim apenas a uma parte dos seres humanos.

O trabalho que assegura a sobrevivência do indivíduo, ao mesmo tempo em que assegura a existência da sociedade, manifesta-se, na sociedade capitalista, em funções alienantes e antagônicas, fazendo da vida genérica do ser humano apenas um meio da vida individual. A função da educação, no sentido amplo de processos educativos gerados na sociedade, também se manifesta como função que se coloca nas mesmas direções contraditórias, como podemos inferir. “É o conjunto da atividade dos indivíduos que efetiva a objetivação do gênero humano em níveis cada vez mais universais” (Duarte, 2013, p. 53).

Objetivações do gênero humano produzidas ao longo da história, resolveriam parte dos grandes problemas da humanidade, mas a estrutura social não permite acesso a estas objetivações para a imensa maioria dos indivíduos. A formação do indivíduo como produto histórico e social tem se realizado nas condições da luta de classes, reproduzindo a alienação e não sendo exclusivamente humanizadora. “O caráter contraditoriamente humanizador e alienador com que a objetivação do ser humano se realiza no interior das sociedades de classe tem implicações importantes no que diz respeito à formação da individualidade” (Duarte, 2013, p. 11).

Duarte (2013) analisa, a partir de Marx, que o processo de apropriação do concreto, não se dá em vias diretas e, assim, por intermédio do pensamento científico que necessita das abstrações. Trata-se de apreender o movimento que consubstancia esses elementos em unidade dialética: concreto e abstrato, apropriação e objetivação. Refletir sobre o indivíduo concreto, envolve refletir sobre o que tem sido objetivado como humano-natural e poder diferenciar do que é histórico, apropriando-se da sua condição humana, tendo consciência do que é natural e do que é social em sua vida singular e na sociedade.

Passos foram dados pelo gênero humano na direção do processo de universalização com a criação do mercado mundial e das relações sociais mediadas pelo valor de troca. A individualidade livre e universal é produto do processo histórico, não um produto natural e ela significou a superação das limitadas relações sociais existentes nas comunidades naturais anteriores ao modo de produção capitalista, porém, a efetivação de tais possibilidades envolve “a apropriação para si das relações sociais universais e a superação de sua forma capitalista fundada na redução de todas as relações à troca de mercadorias” (Duarte, 2013, p. 85).

Cada ser humano é único e singular, irrepetível, mesmo em condições máximas de alienação e, acerca desse ponto não parece existirem discordâncias, mesmo em visões fora do

materialismo. Além da singularidade biológica advinda da relação entre o sistema nervoso, em adaptação às condições ambientais, essa especificidade (o ser) se desenvolve, como já visto, “a partir da dialética objetivação e apropriação das características humanas historicamente desenvolvidas e socialmente existentes” (Duarte, 2013, p. 165).

O capitalismo, no seu movimento contraditório cria indivíduos alienados, e, também livres, ainda que dentro dos limites sociais existentes. Segundo Duarte (2013), *individualidade em si* é um conceito que está relacionado à esfera inicial da vida social, sua formação da vida cotidiana, da genericidade em si, do aprender a falar, usar objetos, agir conforme normas sociais, digamos assim, uma socialidade num plano elementar da vida social. Uma criança, em seus primeiros anos de vida, constitui sua *individualidade em si* que é uma base para a formação da *individualidade para si*, a individualidade do ser em relação, do ser social e cotidiano.

“A vida cotidiana é a vida do indivíduo”, que já nasce inserido em uma cotidianidade. Esse indivíduo é um ser, simultaneamente particular e genérico e essa vida cotidiana “é a verdadeira essência da substância social”, está no centro do “acontecer histórico”. A cotidianidade é feita de escolhas, de juízos probabilísticos sobre o efeito dessas escolhas e, de todas as esferas da realidade, é a que mais se presta à alienação, embora, de modo nenhum seja necessariamente alienada. Ela é atividade humano genérica não consciente, com motivações efêmeras e particulares. “No cotidiano parece *natural* a desagregação de ser e essência” (Heller, 2016, p. 63).

Temos o indivíduo em si, alienado, com sua vida limitada pela cotidianidade. O desenvolvimento da individualidade para si pode ser visto como uma ascensão desse nível de percepção de si próprio e de pertencente ao gênero humano, para um nível de autoconsciência, envolvendo objetivações genéricas para si, numa relação consciente do indivíduo com o gênero humano. Para que isso aconteça faz-se necessário que a ciência, a arte, a filosofia estejam presentes na formação das pessoas, o que tem sido precarizado na sociedade capitalista contemporânea. Tanto na vida cotidiana, como na educação escolar, a falta dessas condições tem sérias consequências na reprodução da alienação, na constituição da individualidade para si. “As formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem *objetivações* duradouras são a *arte* e a *ciência*” (Heller, 2016, p. 47).

Compreender esse processo de produção da vida humana nos leva a um entendimento ampliado sobre a constituição da sociedade ao longo da história, do comportamento e das ideias geradas ao longo do tempo de nossa existência humana.

Assim, percorremos um caminho para o entendimento sobre a formação humana, partindo da concepção de indivíduo e do processo do seu desenvolvimento como ser humano

genérico, considerando as relações produzidas no seu cotidiano social – o ser humano em sua totalidade e na trajetória histórico-cultural que o constitui.

1.4 Tecendo algumas considerações

Finalizamos então o nosso percurso produzido entre dimensões da concepção de formação humana, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, cujo propósito foi de elaborar uma síntese teórica que pudesse nos aproximar da complexa concepção sobre a formação do ser humano nessa perspectiva teórico-metodológica. Como propósito último, no presente estudo, vislumbramos objetivar condições de discutir sobre o tema, e sua importância para a psicologia.

Partimos do ser natural, da espécie humana em sua trajetória evolutiva biológica, do animal ao ser humano. Na sequência, nosso foco foi o percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural, procurando abordar a essência do processo sócio-histórico que nos faz humanos – que é o trabalho, a atividade humana. Como último aspecto e agregado aos demais, fizemos uma abordagem sobre o desenvolvimento do indivíduo, do ser individual social ao ser genérico universal.

Esse movimento se fez como primeiro passo em busca de explicitar o conhecimento sobre o tema formação humana, dentro de nossas possibilidades, desdobrando a concepção de ser humano no processo de tornar-se humano. Os elementos teórico-conceituais sobre os quais discorreremos na síntese, fundamentados no materialismo histórico-dialético, foram marcos para sistematizarmos a análise da pesquisa bibliográfica na seção 2. Assim, acreditamos termos constituído um ponto de partida e um ponto de chegada, perfazendo um circuito que servirá de referência teórica para o presente estudo.

Saviani (2012) faz uma consideração sobre o fato de que “(...) a psicologia compreendida como ciência da subjetividade, sempre teve dificuldade em lidar com as ideias de Marx” (p. 20). Esse fato possivelmente ocorre em função de um estereótipo de que a subjetividade em Marx se reduz ao reflexo das determinações materiais, visão absolutamente equivocada. A questão da subjetividade em Marx “se manifesta como indissociável da intersubjetividade” (p. 20), sendo um conceito considerado correlato do conceito de individualidade por Saviani.

Sobre a concepção de subjetividade observa-se que o termo parece sugerir imediatamente interioridade. Na área da psicologia, de forma hegemônica essa ideia se revela, sob a influência da psicanálise, como afirmam (Prado Filho & Martins, 2007), referindo que o termo migra da filosofia para o

(...) o campo dos conhecimentos “psi” pelas mãos de Freud passando a designar uma instância de interioridade, constituindo objeto de estudo científico e campo de experiências do sujeito. De certa forma, a psicanálise freudiana naturaliza e essencializa a subjetividade ao considerá-la inerente ao sujeito, reproduzindo a matriz cristã da interioridade e fazendo dela um enunciado. (Prado Filho & Martins, 2007).

Na perspectiva da filosofia marxiana, “a psicologia deveria tomar como seu objeto de estudo não o sujeito empírico, mas o indivíduo concreto” (Saviani, 2012, p. 31). O indivíduo concreto é a síntese de inúmeras relações sociais, concebida em sua multiplicidade de determinações, e podemos explicá-lo sem recorrer ao empírico ou a uma abstração do sujeito, a partir de variáveis definidas como objetos de estudo. Com isso se afirma o ponto de partida para o objeto de estudo da psicologia, como sendo o ser humano objetivado, concreto.

Esse autor destaca, porém que desde o século XX, a situação da psicologia vem se modificando.

(...) já havendo um conhecimento relativamente amplo não apenas de Vygotsky, mas de outros autores que trouxeram importantes contribuições ao estudo de questões psicológicas a partir do aporte teórico de Marx, ainda que a difusão dessas ideias, principalmente aquelas oriundas da União Soviética, tenha ocorrido frequentemente se buscando depurá-las de suas bases marxianas (Saviani, 2012, p. 21).

Como acima citado, vêm se ampliando os estudos de uma psicologia em bases marxistas, denominada por vezes de soviética ou vigotskiana, em outras denominações. Esse fato vem produzindo novas traduções de textos para a língua portuguesa, antes bem menos acessíveis. Contextualizando a obra de Vigotski na perspectiva de uma sociedade comunista de época, Tuleski (2008) destaca a contundente “(...) insistência na obra de Vigotski sobre a necessidade de superar a ‘velha psicologia’, postulando uma ‘nova psicologia’ que fosse capaz de eliminar a dicotomia entre corpo e mente e realizar a síntese” (p. 81). Propondo o método do materialismo histórico e dialético aplicado à psicologia, ele acreditava que estaria “construindo a ponte que eliminaria a cisão entre a matéria e o espírito” (p. 81). Esta cisão tem caracterizado historicamente as divergências entre as teorias psicológicas, gerando uma classificação (outra dicotomia) entre idealistas e materialistas. Ainda temos muito a caminhar na direção de superar a visão dicotômica na psicologia e nos apropriamos da lógica dialética, do conhecimento e a visão do ser em sua totalidade.

Na Seção 3, discorreremos sobre os fundamentos de psicologia histórico-cultural para discutir e argumentar sobre as bases do processo de desenvolvimento do psiquismo humano, abordando a concepção das funções psíquicas superiores e os estudos relativos à periodicidade

no desenvolvimento da criança à velhice, dando consistência à discussão sobre a relevância dessa abordagem sobre a formação humana, para toda área de atuação da psicologia. Mas, antes de entrar nesta discussão, na próxima seção apresentaremos resultados de uma pesquisa sobre a formação humana, em publicações contemporâneas da área de Psicologia.

2 A PRESENÇA DO TEMA FORMAÇÃO HUMANA EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA

Nesta seção vamos apresentar resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada em bases eletrônicas de dados, no mês de maio de 2024, com o intuito de situar o presente estudo quanto à literatura científica existente na área da psicologia, partindo do referencial teórico-metodológico da psicologia histórico-cultural e do materialismo histórico-dialético.

Para fins dessa pesquisa bibliográfica, a partir das bases consultadas, partimos do entendimento da psicologia como área de conhecimento científico, que faz parte da grande área Ciências Humanas¹² e das Ciências da Saúde¹³, uma vez que se insere como ciências humanas para a Capes, do Ministério da Educação – e como área das ciências da saúde, como integrante da rede da Biblioteca Virtual em Saúde- BVS e BVS-psi – vinculadas ao Ministério da Saúde. Como sabemos, é ampla a atuação da psicologia em diversos palcos sociais, de âmbito público e privado e, lembramos ainda que, historicamente, a psicologia sempre esteve presente, como campo de conhecimento, na formação das áreas de filosofia, educação e medicina, desde antes de sua regulamentação (CFP, 2022) e assim continua sendo a sua trajetória como ciência e como profissão.

Escolhemos as seguintes bases eletrônicas de dados: a rede BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e o portal de periódicos científicos da Rede SciELO – Scientific Electronic Library Online ou Biblioteca Científica Digital Online, por serem de reconhecida qualidade científica. Temos como resultado, um conjunto de artigos e dissertações publicadas no Brasil, em língua portuguesa, nas citadas bases e nos últimos vinte anos. Utilizamos como parâmetro temporal inicial o ano de 2004, visando abranger contemporaneidade e tendo como critério a publicação das DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de psicologia¹⁴. Para o procedimento de busca, utilizamos os termos *formação humana*, *formação do indivíduo* e *constituição do sujeito*, como palavras-chave, ampliando as possibilidades de localizar trabalhos sobre o conhecimento do tema em questão.

Encontram-se aqui os resultados relativos à identificação de produções pesquisadas, a cada etapa da busca, o detalhamento dos procedimentos de pesquisa nas diferentes bases de dados, o acesso aos trabalhos e suas referências, bem como a apresentação de comentários sobre

¹² Ver em: Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação — CAPES (www.gov.br)

¹³ Ver em: Portal da Rede BVS | Portal da Rede BVS (bvsalud.org).

¹⁴ MEC publica as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia - CFP | CFP

a seleção final de 32 produções – 17 artigos e 15 dissertações na área da psicologia, quanto à aproximação observada em relação à concepção de formação humana, na perspectiva que aqui discutimos. Observações e comentários tiveram como referência as três trajetórias que configuram os tópicos desenvolvidos na seção 1 dessa dissertação: evolução biológica do animal ao ser humano; percurso sócio-histórico do ser primitivo ao ser cultural; o processo de desenvolvimento do psiquismo individual.

Os resultados da revisão de literatura serão uma referência para a discussão sobre a importância da concepção de formação humana, para a psicologia como ciência e profissão, como uma totalidade, em seus campos de atuação, seja ele nas áreas mais tradicionais como a clínica, a área escolar, na psicologia organizacional ou do trabalho, por exemplo, assim como nas demais áreas de aplicação profissional. Seguimos descrevendo e detalhando a metodologia da pesquisa bibliográfica, em termos de procedimentos de busca e os primeiros dados localizados, que serão apresentados em quadros e tabelas.

2.1 Procedimentos de busca e primeiros dados da pesquisa

No intuito de validar as palavras-chave escolhidas para essa pesquisa bibliográfica, adotamos como procedimento preliminar a realização de uma busca nos vocabulários da BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, uma referência em terminologias da área. Constatamos que no recurso DeCS – Descritores em Ciências da Saúde¹⁵, as expressões utilizadas não constavam daquele vocabulário, o que nos permite afirmar que elas não se constituem *descritores de pesquisa*, segundo aquela base de dados. Consideramos que nossas *palavras-chave* foram validadas por meio do recurso Terminologia, da BVS-psi – Biblioteca Virtual em Saúde-Psicologia¹⁶, um espaço virtual para padronizar e aperfeiçoar termos, conceitos e siglas utilizados em pesquisa e publicações, sendo referência em periódicos científicos da psicologia. Em função disso, não utilizaremos a nomenclatura descritores no presente texto e sim a expressão palavras-chave, para nos referirmos aos termos utilizados na busca do tema objeto de nossa pesquisa que foram: formação humana, formação do indivíduo e constituição do sujeito.

Iniciamos com a busca de trabalhos do tipo teses, dissertações e artigos científicos, delimitados ao que foi produzido no Brasil, em língua portuguesa, nos últimos vinte anos, entre

¹⁵ Ver em: DeCS (bvsalud.org) DeCS (bvsalud.org)

¹⁶ Ver em: BVS Psicologia Brasil (bvs-psi.org.br)

2004-2024, filtrados nas grandes áreas (Capes) ou área temática (SciELO) consideradas as ciências humanas e ciências da saúde, como já mencionado.

Sobre o sistema de acesso aos dados nas bases pesquisadas, esclarecemos algumas diferenças que foram consideradas ao realizarmos o procedimento de busca. Na base da Capes, após a seleção da grande área de ciências humanas, as opções de filtro trazem desdobramentos, que são áreas de especialização da psicologia e selecionamos todas elas, visando ampliar a inclusão de trabalhos nas referidas áreas de especialização. No portal regional da BVS, constatamos a existência de um filtro denominado de *assunto principal*, no qual selecionamos, além da psicologia e da psicanálise, todos os temas que consideramos correlatos e que listamos a seguir: psicologia, psicologia clínica, psicologia da criança, psicologia educacional, psicologia do desenvolvimento, teoria psicológica, aprendizagem, desenvolvimento humano, infantil e da linguagem, relações interpessoais, socialização, individuação, individualidade, comportamento social, aprendizado social, psicanálise, teoria psicanalítica e teoria freudiana. Procuramos, assim, incluir o máximo possível a condição de identificar nosso tema de pesquisa em trabalhos publicados naquelas bases de dados, na área da psicologia.

O primeiro resultado ou o conjunto de artigos, teses e dissertações que obtivemos através dessa primeira busca, foram os trabalhos em que as palavras-chave (todos os termos foram usados) se encontravam no texto, seja no resumo, título ou assunto. Na tabela 1 apresentamos o quantitativo de produções encontradas, por palavras-chave e por bases consultadas, com resultados desdobrados em duas colunas. Na primeira coluna está o resultado da busca *Total sem filtro*, ou seja, obtido pela digitação apenas das palavras-chave no espaço de busca, cada uma delas entre aspas, “formação humana”, “formação do indivíduo” e “constituição do sujeito”, sem uso de estratégia ou filtro. Na segunda coluna encontra-se o resultado da busca relativo ao total de publicações localizadas com utilização de estratégia de busca do conector AND psicologia e com uso dos filtros, já mencionados.

Tabela 1- Produções por bases consultadas (busca por palavras-chave e filtros)

Palavras-chave	Portais/Bases de acesso aos dados						
	Capes T&D		Portal BVS		SciELO		Total Por palavra-chave
	Total sem filtro	Filtros AND psicologia	Total sem filtro	Filtros AND psicologia	Total sem filtro	Filtros AND psicologia	
Formação humana	3.771	13	102	8	132	4	25
Formação do indivíduo	536	33	51	3	23	8	44

Constituição do Sujeito	2.060	352	438	47	119	31	430
	6.367	398	545	58	274	43	499

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, foram localizadas ao todo, 499 produções em que se constata a presença das palavras-chave associada à psicologia, sendo que essa quantidade possivelmente inclui repetições de publicações de artigos entre as bases de periódicos Portal Regional BVS e SciELO, e, sendo assim, esses totais devem ser tomados como referência e não em termos quantitativos absolutos.

Comparando os dados da última coluna à direita, que apresenta os totais por palavra-chave, vemos que a expressão *constituição do sujeito* teve uma presença quantitativa dez vezes maior que formação do indivíduo, e esta, quase o dobro de formação humana, com um total de 25 produções, somadas todas as bases. Possivelmente este seja um dado que poderia remeter a algumas outras nuances sobre o tema que ora pesquisamos, no entanto apenas apontamos para essa possibilidade, entendendo que não estaria no escopo do presente estudo. Reafirmamos que, em nosso entendimento, as três expressões utilizadas irão produzir resultado suficiente para as discussões que pretendemos realizar.

Contudo, o fato de a palavra-chave formação humana ter sido encontrada em menor quantidade de trabalhos nas buscas, e, sendo essa a expressão que utilizamos como tema desse estudo, voltamos a pesquisar no Catálogo Capes de Teses e Dissertações e efetivar um novo procedimento. Detalhando a observação quantitativa dos dados encontrados na Capes e, tão somente através da busca com a palavra-chave formação humana, vemos que, na primeira linha da Tabela 1, o total de 3.771 caiu para 13 existentes na área de psicologia, o que nos levou a investigar a que áreas do conhecimento estavam vinculados os demais 3.758 trabalhos encontrados naquela primeira busca. Demonstramos na Tabela 2 os desdobramos do total em subtotaís, por tipos de produção, grau acadêmico e áreas de vinculação dos trabalhos.

Tabela 2- Capes – busca com a palavra-chave formação humana

Tipos de produção	Subtotais		
Dissertações	2.500		
Teses	870		
Trabalhos de conclusão - outros graus acadêmicos	985		
Grande Área	Subtotal	%	Área
Ciências humanas	1.810	48%	Educação e Ensino
Multidisciplinar	981	26%	Diversas

Linguística, Letras e Arte, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas.	980	26%	
Total Geral	3.771		

Fonte: Elaboração própria.

Com a palavra-chave *formação humana*, naquela base de dados, encontramos um total de 3.771 trabalhos, sendo que nesse total estavam 2.500 dissertações de mestrado, 870 teses de doutorado e as demais 985 era de conclusão de outros graus acadêmicos. Desse total de 3.771, portanto, 48% são da grande área de ciências humanas (dados destacados em negrito na tabela 2), sendo 26% incluídos como da grande área multidisciplinar e os 26% restantes são das grandes áreas de Linguística, Letras e Arte, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas.

Constatamos, então que os 1.810 - 48% do total encontrado – são produções que vinculadas à grande área de Ciências Humanas, sendo predominante que se originam das áreas de Educação e o Ensino. Como pudemos ver anteriormente na Tabela 1, tivemos, com a busca acrescida do indicador *AND psicologia*, apenas 13 trabalhos desse total, ou seja, na educação 48% e na psicologia 0,3%.

Retomando os dados apresentados na Tabela 1, tivemos um total de 7.186 produções, das seguintes fontes: na Capes foi encontrado um total 6.367 de produções, sendo apenas 398 relacionadas à psicologia, representando 6,2%. Já no Portal Regional da BVS, tivemos o total de 545 produções, sendo apenas 58 da psicologia, representando 10,6%. Na pesquisa à base SciELO tivemos um total de 274 artigos, sendo 43 da psicologia, representando 15,7% das produções ali indexadas. Com esses números, temos a presença do tema, em relação ao total, representando 6,9%, percentual em que ele está presente seja no título do texto, no resumo ou referido como assunto (entre teses e dissertações). Esse total de 499 produções, à princípio encontrado, a partir dos procedimentos de leitura de títulos, sumários e resumos, passou para 41 (vide Quadros 1 e 2), e, ao final de todos os procedimentos de seleção (leitura de outras partes do texto, o que será detalhado a seguir), resultaram na quantidade de 32 produções que efetivamente tratavam do tema em seu objetivo, tópico ou capítulo, representando 6,4%, do total inicial de 499.

Seguindo os procedimentos de pesquisa, fizemos uma triagem do total de 499 produções, por meio da leitura dos títulos e de (alguns) resumos, para identificar os temas de pesquisa tratados naquelas produções. Esse procedimento gerou a exclusão de uma quantidade significativa de trabalhos que abordavam temas não relacionados à formação humana, ou formação do indivíduo ou constituição do sujeito como objeto de estudo, objetivo ou

capítulo/seção. Um novo quantitativo de 41 produções foi encontrado e considerado como produções previamente selecionadas que abordam o tema. Como pode ser visto na Tabela 3, apresentamos as quantidades advindas desta triagem: o resultado da primeira busca – Filtros AND psicologia – obtidos na busca anterior e a coluna *seleção*, com os resultados da primeira busca, gerando uma visualização comparativa.

Tabela 3- Seleção de produções que abordam o tema de pesquisa na área de psicologia

Portais de acesso aos dados – Bases bibliográficas						
Palavras-chave	Capes T&D		Portal BVS		SciELO	
	Filtros AND psicologia	Seleção	Filtros AND psicologia	Seleção	Filtros AND psicologia	Seleção
Formação humana	13	6	8	4	4	3
Formação do indivíduo	33	4	3	3	8	1
Constituição do Sujeito	352	12	47	7	31	1
Total	398	22 (2 T; 20 D.)	50	14 (artigos)	43	5 (artigos)

Fonte: Elaboração própria.

Com esse procedimento, localizamos duas teses de doutoramento na base Capes e 20 dissertações e 19 artigos científicos publicados em periódicos indexados às bases SciELO e BVS, perfazendo um total de 41 produções possivelmente relacionadas ao nosso tema de pesquisa, uma vez que continham ao menos uma das nossas palavras-chave de busca em seus títulos ou resumo.

Apresentamos os dados de referência de cada uma dessas 41 produções, sendo as teses e dissertações no Quadro 1 e os artigos no Quadro 2, identificados por palavras-chave e bases de consulta.

Quadro 1- Teses e dissertações Capes – Primeira seleção

Palavras-chave e referências das produções	
Formação humana	Melo, J. R. (2016). <i>Autoridade e família: algumas considerações sobre o pai</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás], Goiás.
	Carneiro, S. F. B. (2017). <i>A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da Fenomenologia de Edith Stein</i> [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. São Paulo.
	Santos, N. B. (2017). <i>Políticas educacionais de gênero: (Im)possibilidades para emancipação</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Goiânia.

	Capelo, A. C. R. (2018). <i>Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza</i> [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza], Fortaleza.
	Gurgel, J. M. dos S. (2022). <i>O lugar do texto literário e suas implicações para a formação humana no contexto do ensino técnico de nível médio</i> [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza]. Fortaleza.
	Costa, K. C. B. da. (2023). <i>O reflexo estético na formação humana: integrando unidade afetiva e cognitiva no desenvolvimento infantil</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá], Maringá.
Formação do indivíduo	Monteiro, P. V. R. (2015). <i>A unidade afetivo-cognitiva: aspectos conceituais e metodológicos a partir da psicologia histórico-cultural</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Maringá.
	Rios, C. F. M. (2015). <i>O trabalho como atividade principal na vida adulta: contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Maringá.
	Ribeiro, D. R. (2017). <i>Corpo reificado e formação do indivíduo no capitalismo tardio</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei]. São João del-Rei.
	Garcia, I. C. R. (2018). <i>Alienação do desenvolvimento psíquico do adulto: o trabalho como atividade dominante alienada</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba.
Constituição do sujeito	Rabatini, V. G. (2010). <i>A concepção de cultura em Bruner e Vigotski: implicações para a educação escolar</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. São Paulo.
	Palma, R. J. A. de P. (2013). <i>A escolha da neurose na constituição do sujeito</i> [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro.
	Silva, R. M. A. da. (2013). <i>Efeitos da pulsão, linguagem e laço social sobre a constituição dos sujeitos</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
	Vaccaro, M. M. (2014). <i>Constituição do sujeito e historicidade: um estudo a partir do existencialismo sartreano</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá.
	Amor, A. R. de S. (2015). <i>O tempo da constituição do sujeito: considerações sobre o tempo na psicanálise</i> [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Brasília.
	Mendes, J. P. da S. (2016). <i>Da psicologia de sujeitos à psicologia para o indivíduo: reflexões existenciais</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá.
	Durigan, A. C. (2016). <i>Família e cultura: um estudo psicológico acerca das vivências familiares para a formação humana</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá.
	Segundo Júnior, E. B. de A. (2016). <i>A constituição do eu e a alteridade: diálogos entre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e a psicologia psicogenética de Henri Wallon</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Natal.
	Sordi, A. R. (2018). <i>A constituição do sujeito indígena jovem kaiowá e terena: um estudo a partir da teoria da subjetividade</i> [Tese de doutorado, Universidade Católica Dom Bosco]. Mato Grosso do Sul.
	Balduino, N. V. (2018). <i>Uma análise psicopolítica sobre os impactos da frieza burguesa na subjetividade dos indivíduos contemporâneos</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá.
	Torres, L. M. V. (2020). <i>A identificação na constituição do sujeito</i> [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro.
	Amorim, I. de O. (2023). <i>A marca que o outro faz: sobre a constituição do sujeito na modernidade</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. Rio de Janeiro.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2- Artigos por bases – Primeira Seleção

Palavras-chave e referencias das produções		
Formação humana	Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. <i>Cadernos CEDES</i> , 24(62), 44–63.	SciELO
	Sant’Ana, R. B. de. (2007). A dimensão social na formação do sujeito na psicologia. <i>Memorandum</i> , (12), 125–142.	BVS
	Toassa, G. (2013). Certa unidade no sincrético: considerações sobre educação, reeducação e formação de professores na Psicologia Pedagógica de L. S. Vygotsky. <i>Estudos de Psicologia (Natal)</i> , 18(3), 497–505.	BVS

	Gomes, C. A. V. (2013). O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. <i>Psicologia em Estudo</i> , 18(3), 509–518.	BVS, BVS-psi SciELO
	Lima, V. C. de, & Souza, R. de T. (2014). Formação humana e competências: o debate nas diretrizes curriculares de psicologia. <i>Psicologia & Sociedade</i> , 26(3), 792–802.	BVS
	Duarte, A. J. O. (2017). Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. <i>Revista Latino-Americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica</i> , 35, 5–19.	BVS
	Cunha, N. V. S., Cunha, M. L., & Ferreira, H. S. (2020). Concepção de formação humana para a educação infantil: um estado da questão. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , 25, e250033.	SciELO
Formação do indivíduo	Rocha, A. P., & Franciscatti, K. V. S. (2009). Suicídio e liberdade de vontade: possibilidades de individuação na sociedade industrial. <i>Pesquisas e Práticas Psicossociais</i> , 4(1), 17–25.	BVS
	Crochík, J. L. (2010). A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. <i>Psicologia USP</i> , 21(1), 31–46.	SciELO
	Martins, L. M., & Rabatini, V. (2011). A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. <i>Revista Psicologia Política</i> , 11(22), 345–358.	BVS-psi
	Rodrigues, P. O. G., & Franciscatti, K. V. S. (2017). Notas sobre indivíduo e consciência em Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. <i>Psicologia USP</i> , 28(2), 256–265.	BVS
Constituição do sujeito	Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. <i>Psicologia em Estudo</i> , 9(1), 127–135.	BVS
	Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. <i>Psicologia & Sociedade</i> , 17(2), 99–104.	BVS
	Cougo, R. H. F. do A., & Tfouni, L. V. (2011). A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo. <i>Revista Mal-Estar e Subjetividade</i> , 11(3), 1189–1216.	BVS
	Molon, S. I. (2011). Notas sobre a constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. <i>Psicologia em Estudo</i> , 16(4), 613–622.	BVS-psi BVS SciELO
	Both, T., & Hintz, H. C. (2012). A repercussão da transmissão geracional na constituição do sujeito. <i>Pensando Famílias</i> , 16(1), 229–248.	BVS
	Santos, V. O., & Ghazzi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 32(3), 632–647.	BVS
	Silva, L. C. da S., & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean Paul Sartre. <i>Revista de Psicologia</i> , 7(2), 99–109.	BVS
	Palma, R. J. A. de P., & Jorge, M. A. C. (2021). A constituição subjetiva no grafo do desejo de Lacan. <i>Estilos Clínicos</i> , 26(1), 160–179.	BVS

Fonte: Elaboração própria.

Como já afirmamos, as 41 produções foram primeiramente selecionadas uma vez que continham ao menos uma das nossas palavras-chave de busca em seus títulos ou resumo. Após essa primeira seleção, procedemos uma nova consulta aos textos, observando o conteúdo do sumário, da introdução, considerações finais e referências, no intuito de confirmar de modo mais detalhado sobre a presença do tema formação humana em cada publicação. A seleção que fizemos nesta etapa resulta de um filtro que buscou localizar nos textos as seguintes evidências: o tema constar como objetivo geral da pesquisa ou ser objetivo específico; ser um tema de discussão mencionado no texto, integrando capítulo de dissertação ou tópico de artigo. Com

esse procedimento, chegamos a um novo quantitativo total de 32 produções, sendo 15 dissertações e 17 artigos e nenhuma tese de doutoramento.

Consideramos essa a seleção final de produções que expressam, para fins dessa pesquisa, a presença do tema formação humana na psicologia, sobre a qual passaremos a apresentar e tratar alguns elementos observados nas 32 produções da psicologia, sobre os quais teceremos comentários, a partir do referencial já mencionado e que explicitaremos no próximo tópico.

2.2 Apresentação e discussão dos dados selecionados

Iniciamos com a apresentação das 32 produções selecionadas, em formato de referência e por ordem alfabética de autor, constantes do Quadro 3 - as dissertações indexadas na base Capes - e do Quadro 4 os artigos, devidamente sinalizados sobre as bases consultadas e de modo acessível ao leitor.

Quadro 3- Dissertações da Capes – Seleção final

Referências – Ordem alfabética por autor
Amorim, I. de O. (2023). <i>A marca que o outro faz: sobre a constituição do sujeito na modernidade</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. CAPES. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14666816
Balduino, N. V. (2018). <i>Uma análise psicopolítica sobre os impactos da frieza burguesa na subjetividade dos indivíduos contemporâneos</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá] Maringá. https://ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI_2018%20NAIARA.pdf
Costa, K. C. B. da. (2023). <i>O reflexo estético na formação humana: integrando unidade afetiva e cognitiva no desenvolvimento infantil</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá] Maringá. https://sites.uem.br/ppi/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2023/keuri-c-b-da-costa
Durigan, A. C. (2016). <i>Família e cultura: um estudo psicológico acerca das vivências familiares para a formação humana</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. https://ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2016-1/ana-cecilia-durigan
Garcia, I. C. R. (2018). <i>Alienação do desenvolvimento psíquico do adulto: o trabalho como atividade dominante alienada</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba. https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59059
Gurgel, J. M. dos S. (2022). <i>O lugar do texto literário e suas implicações para a formação humana no contexto do ensino técnico de nível médio</i> [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza]. Fortaleza. https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/127930
Mendes, J. P. da S. (2016). <i>Da psicologia de sujeitos à psicologia para o indivíduo: reflexões existenciais</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5690
Palma, R. J. A. de P. (2013). <i>A escolha da neurose na constituição do sujeito</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro. https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/14626/1/Dissert_Renato%20Palma.pdf
Ribeiro, D. R. (2017). <i>Corpo reificado e formação do indivíduo no capitalismo tardio</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei]. São João del-Rei. https://ufsj.edu.br/porta2repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Daviane%20Rodrigues%20Ribeiro.pdf

Rios, C. F. M. (2015). <i>O trabalho como atividade principal na vida adulta: contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba. https://hdl.handle.net/1884/41850
Santos, N. B. (2017). <i>Políticas educacionais de gênero: (im)possibilidades para emancipação</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás] Goiânia. https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/10059c9d-df6b-416d-9346-a7a59ccf49b
Segundo Júnior, E. B. de A. (2016). <i>A constituição do eu e a alteridade: diálogos entre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e a psicologia psicogenética de Henri Wallon</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Natal. https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22805
Silva, R. M. A. da. (2013). <i>Efeitos da pulsão, linguagem e laço social sobre a constituição dos sujeitos</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Belo Horizonte. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=434725
Torres, L. M. V. (2020). <i>A identificação na constituição do sujeito</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro. https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/17264
Vaccaro, M. M. (2014). <i>Constituição do sujeito e historicidade: um estudo a partir do existencialismo sartreano</i> [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá] Maringá. http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3027/1/000213454.pdf

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4- Artigos com referências e bases de consulta – Seleção final

Referências - Ordem alfabética por autor	Base
Cougo, R. H. F. do A., & Tfouni, L. V. (2011). A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo. <i>Revista Mal-Estar e Subjetividade</i> , 11(3), 1189–1216. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-696773	BVS
Crochík, J. L. (2010). A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. <i>Psicologia USP</i> , 21(1), 31–46. https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100003	SciELO
Cunha, N. V. S., Cunha, M. L., & Ferreira, H. S. (2020). Concepção de formação humana para a educação infantil: um estado da questão. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , 25, e250033. https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yCmpsPLL7tdYPh3KTKpN4f/	SciELO
Duarte, A. J. O. (2017). Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. <i>Junguiana</i> , 35, 5–19. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-954862	BVS
Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. <i>Cadernos CEDES</i> , 24(62), 44–63. https://www.scielo.br/j/ccedes/a/BySzFJvy3NLvLrfRtxgBy6w/	SciELO
Gomes, C. A. V. (2013). O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. <i>Psicologia em Estudo</i> , 18(3), 509–518. https://www.scielo.br/j/pe/a/SfrDL3FRH93VPXXz76Gxfvm/	BVS SciELO
Lima, V. C., & Souza, R. T. (2014). Formação humana e competências: o debate nas diretrizes curriculares de psicologia. <i>Psicologia & Sociedade</i> , 26(3), 792–802. https://www.scielo.br/j/psoc/a/x4TSNs4KQSFhHzdS7MvgRXc/	BVS
Martins, L. M., & Rabatini, V. G. (2011). A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. <i>Revista Psicologia Política</i> , 11(22), 345–358. https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/125059	BVS-psi
Molon, S. I. (2011). Notas sobre a constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. <i>Psicologia em Estudo</i> , 16(4), 613–622. https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/	BVS SciELO
Rocha, A. P., & Franciscatti, K. V. S. (2009). Suicídio e liberdade de vontade: possibilidades de individuação na sociedade industrial. <i>Pesquisa e Práticas Psicossociais</i> , 4(1), 17–25. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-48257	BVS
Oliveira, F. A. F. de, & Barroco, S. M. S. (2023). Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. <i>Psicologia em Estudo</i> , 28, e51648. https://www.scielo.br/j/pe/a/mp6sqT7Ff7kyCzcrwvQR55m/?lang=pt	BVS

Rodrigues, P. O. G., & Franciscatti, K. V. S. (2017). Notas sobre indivíduo e consciência em Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. <i>Psicologia USP</i> , 28(2), 256–265. https://www.scielo.br/j/pusp/a/hYWSxZLGZtZTrvMQwcRkCtv/	BVS SciELO
Sant’Ana, R. B. de. (2007). A dimensão social na formação do sujeito na psicologia. <i>Memorandum</i> , (12), 125–142. https://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/santana01.pdf	BVS
Santos, V. O. dos, & Ghazi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 32(3), 632–647. https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZbdMbmJG6Jb89fDGW8RGkKF/	BVS
Silva, L. C. da, & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean Paul Sartre. <i>Revista de Psicologia</i> , 7(2), 99–109. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-878286	BVS
Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. <i>Psicologia em Estudo</i> , 9(1), 127–135. https://www.scielo.br/j/pe/a/7fQH8GfwqJ7HKCjKtDZJrQd/	BVS SciELO
Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. <i>Psicologia & Sociedade</i> , 17(2), 99–104. https://www.scielo.br/j/psoc/a/RYcScYgsPrJgpLtK9C7BhcP/	BVS SciELO

Fonte: Elaboração própria.

Por meio da leitura mais apurada dos 32 trabalhos, partimos para identificar de que modo a concepção de formação humana se fazia presente em cada um deles, um procedimento que abrangeu, no caso das 15 dissertações, a leitura do resumo e sumário, e de algum capítulo específico que discutisse o tema formação humana, bem como dos textos de introdução e considerações finais. Em relação aos 17 artigos, procedemos a leitura dos resumos, da introdução, as considerações finais e os títulos dos subitens que ordenavam o texto, buscando localizar alguma abordagem específica porventura existente sobre o tema. Este procedimento resultou também na identificação do fundamento teórico-metodológico indicado pelo autor como suporte para as discussões ali produzidas, o que nos levou também a fazer uma breve observação das referências utilizadas nos trabalhos. O Quadro 5, a seguir, resume a quantidade de produções por base teórica e tipo de publicação (artigo ou dissertação), identificando também os autores que foram citados no título, resumo ou introdução do texto.

Após apresentar a listagem nos quadros 3 e 4, passaremos a comentar os trabalhos selecionados, tomando como referência a concepção de formação humana delineada na seção 1, que desdobra o processo de formação humana em três trajetórias: *da evolução biológica do animal ao ser humano*, envolvendo aspectos filogenéticos, da espécie humana; *da evolução sócio-histórica do ser primitivo ao ser cultural*, relativa à ontogênese, atividade e produção social da vida humana; *do desenvolvimento do psiquismo individual*, processo que transcorre do recém-nascido ao ser adulto cultural. Conforme já mencionado na seção 1, reforçamos que essas trajetórias são fruto de estudos da psicologia histórico-cultural, descritas por Vigostki e Luria (1996, p. 151). Naquela obra os autores afirmam a necessidade de estudar a psicologia do

ser humano adulto, a partir da consciência de que o seu desenvolvimento resulta de uma complexa evolução que combina ao menos as três trajetórias: biológica, sociocultural e do desenvolvimento psíquico individual.

Quadro 5- Tipos e quantidades de produção por fundamentação teórica

Fundamentação teórico-metodológica (T&M) – autores e tipos de produção				
T & M	Autores citados título ou resumo	Dissertações	Artigos	Totais T&M
Psicologia Histórico-cultural	Lev. S. Vigotski, Alexei Leontiev	5	8	13
Psicologia Histórico-cultural e interacionismo social	Lev. S. Vigotski e George Herbert Mead		1	1
Teoria Crítica da Sociedade	Theodor Adorno e Max Horkheimer	2	2	4
Psicanálise	Sigmund Freud, Jacques Lacan	4	2	6
Teoria Crítica da Sociedade e Psicanálise	Sigmund Freud, Jacques Lacan Herbert Marcuse Theodor Adorno e Max Horkheimer	1	2	3
Psicologia Analítica	Carl Gustav Jung		1	1
Existencialismo	Jean Paul Sartre	2	1	3
Não citado	Não citado	1		1
		15	17	32

Fonte: Elaboração própria.

Nas oito linhas da primeira coluna à esquerda, temos os diferentes fundamentos teórico-metodológicos identificados e, na segunda coluna, os autores de referência que foram citados em 31 das 32 produções selecionadas. Apenas em um dos textos não encontramos a informação sobre fundamentação teórica ou autor de referência. Quase a metade das produções localizadas por esse procedimento têm como base teórica a psicologia histórico-cultural, perfazendo 44% do total, e os demais distribuídos assim: 28% com base na psicanálise, 13% na teoria crítica da sociedade e 10% existencialismo, 2,5% a psicologia analítica e mais 2,5% que corresponde à produção cuja referência não foi identificada.

Comentaremos os 32 trabalhos em subitens que elaboramos, utilizando o critério de incluírem a principal trajetória abordada pelo autor, como ponto de partida da discussão proposta no texto, não significando, de modo algum, a única trajetória considerada pelo autor em seu texto, como poderemos ver nos comentários apresentados nos tópicos seguintes.

2.2.1 Partindo da trajetória da evolução biológica

Destacamos dois artigos que, de modo mais evidente para nós, abordam seu tema de pesquisa a partir de sua origem animal e de sua relação com a natureza, sendo um com base na psicologia histórico-cultural e o outro na psicologia analítica junguiana: Newton Duarte (2004) e Alisson Duarte (2017).

Duarte (2004) analisa aspectos da psicologia de A. N. Leontiev e suas implicações para a reflexão sobre a educação e inicia abordando a diferença entre a formação do indivíduo humano e a ontogênese animal. Explica essas diferenças para entrar em outro aspecto central na teoria e nas pesquisas psicológicas desenvolvidas por Leontiev, sobre a estrutura da atividade e a estrutura da consciência. Em sua primeira parte, indaga sobre como se forma um ser humano; segue argumentando que, na perspectiva marxista, responder a tal pergunta pressupõe a análise das diferenças entre a atividade humana e animal; e conclui que indagar-se sobre a diferença do gênero humano é indagar-se sobre o processo histórico de construção da cultura. Com essas considerações, podemos perceber a presença de outra dimensão do processo de formação humana, trazida pelo autor no referido texto, relacionada à trajetória sócio-histórica. Em sua introdução, o autor delimita o foco que será dado naquele artigo, afirmando que “dados os inevitáveis limites do que é possível abordar no espaço de um artigo, deixarei de abordar outros aspectos dessa psicologia que também são importantes para a educação” (p.45). Esse excerto apresenta com clareza a delimitação da sua abordagem, enquanto aponta para a dimensão mais ampla que envolve as contribuições da psicologia histórico-cultural para o tema da educação, e revela o princípio de totalidade inerente ao método materialista histórico-dialético, que pressupõe o todo e a relação entre as partes constituintes, em constante movimento.

O artigo de **A. Duarte (2017)** relata um estudo sobre a vida e obra de Carl Gustav Jung, destacando a natureza como notável inspiração para a formulação da psicologia analítica, indicando que

(...) consideramos importante uma releitura de sua teoria, tomando como ponto de partida o valor e a função da natureza para a constituição de seu trabalho científico. Afinal, somos parte da natureza e guardamos os traços arquetípicos de nossa ancestralidade. O abandono de nossas raízes naturais significa uma cisão de nós mesmos e talvez essa dissociação, do homem com o meio e com sua própria natureza, esteja à frente dos principais problemas ecológicos da atualidade (pp. 8-9).

Segundo o autor, Jung concebia o funcionamento psíquico de maneira análoga ao funcionamento dos sistemas naturais e nesse trabalho ele pesquisou acerca da função da natureza na teoria analítica de C. G. Jung, que “(...) falou intensamente, em sua obra, sobre a necessidade do homem de se reencontrar com a originalidade primária de seu próprio ser” (Duarte A., 2017, p.6). São aspectos abordados pelo autor que remete ao pertencimento do ser humano à natureza, à relação com a natureza e ao lugar da ancestralidade na vida humana. Importante retratar que para essa teoria, segundo o autor, o ser humano é concebido tanto em seu estado natural, como em seu estado modificado pela cultura, ressaltando ainda que ele deve ser visto em sua totalidade, ou seja, a visão de ser humano indica outros aspectos relacionados à trajetória sócio-histórica, do humano cultural.

2.2.2 Partindo da trajetória sócio-histórica

Selecionamos dentre os trabalhos pesquisados, aqueles que, ao nosso ver, tratam do tema formação humana, tomando como ponto de partida a perspectiva do percurso sócio-histórico, ou seja, a partir da discussão de relações sociais, atividade, trabalho e condições históricas da existência humana que constituem o processo de formação humana, do ser primitivo ao ser cultural. Perfazem um total de oito, sendo cinco artigos e três dissertações de mestrado. que corresponde a 22,5%, ou seja, um quarto do total dos 32 selecionados.

Com base na psicologia histórico-cultural temos quatro trabalhos: Zanella (2004, 2005); F. Oliveira e Barroco (2023); Rios (2015); e Garcia (2018). Com base na psicologia histórico-cultural e no interacionismo social temos Sant’Ana (2007); Lima e Souza (2014), com base na teoria crítica da sociedade e Mendes (2016), no existencialismo.

O artigo de **Zanella (2004)** tem como objetivo “discutir conceitos da Psicologia Histórico-Cultural que se constituem como fundamentais para a explicação e investigação do processo de constituição psicológica do sujeito” (p. 127), resgatando a noção de ação mediada como fundante do psiquismo humano, a autora articula essa noção ao conceito de atividade.

A questão fundamental, portanto, que nos permite compreender a teoria de Vigotski, é a concepção de ser humano que de certa forma atravessa todos os seus escritos e que necessariamente precisa ser levada em conta: consonante com o referencial marxista e o tomando por base, Vigotski entende a pessoa como ‘um agregado de relações sociais encarnada num indivíduo’ (Vigotski, 2000, p. 33 citado por Zanella, 2004, p. 127).

A autora demarca que a relação sujeito e sociedade é inexorável, ou seja, ele só existe porque é constituído em contextos sociais, que resultam da ação concreta dos seres que,

coletivamente organizam a vida social. O objetivo do trabalho foi “discutir conceitos de ação e atividade e suas implicações para pesquisas que investigam o processo de constituição do sujeito orientadas nos aportes da psicologia histórico-cultural” (Zanella, 2004, p. 128). Baseia sua argumentação no entendimento dialético dos fenômenos psicológicos, como instâncias de um único processo histórico que envolve a fisiologia e o psiquismo. Destaca a dimensão materialista histórica, com base no marxismo, afirmando a existência do mundo material como anterior à vida humana, uma natureza que por ele será transformada. Ressalta a resignificação do conceito de desenvolvimento, afirmando a não existência de nada *em germe*, sendo tudo resultado da atividade e no contexto das relações humanas. Outros aspectos são discutidos pela autora, sendo questões complexas que merecem ser conhecidas em sua profundidade, porém que extrapolam o âmbito do nosso objetivo na presente seção. Aliás, a autora afirma a complexidade da pesquisa no campo da psicologia histórico-cultural, concluindo que “A explicação do psiquismo humano, sua gênese e processo de desenvolvimento só é possível, portanto, via a análise da produção social da cultura e da produção cultural dos sujeitos” (p. 134).

No segundo artigo de **Zanella (2005)**, a autora discute a constituição do sujeito, destacando a sua importância para a psicologia, “na medida em que problematiza tanto o objeto dessa ciência como a forma com que é abordado”. Com base nos aportes de L. S. Vygotski afirma que,

Na perspectiva desse autor, a especificidade humana decorre da dupla relação que se estabelece com a realidade: via atividade, o ser humano se apropria da cultura e concomitantemente nela se objetiva, constituindo-se assim como sujeito. Desse modo, a dimensão singular é inexoravelmente constituída e constituidora do social, o que pode ser tematizado como alteridade, como a dimensão de um outro ou das relações com outros (Zanella, 2005, p. 99).

O tema abordado no referido artigo é a relação sujeito e alteridade, produzindo reflexões sobre o conceito de alteridade, a partir da psicologia histórico-cultural. Nele se defende a posição de que a dimensão do singular inevitavelmente é constituída e constituidora da dimensão social, podendo assim ser tematizado como alteridade o que se refere à dimensão do outro ou das relações com os outros. “(...) Cada pessoa concreta descola aspectos da realidade a partir do que significa como relevante, do que a emociona e mobiliza constituindo assim modos de ser que são ao mesmo tempo sociais e singulares” (p. 103). Afirmando que a discussão sobre o conceito de alteridade tem sido recente na psicologia, entendemos que a autora, ao afirmar o ser social, analisa, ao mesmo tempo a sua constituição nas relações sociais,

ou seja, *nos outros*. Afirma, ainda a inexistência de um eu imaginário descolado dos outros, nem essência à priori e é “o encontro permanente e incessante com o outro que possibilita reconhecer a pluralidade do que se é e do que se pode vir a ser” (p. 103).

O artigo de **F. Oliveira e Barroco (2023)**, abordando um tema emergente da atualidade, tem como objetivo “recuperar a revolução tecnológica como um recurso para a compreensão da constituição dos sujeitos contemporâneos”, argumentando que o smartphone, mais do que qualquer outra tecnologia digital tem impactado nas relações entre sujeitos e no desenvolvimento dos seus processos psíquicos. Os autores concluem que a “revolução microtecnológica deve ser tomada por um viés crítico e ético, para que tenhamos um uso consciente e responsável desse bem cultural como ferramenta socialmente útil e para termos “uma verdadeira sociedade não só da informação, mas do conhecimento” (p. 14). Abordando a construção de bens humanos desde a máquina a vapor da primeira revolução industrial, a abordagem privilegia discussões sobre o processo sócio-histórico de constituição do ser humano.

Rios (2015), em seu trabalho de dissertação, realizou uma pesquisa teórico-conceitual com o objetivo de “(...) analisar o trabalho como atividade principal da vida adulta, identificando que conteúdos e processos psicológicos são por ele engendrados” (p. 6). Ressalta o lugar do trabalho “como atividade originária do psiquismo especificamente humano”, delineando aspectos ontológicos e históricos do papel do trabalho e apontando “o quanto as relações capitalistas de produção, ao apartarem o ser humano das objetivações intelectuais e materiais resultantes do trabalho da humanidade, limitam a sua formação” (p. 6).

Encontramos nessa autora um estudo que abstrai os conceitos de periodização do desenvolvimento e atividade principal para avaliar a relevância do trabalho na vida adulta e as implicações psicológicas da atividade, ao mesmo tempo sendo promotora de humanização e alienante.

Nos estudos sobre a periodização do desenvolvimento psíquico humano, a Psicologia Histórico-Cultural, ao contrário, reconhece o caráter sócio-histórico e prospectivo do desenvolvimento, sublinhando a atividade social do indivíduo como a mola propulsora da formação do psiquismo e da personalidade (Rios, 2015, p. 6).

A autora refere que “é muito comum existirem teorias naturalizantes, que conferem centralidade à infância e apreendem a vida adulta como um período sem mudanças significativas” enfatiza o trabalho como “atividade originária do psiquismo especificamente humano”, e aponta “o quanto as relações capitalistas de produção, ao apartarem o ser humano das objetivações intelectuais e materiais resultantes do trabalho da humanidade, limitam a sua

formação (Rios, 2015, p. 6). No primeiro capítulo, encontramos referência, ainda que breve a aspectos filogenéticos do processo de existência humana.

Para existirem, os seres humanos precisam satisfazer necessidades primeiras, como comer, beber, morar e vestir. (...) Os seres humanos, contudo, passaram, em determinado momento de sua evolução, a produzir os meios de sua própria existência. E é a este ato de produção da vida material que Marx e Engels (2007) conferem a qualidade de primeiro ato histórico (Rios, 2015, p. 20).

Porém, a abordagem da autora parte desse marco acima citado – do primeiro ato histórico, revelando a ênfase na trajetória sócio-histórico de constituição do sujeito, ao lado de aspectos relacionados à trajetória do desenvolvimento do psiquismo individual, quando é abordado o tema da periodização do desenvolvimento relacionado à atividade principal do trabalho, a partir da psicologia histórico-cultural.

A dissertação de **Garcia (2018)**, fruto de uma pesquisa teórico-conceitual, tem como “objetivo compreender as implicações do trabalho como atividade dominante alienada para o desenvolvimento psíquico do adulto, em especial, no modo de produção capitalista” (p. 7).

(...) em virtude da atualidade do tema [alienação] e do progressivo distanciamento entre o que o ser-humano produz enquanto gênero e o que acessam os seres humanos singulares, fator que implica a agudização dos desdobramentos da alienação sobre a personalidade (p. 7).

É um estudo que discute o papel central do trabalho alienado no desenvolvimento do ser humano, adotando “os elementos teórico-metodológicos da teoria da atividade, de Leontiev e da teoria marxista da alienação” (Garcia, 2018, p. 7). São aspectos implicados na trajetória sócio-histórica e que carregam outras dimensões do processo de constituição do sujeito, em especial ao discutirem a relação da alienação com o desenvolvimento da personalidade, ou seja, fazendo uma ponte entre as determinações da trajetória sócio-histórica com a trajetória do desenvolvimento psíquico individual.

O artigo de **Sant’Ana (2007)** “reflete a respeito da formação do sujeito na psicologia, tendo como principal referência teórica o interacionismo social de George Herbert Mead (1863-1931) e de L. S. Vigotsky (1896-1934)” (p. 125). O autor do artigo situa os dois autores que usa como referência, “no interior do processo histórico de nascimento da psicologia científica” (p. 125), e dá destaque à contribuição de Mead. Em suas palavras, “a base da teoria de Mead (1967) é a consideração de que interação é conversação gestual mediada ou não pelo verbo, de modo a permitir o despertar de colaboração entre indivíduos a conformar um ato social”.

Sant’Ana (2007) faz considerações sobre a relevância do interacionismo do autor George Herbert Mead, como contribuição para reforçar a tese de que condutas humanas tem propriedades específicas que resultam do histórico da socialização, especialmente relacionados aos instrumentos semióticos. *A dimensão social na formação do sujeito na psicologia* é o título do artigo e por si já revela a concepção interacionista da autora. Na perspectiva dialética, podemos dizer que é na dimensão social que se forma o sujeito, portanto, não faria sentido abordar a categoria dimensão social como um elemento presente no processo de formação. Entendemos que as ideias de Vigotski são consideradas na visão do interacionismo social, e aproximadas secundariamente às ideias do autor principal (Mead).

É sabido que, no processo das primeiras traduções e publicações de Vigotski (2007) no Brasil, tivemos textos declaradamente editados, como é o caso de *A Formação Social da Mente*, como pode ser visto no prefácio dos organizadores, p. XIV. Existem críticas rigorosas feitas à apropriação da obra de Vigotski com o enfoque interacionista e desprovida de princípios do materialismo histórico, ou seja, da perspectiva marxista, críticas essas produzidas por Duarte (2000), entre outros autores contemporâneos. Em outro momento do texto, Sant’Ana (2007) reconhece que “(...) a noção de totalidade, trazida pelos autores [Mead e Vigotski], guarda diferenças em relação à tradição filosófica que referencia suas teorias” (p. 128). Porém, as discussões produzidas sobre a concepção de formação humana, se constituem a partir da visão interacionista, ou seja, pelas relações entre sujeito e o meio em sua relação (interações) com o meio externo físico e social, pressupostos não compatíveis com a psicologia histórico-cultural, como já afirmamos. Com relação à trajetória filogenética localizamos uma breve menção ao ser humano como organismo vivo com “muitas propriedades comportamentais influenciadas pela configuração do potencial genético e pelas condições de sobrevivência da espécie” (p. 126).

O artigo de **Lima e Souza (2014)**, com base na crítica aos processos de formação humana da Teoria Crítica da Sociedade, “analisa as perspectivas de formação humana e de desenvolvimento de competências identificadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia” discutindo essas questões na formação de psicólogos “um processo contraditório que evidencia um projeto em disputa” (p. 792). Os autores afirmam que “o campo de contradições e disputas que apontamos se insere em um campo mais amplo de disputas de rumos e significados entre distintos projetos societários, no qual se insere a psicologia” (p. 801).

Entendemos que a disputa ocorre no plano das relações sociais, que comporta contradições em relação aos interesses de classe. No primeiro tópico sob o título de formação humana, o autor esclarece que

O processo do que podemos assim compreender como formação humana ocorre através da apropriação do patrimônio material e espiritual acumulado, em cada momento histórico, pela humanidade, e o impedimento de uma apropriação plena também é o impedimento do pleno desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres integralmente humanos (Lima & Souza, 2014, p. 793).

A crítica é explicitada em relação à sociabilidade capitalista, que, (...) a partir da centralidade assumida pelo trabalho abstrato, a subordinação dos processos de formação humana aos imperativos de produção da riqueza resulta em uma formação unilateral, profundamente cindida entre formação cultural e formação para o trabalho (Lima & Souza, 2014, p. 793).

Na abordagem trazida pelos autores sobre formação humana (Lima & Souza, 2014, pp. 793-794), identificamos uma breve referência à trajetória filogenética (do animal ao ser humano), quando ele afirma que “o homem não nasce pronto e precisa, no decorrer da sua vida, se humanizar, avançar em sua condição cultural”; e ao percurso sócio-histórico e, principalmente a este, quando menciona a condição cultural como processo que ocorre “através da apropriação do patrimônio material e espiritual acumulado, em cada momento histórico, pela humanidade (...)”. Sobre formação humana, o autor destaca, questões que envolvem a indústria cultural e a instrumentalização da cultura, constituindo subjetividades homogeneizadas, redução do sujeito a indivíduo passivo, fazendo surgir a massa semi informada, uma determinação social considerada como impedimento fundamental para a emancipação humana.

Com base na “Filosofia da Existência”, **Mendes (2016)** fez um estudo bibliográfico que tem “por objetivo problematizar o espírito do nosso tempo, investigando de que forma a Psicologia tem fomentado a eleição do individualismo como modo de vida contemporâneo” (p. 5). Para analisar o fenômeno do individualismo, percorre “alguns autores contemporâneos”, refere-se à ciência psicológica relacionada a “uma série de questões de ordem social, empenhada em forjar a ideia de indivíduo adaptado socialmente, detentor de uma subjetividade privatizada (Psicologia para o Indivíduo)” (p. 5). Em sua conclusão, apresenta “propositivas para a atuação da Psicologia, que corrobore com a construção de um novo repertório social de resistência frente aos dispositivos de subjetivação, atualmente ressoado no individualismo” (p. 5). Em consulta às referências do trabalho, encontramos obras do autor Jean Paul Sartre, daí termos atribuído esse trabalho à linha teórica do Existencialismo, embora tenhamos encontrado referências de diversas vertentes teóricas, inclusive da psicologia histórico-cultural, sendo abordagens que possivelmente diferem em seus pressupostos sobre a origem e constituição do

ser humano. Porém, trata-se de uma possibilidade aqui proposta ou apenas uma hipótese a ser investigada de modo aprofundado, o que não cabe em nosso objetivo de pesquisa.

Como podemos ver, todas as oito produções aqui localizadas, consideram as condições sociais como principal foco ao abordarem o tema da formação humana, sendo que algumas remetem suas discussões a aspectos do desenvolvimento psíquico individual e referem à complexidade do tema em sua totalidade.

2.2.3 Foco na trajetória do desenvolvimento do psiquismo individual

A maioria dos trabalhos selecionados, abordam o tema da formação humana, focalizando o que aqui consideramos a trajetória do desenvolvimento do psiquismo individual - do recém-nascido ao adulto, são 10 artigos e 12 dissertações agrupados nesse item, que perfazem 70% dos trabalhos selecionados. Do total de 22 trabalhos temos sete com fundamentos na **psicologia histórico-cultural**: Costa (2023), Durigan (2016); Segundo Junior (2016); Gomes (2013), Cunha, Cunha e Ferreira (2020), Martins e Sabatini (2011) e Molon (2011); seis com base em **teorias psicanalíticas**: Santos e Ghazzi (2012), Cougo e Tfouni (2011), Palma (2013), Silva (2013), Torres (2020) e Amorim (2023); três com base na **teoria crítica da sociedade e na psicanálise**: Rocha e Franciscatti (2009), Crochik (2010) e Balduino (2018); três com base na **teoria crítica da sociedade**: Rodrigues e Franciscatti (2017), Ribeiro (2017) e Santos (2017); dois com base no **existencialismo**: Vaccaro (2014) e L. Silva e Vaccaro (2016) e, por fim, um trabalho de Gurgel (2022), que **não definiu a base teórica**.

Iniciamos as considerações a partir dos autores que se fundamentam na Psicologia Histórico-Cultural. **Costa (2023)** tece “um debate sobre a importância da educação estética no processo educativo” (p. 7), subsidiada pela psicologia histórico-cultural, em especial no conceito de desenvolvimento infantil e da construção da personalidade, pelo conceito de catarse da pedagogia histórico-crítica e por meio da concepção ontológica do pensamento marxiano. A autora defende que “dar importância à apreensão sensível do mundo equivale à adoção de uma atitude de resistência ativa à naturalização da alienação” (p. 7). Tratando o tema a partir do percurso do desenvolvimento psíquico e abordando a construção da personalidade, o texto envolve também uma concepção ontológica do ser e do processo sócio-histórico de apreensão da realidade. Sobre a trajetória, em seu aspecto filogenético, a autora no capítulo 3, desdobra no tópico 3.1 p. 52, o tema do *Desenvolvimento Cultural da Criança*, afirmando, a partir de Vigotski que

(...) Então, ‘quando falamos do desenvolvimento cultural da criança, referimo-nos ao processo que corresponde ao desenvolvimento psíquico que ocorre ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade’ (Vigotski, 1983, p. 29). Porque, no que se refere à filogênese, o sistema de atividade do sujeito é determinado pelo desenvolvimento de seus órgãos naturais ou artificiais; enquanto na ontogênese, o sistema de atividade se determina simultaneamente tanto por um quanto pelo outro (Costa, 2023, p. 55).

A autora define que, em linhas gerais, o termo cultura, a partir da teoria vigotskiana, “refere-se à totalidade das produções humanas, isto é, a tudo que decorre da ação criadora transformadora do homem sobre a natureza” (Costa, 2023, p. 55), fazendo uma abordagem bem mais ampla sobre o tema, que aqui apenas nos referimos no objetivo de localizar a referência que leve em conta as três trajetórias sobre o processo de formação humana, à luz do materialismo histórico-dialético.

Um estudo psicológico acerca das vivencias familiares para a formação humana, é o título da dissertação de mestrado de **Durigan (2016)**. Tendo como tema central a existência atual de diversos arranjos familiares e a prevalência de modelos naturalizados e suas determinações para a formação humana, a autora afirma o objetivo de “investigar e esclarecer as potencialidades e os entraves que suas [dos arranjos familiares] modificações histórico-culturais promovem na formação humana, bem como analisar sua influência na sociabilidade e na constituição dos indivíduos” (p. 9). A expressão formação humana consta do título e é uma das palavras-chave da pesquisa. No capítulo II, subitem 2,1, sob o título de singularidade e genericidade humana: duas dimensões que se unem com a promoção da família, o texto desdobra duas trajetórias do processo de formação humana na perspectiva que aqui traçamos: a filogenética, tratando dos laços que se formam entre os seres humanos na passagem da hominização à humanização e da ontogenética, abordando os laços entre os seres no desenvolvimento do indivíduo. Por fim, refere-se as determinações do contexto da sociedade capitalista “que implica a existência de entraves e de impedimento para o desenvolvimento de relações afetivas plenas calcadas no pensamento coletivizado” (p. 10). Encontramos assim a inserção da perspectiva sócio-histórica na abordagem do tema, ao lado das já mencionadas trajetórias onto e filogenéticas.

Segundo Junior (2016), em dissertação de mestrado, aborda o processo de constituição do sujeito e a alteridade, nas perspectivas histórico-cultural de Vigotski e na psicologia psicogenética de Henri Wallon, tendo como objetivo “estabelecer um diálogo (...) entre essas duas abordagens, considerando o papel do outro na constituição do eu” (p. 9). Afirma que os

autores evidenciam em suas perspectivas teóricas, “o papel e a importância do contexto e das interações sociais como condições fundantes para compreendermos a construção e constituição do sujeito” (p. 9). Referindo a ambas as perspectivas, afirma que “utilizam os pressupostos do materialismo histórico e dialético, como caminho epistemológico, na construção de suas principais ideias e fundamentos teóricos”, o autor conclui que “o método dialético desempenhou uma influência superior e substancial no desenvolvimento e desdobramentos do pensamento Vigotskiano”, e conclui que “(...) as duas perspectivas convergem num ponto fundamental: a relevância do meio social no desenvolvimento, constituição e construção dos sujeitos” (p. 9).

Ao abordar no capítulo 1 os pressupostos históricos, epistemológicos e ontológicos da psicologia histórico-cultural, Segundo Junior (2016) refere-se ao estudo da gênese dos fenômenos e cita que “Para Vigotski, o sujeito é constituído e construído num contexto social e histórico e a cultura é uma especificidade da espécie humana. Assim, a noção de contexto é fundamental para a compreensão do sujeito” (p. 20). Citando Duarte (1988), o autor afirma que “a relação entre a natureza humana e o contexto social constitui o princípio ontológico fundamental que reconhece a passagem do ser humano de sua natureza orgânica para sua condição histórico-social, configurando-se em uma nova realidade ontológica (Segundo Junior, 2016, p. 24).

O excerto acima, ao nossa ver, evidencia a consideração feita pelo autor, às trajetórias que aqui buscamos, para identificar a aproximação à concepção do processo de formação humana, à luz do materialismo histórico-dialético.

Em artigo de sua autoria, **Gomes (2013)** analisa proposições da psicologia histórico-cultural sobre o psiquismo e a constituição dos processos afetivos na relação com o desenvolvimento infantil, reunindo

(...) alguns princípios da filosofia spinosiana que fundamentaram o pensamento de Vigotski sobre os afetos e postula que, para essa escola da psicologia, na base da formação humana se encontram a experiência social e a relação sujeito-objeto, elementos constitutivos dos processos cognitivo e afetivo (Gomes, 2013, p. 509).

O texto indica os signos e instrumentos como mediadores sociais, “subsidiem a formação da atividade e da consciência num processo que legitima a origem histórica e social das funções afetivas” e evidencia “o papel da escola como espaço privilegiado de acesso aos conhecimentos capazes de transformar os modos de pensar, sentir e agir das crianças por meio dos processos de ensino e de aprendizagem” (p. 509). Ao abordar o tema do desenvolvimento do psiquismo, afeto e cognição, a autora ressalta a trajetória sociocultural envolvida no processo

de formação do psiquismo, tratando notadamente do que tange à constituição dos processos afetivos na relação com o desenvolvimento infantil. Nas considerações finais a autora afirma que: “(...) as reflexões sobre a constituição dos processos afetivos no desenvolvimento da criança não se esgotam num único texto, sobretudo se considerarmos a complexidade que envolve a formação humana do sujeito” (p.517).

N. Cunha, M. Cunha e Ferreira (2020) apresentam em seu artigo, um relato de pesquisa bibliográfica que analisa “como a comunidade científica tem discutido o conceito de formação humana na educação infantil”, uma vez que ela ainda é historicamente confundida “por elementos que a localizaram, durante um longo período, na atribuição de assistência e cuidado” (p. 2). Ao final, afirmam os autores que tanto os conceitos “de infância, criança, educar e cuidar, bem como o referencial teórico da psicologia histórico-cultural, aparecem significativamente como base teórica nas produções acadêmicas analisadas” (p.1), fato que indica o interesse em uma formação humana integral.

A expressão formação humana nesse artigo encontra-se no título e nas palavras-chave, além de referir que a concepção de formação humana, segundo a psicologia histórico-cultural não se detém

(...) apenas à abordagem de questões pertinentes ao homem enquanto ser social. Importa, de modo anterior a esse processo, o necessário entendimento das diferenças notáveis entre os homens e os outros animais, essencialmente pela consciência. Historicamente, mais tarde, essa apreensão permitiu compreender as relações presentes no desenvolvimento do homem que o possibilitam, desde o seu nascimento, tornar-se um ser social (Cunha N., Cunha M. & Ferreira, 2020, p. 6) .

O excerto acima evidencia, em nossa observação a consideração feita pelo autor sobre a complexidade das trajetórias que compõem o processo de formação humana, segundo a perspectiva do materialismo histórico-dialético.

No artigo aqui selecionado, **Martins e Rabatini (2011)** analisam “a concepção de cultura em Vigotski, procurando apresentar a ideia de cultura na obra desse autor para, a partir dela, destacar a importância do ensino escolar no desenvolvimento dos indivíduos” (excerto do resumo, p. 345). As autoras visam contribuir para a compreensão da concepção de cultura na obra de Vigotski, analisando, especificamente a proposição da natureza cultural do psiquismo humano. Afirmam que, para Vigotski, a cultura é “produto das leis históricas determinadas pelas condições concretas da existência humana e, assim sendo, o homem nessa perspectiva produz cultura, mas também é fruto das relações sociais, que são internalizadas por ele e que se expressam na forma de funções psíquicas” (p. 8). É uma abordagem que envolve aspectos sócio-

históricos, inerentes à escola e à educação e sua relevância para o desenvolvimento e constituição das funções psíquicas superiores, sendo que o subitem *A Natureza Cultural do Psiquismo Humano* inicia reconhecendo a complexidade do processo, evidenciando a vertente filo e ontogenética:

Digamos que o primeiro passo do homem na constituição da cultura se deu no ato instrumental de transformação da natureza, engendrando o movimento histórico de sua formação. Ao analisarmos a concepção de cultura em uma perspectiva materialista histórico-dialética, esteio filosófico da produção vigotskiana, vemos que o trabalho opera como mediador do processo dialético de transformação da natureza em cultura social (Martins & Rabatini, 2011, pp. 347-348).

O artigo de **Molon (2011)** “discorre sobre a constituição do sujeito e da subjetividade na abordagem sócio-histórica, trazendo para discussão a questão da linguagem e produção de sentido em autores contemporâneos estudiosos de Vygotsky” (p. 613). A autora traz contribuições de González Rey para argumentar a dimensão subjetiva e, ao final afirma ser possível “(...) compreender o sujeito constituído pelo outro e pela linguagem, enfocando drama, subjetividade e produção de sentido nos aspectos interconstitutivos das múltiplas dimensões – singular e coletiva, subjetiva e objetiva, biológica e cultural, histórica e dialética” (Molon, 2011, p. 613).

A autora ressalta que “o sujeito se constitui pela mediação semiótica e por meio do processo de significação, mas essa constituição acontece no confronto eu-outro das relações sociais”. Nesse sentido, vemos uma abordagem em que “a subjetividade e o sujeito são compreendidos na realidade social e na vida social” (p. 620). O texto aborda a perspectiva do desenvolvimento da subjetividade ou do psiquismo individual, considerando a sua constituição histórica.

Esses seis primeiros trabalhos comentados discutem sobre a dimensão sociocultural do processo de formação humana e sobre conceitos fundantes da psicologia histórico-cultural que explicam o processo de constituição psicológica do sujeito, a partir do eixo sócio-histórico, e alguns fazem referência à complexidade do tema, que envolve outros aspectos não abordados.

Dando continuidade à discussão das produções com fundamentos na Teoria Psicanalítica, iniciamos com o artigo de **Santos e Ghazzi (2012)**. Do ponto de vista defendido pelos autores, a transmissão psíquica geracional – é um fenômeno necessário e constituinte do sujeito. Dedicaram-se ao estudo sobre como ocorre a transmissão psíquica entre as gerações e qual sua importância na constituição psíquica do sujeito, explicando o que são as transmissões intergeracional e transgeracional. Os autores defendem que

A transmissão psíquica é necessária e concomitante à constituição do sujeito, e ocorre através da linguagem, dos significantes que irão determinar uma ordem simbólica para o ser que nasce através dos diferentes discursos que perpassam as gerações nas figuras dos pais desse novo ser (Santos & Ghazzi, 2012, p. 633).

Os autores partem da hipótese de que o sujeito se constitui através da relação com o outro e a partir da linguagem, sendo determinante o campo simbólico na eficácia da constituição subjetiva, de como o “sujeito vai apropriar-se de sua história ou se ficará aprisionado nela, em uma relação em que predomina o imaginário” (Santos & Ghazzi, 2012, p. 635). Discutindo a transmissão da cultura, o autor afirma que, assim “como cada sujeito tem suas defesas próprias para lidar com o traumático, a sociedade também tem e sofre com os efeitos do que foi silenciado, do que não pôde ser simbolizado” (p. 635). Entendemos com essa citação que o autor parece explicar a sociedade a partir do indivíduo, reforçando a concepção de constituição do sujeito – e mesmo da sociedade - a partir da dimensão individual. Vemos evidenciada uma consideração pela sociedade como um elemento que integra o processo de constituição do sujeito, bem diversa da concepção do sujeito que se constitui com e por meio das relações sócio-históricas, na visão do materialismo histórico-dialético.

Com seu artigo, **Cougo e Tfouni (2011)**, visam “estabelecer relações entre o consumismo e as mudanças ocorridas no processo de constituição do sujeito na pós-modernidade”, para isso discorrem sobre o discurso capitalista, pela concepção de sujeito na psicanálise lacaniana e finalizam “(...) com a observação de que os sujeitos na pós-modernidade tenderão a se dirigir a promessas de satisfação mais intensas e ininterruptas, o que justificaria o sucesso do convite do discurso do capitalista ao acesso imediato à felicidade (pp. 1189-1190). A partir de um referencial psicanalítico para a compreensão do sujeito, o texto aborda efeitos desse discurso capitalista, do consumismo e do discurso científico psicanalítico, analisando seus efeitos na constituição do sujeito contemporâneo, sem que sejam evidenciados os conceitos de capitalismo, consumismo e de ciência. A partir de conceitos psicanalíticos discorre sobre efeitos desses mesmos temas na cultura e volta para o ponto de partida que é sujeito individual, onde se concentram os demais estudos da psicanálise localizados em nossa pesquisa. Trata-se de uma visão que parte de um princípio não materialista e não dialético, distante da perspectiva que tratamos no presente estudo.

O tema da escolha da neurose na constituição do sujeito é o que aborda o artigo de **Palma (2013)**. A partir das contribuições de Freud e Lacan acerca dos fatores que causam uma neurose, o autor discorre sobre o processo de constituição do sujeito, considerando o termo escolha nesse processo em que “buscou-se questionar como é possível ao sujeito agenciar um

mecanismo eletivo, em um contexto no qual o próprio sujeito é efeito dessa eleição” (p. 6). Conclui pela existência de uma sobredeterminação e participação subjetiva na constituição de uma neurose. Trata-se de um estudo sobre um aspecto da constituição do sujeito a partir de conceitos freudianos e lacanianos, versando sobre *a escolha da sua neurose* (conceito que integra a constituição do sujeito, segundo a psicanálise). Não observamos aproximação plausível aos conceitos envolvidos na concepção de formação humana aqui delineada.

Silva (2013), em sua dissertação, busca verificar, a partir de conceitos da psicanálise freudiana e lacaniana, os efeitos das mudanças do campo social sobre as subjetividades, consequentes de possíveis mutações nos laços sociais dos sujeitos entre si e entre a civilização propriamente dita. Investiga considerações desses autores acerca do social e suas relações com o método psicanalítico. O autor destaca uma citação de Freud que afirma sobre a psicologia individual ser, ao mesmo tempo uma psicologia social, e que “a partir disso, buscaremos verificar, a partir da psicanálise, os efeitos das mudanças do campo social sobre as subjetividades, consequentes de possíveis mutações nos laços sociais dos sujeitos entre si e entre a civilização propriamente dita” (p. 9). Ao final, aponta a relação indissolúvel entre pulsão, linguagem e laço social, voltando a localizar no indivíduo (sujeito falante) as questões relativas à sociedade, à civilização, concluindo que

O mal-estar na civilização (1930/2010) como norteador e referência para estabelecermos um diálogo com autores contemporâneos que tratam de temas, de alguma forma articulados ao laço social, apontado por Freud (1930/2010) como o principal causador do mal-estar na civilização. A nosso ver, talvez seja possível uma relação dialética como proposto acima, com a ressalva de que um resto não dialetizável muito bem localizado por Freud como o um mal-estar inerente a qualquer civilização sempre estará presente nos sujeitos falantes. Mas isso são somente suposições a serem investigadas em uma possível pesquisa futura (Silva, 2013, p. 9).

Considerando as premissas dos comentários que aqui pretendemos tecer, ponderamos que na dissertação o autor ao procurar um caminho de abordar a questão social na constituição do sujeito, consegue levantar questões pertinentes a partir do referencial psicanalítico, inclusive por meio de relatos de práxis, contudo observamos a abordagem do tema da formação humana ser desdobrada no aspecto do desenvolvimento do psiquismo individual.

Torres (2020), a partir de Freud e Lacan, faz um caminho teórico sobre a importância da identificação para a constituição do sujeito, sendo o conceito de identificação vinculado às relações objetais primeiras e determinantes para os conceitos de interação e vínculo social. Tendo como palavras-chave *identificação, demanda, desejo, sujeito, teoria psicanalítica*, o

texto discorre sobre a relação do sujeito com seus objetos de amor, a relação entre desejo e necessidade e a relação do sujeito com o outro. Em suma, uma compreensão da constituição do sujeito a partir do sujeito e suas interações sociais, tratando de um aspecto do desenvolvimento do ser na perspectiva individual.

Amorim (2023) escreve sobre “a constituição psíquica do sujeito moderno considerando a maneira própria que a modernidade apreende a ideia de alteridade”, sobre a marca do outro na constituição do sujeito. Destaca que “Lacan desenvolve o conceito de Outro como instância tanto própria do sujeito como externa a ele e que tem função essencial na entrada do sujeito na linguagem”. E conclui que existe um “rombo radical presente no campo da alteridade”, que é próprio da modernidade e que o seu trabalho teve como objetivo investigar. Na análise da constituição do sujeito, Amorim (2023) conclui que:

A partir do exposto, é possível dizer que o desafio repousa justamente nesse lugar emblemático habitado pela psicanálise e sustentado em sua ética de que aquilo que diz respeito ao coletivo também o diz sobre o que é de cada sujeito. É nesse ponto que uma individualidade imaculada — sem o atravessamento daquilo do campo social — encontra suas brechas e inconsistências(p. 63).

Os trabalhos abordam aspectos conceituais que envolvem: escolha da neurose, transmissão psíquica, mudança social, laços e civilização, identificação, alteridade, determinantes da sociedade capitalista, seu discurso e o consumismo, entre outros, e o que percebemos de comum é que discutem a constituição do sujeito para entender sua existência individual. Ao que nos parece, esses aspectos são trazidos à discussão como determinantes *externos* ao sujeito, que implicam na formação da individualidade humana.

Conforme apresentado anteriormente, em relação aos fundamentos da teoria crítica da sociedade e na psicanálise, temos os artigos de Rocha e Franciscatti, (2009), Crochik (2010) e Balduino (2018) e três com base na teoria crítica da sociedade: Rodrigues e Franciscatti (2017), Ribeiro (2017) e N. Santos (2017).

Rocha e Franciscatti (2009), no estudo investigam “as possibilidades de liberdade e individuação na sociedade industrial, problematizando o suicídio como uma das consequências da não-realização da individuação. Tem por base a psicanálise e a teoria crítica da sociedade, concluindo ser relevante a produção de mais “conhecimentos atualizados acerca das relações entre o indivíduo e a sociedade, a liberdade e o suicídio” (p. 17). As autoras concluem afirmando a perspectiva de uma psicologia crítica, que busca contribuir para “desvelar o princípio bárbaro que se arrasta em nossa civilização”(p. 24), considerando que a investigação sobre se o suicídio pode ser caracterizado como um desejo de ocultamento do mundo frente às exigências

desmesuradas da sociedade industrial, levanta questões sobre responsabilidades que o ser humano vem assumindo em nome da liberdade, e ressalta a “obliteração das possibilidades de individuação em uma sociedade de massificação e individualismo”, relacionada com o suicídio – entrelaçando “mito, dominação e trabalho se impondo enquanto exigências irrestritas de renúncia pulsional e do sacrifício como modo de vida na sociedade contemporânea”(p. 24). Observamos que a conclusão demonstra consideração pelos aspectos determinantes no processo de individuação relacionada à constituição do sujeito, caracterizando-se ainda assim, uma abordagem que privilegia o ponto de vista da individualidade na formação do sujeito, sem que haja consideração pelos aspectos filogenéticos e ontogenéticos desse processo.

Em seu artigo, **Crochik (2010)** reflete “acerca da relação entre o primado da forma em nossa sociedade, que se expressa também nos âmbitos políticos e educacionais, e a formação de indivíduos pouco diferenciados, no que se refere à sua sensibilidade, percepção e pensamento”. Constata a formação de indivíduos “que têm dificuldades de se identificarem entre si e, por isso, de se desenvolver, sendo propensos à frieza, a uma ausência de percepção das contradições e conflitos sociais e a um pensamento basicamente adaptativo. O trabalho desenvolvido pelo autor

(...) tem como hipótese que a ênfase na forma, em diversos domínios sociais, em detrimento do conteúdo específico ao qual deveria se vincular contribui com a formação de indivíduos que têm dificuldades de se identificarem entre si e, por isso, de se desenvolver, sendo propensos à frieza, a uma ausência de percepção das contradições e conflitos sociais e a um pensamento basicamente adaptativo (Crochik, 2010, p. 31).

O estudo apresenta efeitos no indivíduo e no seu processo de formação, tendo como causa questões sociais, com realce para o *primado da forma* e, pelo nosso entendimento, focaliza o plano individual do processo de tornar-se humano, sem que haja menção a outros aspectos das trajetórias do processo de formação humana.

Segundo **Balduino (2018)**, sua dissertação faz um estudo “psicopolítico” sobre a frieza como constitutiva da sociedade burguesa e da subjetividade humana”, analisando a referida frieza a partir de três dimensões: como um mal-estar moral, como ausência de diferença e como uma vivência traumática (p. 3). Para a frieza ou indiferença consideram-se determinante o mal-estar moral, a ausência de diferença e a vivência traumática e “o processo histórico de constituição e consolidação dessa frieza, não como originária da sociedade burguesa, mas por esta desenvolvida e otimizada” (p. 3). Ao final, o autor faz apelo “à sensibilidade, ao amor e à ética do cuidado” (p. 3), apontando para o potencial revolucionário das trocas amorosas e das relações de alteridade. Se a *origem da frieza*, segundo o autor não nasce da sociedade burguesa,

que é responsável por desenvolvê-la e otimizá-la, fica o pressuposto de que ela nasce do sujeito e, as possíveis saídas também estão (apontadas pelo autor) na sua sensibilidade, amor e relações de alteridade. Temos mais um olhar para a constituição humana com foco principal no plano individual da constituição do ser humano, sem que sejam consideradas outras dimensões dessa trajetória.

Rodrigues e Fransciscatti (2017) no artigo “Notas sobre indivíduo e consciência em Max Horkheimer e Theodor W. Adorno”, discorrem sobre as bases materialistas do conceito de indivíduo e de consciência, afirmando que

Este trabalho tem como orientação esse modelo de crítica em que a objetividade, por meio dos conceitos, corresponde à expressão dos momentos históricos e do movimento dos objetos que, empíricos e com limites concretos, podem ser problematizados pelo pensamento. Desse modo, buscou-se delimitar o conceito de consciência a partir do entendimento da sociedade como categoria de diferenciação e do indivíduo como categoria social. Nesses termos, a consciência seria entendida como autoconsciência social, como produto da individuação (p. 257).

Concebe a consciência como autoconsciência social, isto é, determinada socialmente e expressão da formação para a autonomia. Esse trabalho, em nosso entendimento, defende que a autoconsciência social é produto da individuação, ou seja, pressupõe uma relação de causa e efeito em que o aspecto individual da concepção de ser humano parece prevalecer. Não encontramos outras aproximações nas abordagens feitas no texto que tivessem relação com as trajetórias constituintes do processo de formação humana.

Ribeiro (2017), tendo como objeto de estudo o corpo reificado, realizam,” em torno desse objeto, um percurso tateante sobre a formação do indivíduo dentro do capitalismo tardio”, numa pesquisa conceitual com base na teoria crítica da sociedade. “Entre os resultados parciais encontra-se a constatação de que ao longo do processo de transformação da natureza em cultura, o corpo foi tomado como emblema da natureza a ser dominada”. Conclui que, nas condições aprisionantes atuais de reprodução da sociedade capitalista, “a (im)possibilidade de a atual cultura realizar a liberdade sexual, o corpo como festa” (p. 256). Mais uma visão que localiza os efeitos de aspectos externos na constituição do indivíduo ou manifestação da sua natureza individual - no caso, o corpo, abordando aspectos isolados do processo de formação humana, distante do que buscamos localizar em nosso estudo.

N. Santos (2017), em sua dissertação, pesquisou as políticas educacionais de gênero, refletindo sobre processos que contribuam para uma formação cultural genuína e emancipatória, quanto a essa temática. Dedicou um capítulo discutindo a constituição da subjetividade humana,

a partir da relação entre indivíduo e cultura, adotando dois “conceitos fundamentais para a compreensão da sociedade na perspectiva dos teóricos da escola de Frankfurt, que são formação cultural e emancipação” (p. 37). Defende a formação cultural em seu sentido amplo, para além da escola e da família, remetendo ao processo de apropriação subjetiva e a apropriação individual da cultura”.

Nos trabalhos acima comentados, em nosso entendimento, encontramos o foco no aspecto individual do processo de formação humana, ainda que haja referência à existência de fatores determinantes do campo das relações sociais e da sociedade.

Finalizando as observações sobre a prevalência da trajetória do desenvolvimento do psiquismo, com base no existencialismo, vamos comentar sobre a três últimas produções, porém, como as primeiras duas produções referem-se à mesma pesquisa, que gerou um artigo (Silva L. & Vaccaro, 2016), vamos comentar apenas a dissertação. Seguimos tecendo comentários aos trabalhos de Vaccaro (2014) e Gurgel (2022).

Vaccaro (2014) fez um estudo teórico sobre a constituição do sujeito e a historicidade, a partir da visão do existencialismo sartriano. A autora inicia afirmando que,

Compreender o sujeito e os processos pelos quais ele se constitui tornou-se, ao longo do tempo, o foco e a base da ciência psicológica. Contudo, esse objeto de estudo se reveste de dificuldades, o que transparece nas várias abordagens do mesmo, ora objetivistas, ora subjetivistas (p. 5).

Traz a visão da sua perspectiva teórica afirmando que “Numa perspectiva existencial sartreana o sujeito é concebido como corpo (objetividade) e consciência (subjetividade), não podendo ser reduzido a nenhuma destas dimensões” (Vaccaro, 2014, p. 5). A conclusão sobre a concepção do sujeito nessa perspectiva é que ela se dá “a partir das relações do corpo e da consciência com o mundo, isto é, a partir da relação dialética entre a objetividade e subjetividade no contexto social” (p. 5).

Concluindo que “a perspectiva existencial sartreana concebe o homem como um ser histórico-social”, afirmação que possui aparente aproximação com a trajetória sócio-histórica, porém não parece superar a dicotomia entre as dimensões objetiva e subjetiva ou mesmo desdobrar trajetórias do processo de formação nessa perspectiva, ou seja, referir a aspectos filogenéticos ou ontogenéticos que a explicam.

Em sua dissertação de mestrado **Gurgel (2022)** estudou sobre o lugar do texto literário no contexto do ensino técnico de nível médio e discutiu as implicações desse tema para a formação humana. Não identificamos em seu texto qual a base teórica do seu trabalho, considerando que a autora não menciona essa informação no título, resumo ou introdução do

seu trabalho. Porém, ela dedica um capítulo em que cita contribuições teóricas para a ideia de formação humana, citando entre outros Vigotski, referindo-se que ele “atribui uma força humanizadora à arte, incluindo aqui a literatura, e reforça seu caráter social e revolucionário” afirmando ainda que “o encontro com a obra literária toca o ser humano e o conduz a uma abertura para o conhecimento no processo de aprendizagem, e isso resulta em comportamentos renovados” (p. 39). E da psicanálise cita Freud, Winnicott e Lacan, “psicanalistas também apontaram a importância da literatura para a psicanálise na constituição da subjetividade, do inconsciente, do conhecimento do eu e do outro” (p. 42).

No resumo afirma que fez “uma pesquisa documental em documentos oficiais que regem as práticas pedagógicas, bem como uma pesquisa bibliográfica sobre a articulação da literatura com a formação humana” (Gurgel, 2022, p. 6). Realiza também uma pesquisa narrativa e conclui que os textos literários em suas narrativas podem contribuir “para a formação humana dos alunos adolescentes, na medida em que ultrapassam o status de mero entretenimento, ficção e fabulação, visto que as obras literárias, através de suas narrativas e personagens, podem constituir-se como meios atuantes nos processos subjetivos de identificação” (p. 6). Em busca do conceito de formação humana, encontramos no capítulo 1, o texto discorrendo sobre o Professor e a formação humana, referindo-se à função de mediador que o professor realiza no processo ensino aprendizagem. Ali a autora reafirma que Vigotski vê na arte um elemento fundamental para a formação humana, tendo sido esses os aspectos que localizamos no texto sobre o tema formação humana. Concluímos pelo entendimento de que o texto focaliza a trajetória do desenvolvimento psíquico individual, sem mencionar as trajetórias filogenéticas e ontogenéticas do processo de formação humana.

Mesmo existindo trabalhos que fazem menção a outras trajetórias do processo de formação humana (filogenética e ontogenética), percebemos a prevalência quanto às discussões estarem primordialmente nessa trajetória. Os trabalhos com base na Psicologia histórico-cultural estão presentes nas três trajetórias, sendo um na primeira, cinco na segunda e sete na terceira, num total de 13 produções, e, dentre as 32 selecionadas, representam um percentual de 41% do total. As produções com base na psicanálise (somadas à psicanálise mais teoria crítica da sociedade), perfazem um total de nove produções, representando 29% do total dos trabalhos, com o destaque de que todos os trabalhos dessa base teórica foram atribuídos à trajetória do desenvolvimento psíquico, o que significa que, em nosso entendimento, todos abordam o processo de formação humana tendo como ponto de partida aspectos que constituem a dimensão individual do ser humano.

Sendo o desenvolvimento do psiquismo humano objeto específico de estudo da psicologia como ciência, ponderamos que esse resultado seria esperado e poderia explicar a proporção de 70% do todo e a diversidade de linhas teóricas entre esses 22 trabalhos (seis das oito linhas encontradas). No caso da Psicanálise, em nossa visão, temos 100% das suas produções nessa trajetória, enquanto a Psicologia Histórico-cultural é a de maior presença quantitativa, com sete produções, seguida da psicanálise com seis, somadas a mais três da psicanálise, em conjunto com a teoria crítica da sociedade.

Aspectos biológicos e sócio-históricos do processo de formação humana se constituem também objeto de estudo de outras ciências biológicas e humanas, ao mesmo tempo em que, no presente estudo, pretendemos aprofundar a discussão sobre quanto a dimensão filogenética e ontogenética são determinantes do processo de desenvolvimento do psiquismo em cada indivíduo. Essa questão é central para o nosso objetivo de discutir a necessidade de ampliar a concepção de formação humana, na direção de compreender o ser humano em sua totalidade, à luz do materialismo histórico-dialético, para a psicologia.

2.3 Tecendo algumas considerações

A revisão narrativa de literatura que acabamos de apresentar foi realizada em maio de 2024, com o propósito de situar o tema formação humana em publicações de artigos, teses e dissertações da psicologia, no intuito de ampliar pontos de vista para discutir a questão da concepção de formação humana e sua importância para toda área de atuação profissional da psicologia, à luz do materialismo histórico-dialético.

Sublinhamos os limites da pesquisa realizada, que não teve a pretensão de abarcar a totalidade de estudos da psicologia, restringindo-se aos parâmetros dos procedimentos adotados, ou seja, a busca nas referidas bases eletrônicas de dados, e, tão somente a partir dessa condição, é que podemos sustentar sobre a presença do quantitativo de trabalhos que abordam o tema formação humana na psicologia dentro dos parâmetros utilizados. Num total de 32 produções, entre dissertações e artigos científicos, encontramos relatos de pesquisa realizadas na área de conhecimento da psicologia, o que representa menos de 7% do total encontrado na primeira busca com as palavras-chave, associada à psicologia.

Podemos afirmar que o tema formação humana encontra-se bem mais presente na área da educação, como vimos nos dados apresentados na tabela 3, resultado do presente levantamento, confirmando a maior presença do tema na área de educação e ensino e bem menor em estudos da área da psicologia. Saviani e Duarte (2010), mencionam ser “consensual

a definição de educação como formação humana” (p. 422), numa perspectiva histórico-ontológica, o que coincide com o processo de tornar-se humano, levado a efeito pela educação. Destacamos nessas considerações algumas questões sobre o ponto de encontro entre a educação e a psicologia – a psicologia escolar e educacional - como área específica de conhecimento e de atuação da psicologia, desde seus primórdios como ciência e profissão no Brasil. Tanamachi (2014) expõe o compromisso ético-político da psicologia na educação como expressão da psicologia histórico-cultural e de sua referência teórico-metodológica, o materialismo histórico-dialético, defendendo a emancipação humana como finalidade da psicologia, considerando que nessa perspectiva, a formação humana é dimensão educativa da formação do psicólogo.

Martins (2013) contribuiu à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, para elucidar o papel da educação escolar no desenvolvimento psíquico, aclarando interdependências entre a transmissão de conhecimentos historicamente sistematizados e a formação de comportamentos complexos ancorados nas funções psíquicas superiores, tema que será abordado na seção 3 da presente dissertação.

Assim como foi mencionado na introdução desse estudo, as primeiras reflexões sobre a formação humana e a psicologia e a origem do nosso tema de pesquisa aconteceram em ambiente de estudos da psicologia escolar e educacional. Em relação à essa interface e à pesquisa bibliográfica realizada, lembramos que livros e coletâneas publicados na área da psicologia escolar e educacional são exemplos de literatura não incluída no presente levantamento.

Sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, e com base no materialismo histórico-dialético, muitos autores contemporâneos, intérpretes de Vigotski e seguidores, foram as nossas fontes para referenciar a presente dissertação (Duarte, 2000; Tanamachi & Meira, 2003; Facci, 2004; Duarte, 2004, 2013; Saviani, 2010, 2012; Martins, 2013; Meira, 2012). São estes e muitos outros pesquisadores brasileiros que vêm publicando estudos que discutem a relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, na perspectiva crítica e dialética.

Nessa seção, apresentamos o resultado do contato que tivemos com autores contemporâneos, a partir do breve conhecimento das obras selecionadas, sobre as quais tecemos comentários, tendo como base os elementos da concepção de formação humana que definimos como trajetórias. Considerar as três trajetórias – biológica, sócio-histórica e do desenvolvimento individual - quando buscamos o conhecimento sobre o complexo processo de formação humana é um mínimo caminho a ser percorrido, segundo Vigotski e Luria (1996). Percorrendo esse caminho, tivemos como resultado de nossa pesquisa que, em relação aos

aspectos filogenéticos dessa trajetória, encontramos dois autores que o tomam como ponto de partida: Duarte (2004), que ressalta as diferenças entre animal e humano, para discutir relações entre atividade e consciência humana, e a questão da alienação como fenômeno social; e A. Duarte (2017), que ressalta a relação do humano com a natureza, necessária para a compreensão da constituição humana, numa discussão que envolve a perspectiva da ecologia¹⁷. São duas perspectivas de abordagem que, tomamos por exemplo e que apontam para a complexidade do processo de formação humana, tratando de elementos desse processo a partir da filogênese, sem perder a noção da complexidade que envolve o tema em sua totalidade.

Em relação aos estudos da psicologia que focalizam ou que partem de uma vertente sócio-histórica, tivemos uma quantidade de oito – correspondendo a um quarto do total, a maioria com fundamentos da psicologia histórico-cultural e produzindo discussões por meio de desdobramentos do tema em diversas outras questões (família e cultura, ou outro/alteridade, reflexo estético, educação infantil, escolha, alienação do trabalho, centralidade do trabalho, etc.), sendo apontadas perspectivas e visões sobre a complexidade do tema em sua totalidade. Ao final comentamos sobre 70% do total selecionado, que, abordando variados temas, focalizam em primeiro plano o processo de desenvolvimento do psiquismo humano, incluindo aqueles com base na psicologia histórico-cultural.

Temos por hipótese que a psicologia em todos os seus campos de atuação, necessita compreender e lidar com o tema da formação humana de forma mais ampla, para compreender melhor a totalidade da vida, do nascimento à velhice, reconhecendo, em princípio a sociedade alienada em que vivemos e nos constituímos, uma sociedade esvaziada e despolitizada.

Como referem Abrantes & Bulhões (2020), os indivíduos encontram-se presos na sua particularidade, isolados em seu sofrimento, almejam uma existência reduzida à busca do prazer efêmero, apartados da vida em comunidade e da luta pelas superações.

Podemos dizer que a psicologia também segue esse caminho: em sua modalidade individualizada, típica dos consultórios, particularizada para atender necessidades de poucos, ensimesmada em seu movimento de atender ao capital. É na direção de lidar o indivíduo socialmente constituído, que vive a contradição entre consciência e alienação, o ser real e atual que entendemos ser necessário compreender de forma mais ampla - como nos tornamos o humano que somos - condição para intervir em seu processo de desenvolvimento. A psicologia vem se ocupando mais com o diagnóstico e tratamento de “sintomas”, ainda prevalecendo o

¹⁷ Na concepção do materialismo histórico e dialético, o ecossocialismo é uma corrente de pensamento e ação ecológica que incorpora fundamentos do pensamento marxista (Löwy, 2024).

modelo clínico de atendimento individual que reflete uma visão adaptacionista da sua prática, que desconsidera os processos sociais da formação dos indivíduos e dos sintomas do adoecimento na dimensão social, distanciando-se da condição de atender às demandas atuais em bases científicas (Facci & Meira, 2016). Predomina uma concepção de formação universal, intrínseca, natural, sobre a qual pouco se pode fazer a não ser o alívio de sintomas numa direção conformista e alienante. Essa discussão será retomada na seção 3 e nas considerações, ao final.

Em nosso estudo, e nessa perspectiva histórico-ontológica é que afirmamos a relevância do tema para a psicologia, em direção à psicologia como ciência e de seu compromisso social. Como afirmou Meira (2012), referindo-se ao fato de que era voz corrente afirmar a necessidade de compreender o ser humano como histórico e social, sem que isso levasse a repercussões para uma discussão consistente sobre as

concepções subjetivistas a partir das quais se analisam os fenômenos psicológicos como produtos internos do indivíduo, ora por visões objetivistas, que os compreendem como resultados de influências exteriores, limitando-se de um enfoque estritamente sociopolítico que reduz todos os problemas ao conhecimento e à crítica das relações sociais (Meira, 2012, p. 15).

Deduzimos que a psicologia ainda necessita apropriar-se da concepção sobre o indivíduo em sua condição de ser social, que considere não apenas a sua natureza orgânica, mas as condições sócio-históricas em que se constituiu como ser humano. Compreender a objetividade e a subjetividade na visão dialética em que um *existe com o outro*, assim como a matéria e o pensamento, o concreto e o abstrato, temos o indivíduo histórico, cultural e social, que objetiva a dimensão de gênero humano.

Concordando com a afirmação de Carvalho e Martins (2020) de que “pelo processo de (des)humanização vemos o esvaziamento de valores essencialmente humanos” (p. 289), o que acirra sentimento de impotência, de anomia, de isolamento em relação ao outro e a si mesmo, dissolvendo a coerência psicológica necessária entre o indivíduo e a sociedade na qual vive”, convertendo individualidade em individualismo. O ser humano é um ser social, “não por força do seu *habitat* coletivo, mas alguém cuja essência só pode ser encontrada fora de si”, isso resulta no ser eternamente dependente do pertencimento social (p. 289).

Ao finalizar a presente seção, resumimos nosso percurso de pesquisa até agora. Na primeira seção dessa dissertação apresentamos uma síntese teórica sobre o nosso tema de pesquisa, para referenciar e conduzir o estudo do ponto de vista teórico-conceitual, procurando deixar claro de que formação humana estamos falando. Nessa segunda seção, localizamos o tema nos estudos da psicologia, identificando a sua presença quantitativa e em que aspectos é

abordado, tendo como base as trajetórias delineadas a partir dos pressupostos teóricos do materialismo histórico-dialético. A próxima seção será dedicada a situar o presente estudo na perspectiva da psicologia histórico-cultural, na qual discutiremos desdobramentos teóricos da psicologia vigotskiana, buscando evidenciar a importância do processo de formação humana para toda área de atuação da psicologia, como ciência e profissão.

3 A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A FORMAÇÃO HUMANA

Na presente seção discutimos elementos teóricos da psicologia histórico-cultural que, em nosso entendimento, evidenciam a importância do processo de formação humana para a atuação em todas as áreas da psicologia. Considerando-a em sua totalidade, categoria central no método em Marx (Netto, 2011), referimo-nos ao primado da concepção de *totalidade* de um fenômeno ou objeto - a psicologia - sobre *partes* que a compõem - as diversas abordagens existentes - em oposição a uma concepção de ciência que apreende os fatos sociais em seus aspectos fenomênicos e isolados. A psicologia carrega em sua história a marca da pluralidade de objetos de estudo e de abordagens de pesquisa (Bock, Teixeira & Furtado, 2018), sendo que aqui propomos o entendimento da sua existência na totalidade, uma unidade como parte que integra a grande área das ciências humanas.

A visão sobre como se constitui o gênero humano a partir do ser individual, é, a nosso ver, um aspecto que se relaciona diretamente ao objeto da psicologia como ciência, mesmo considerando a diversidade de concepções existentes sobre o que seja o seu objeto de estudo. Com a presente discussão pretendemos não apenas desvendar respostas ao nosso problema de pesquisa - a questão de *como se forma o ser humano* – mas principalmente demonstrar a essencialidade dessa concepção, à luz do materialismo histórico-dialético, como princípio para a atuação em todas as áreas da psicologia.

A formação do psiquismo humano em sua dimensão sócio-histórica aqui é defendida em sua primordialidade, como preconiza a psicologia histórico-cultural. A existência concreta e real de uma história humana que vem se produzindo ao longo do tempo, em condições históricas e socialmente estabelecidas é um pressuposto para a ciência. Destacamos, para início de discussão, que a psicologia histórico-cultural marcou a origem da tese sobre a natureza social do psiquismo humano em contraposição às tendências “idealistas, anistóricas e naturalizantes vigentes na psicologia, desde as suas origens” (Duarte & Martins, 2013, p. 49). L.S. Vigotski, A. N. Leontiev e A. R. Luria são os autores e pesquisadores que tiveram o papel de descortinar novos rumos metodológicos para a psicologia, “ao afirmarem a apropriação da cultura como lastro do desenvolvimento dos indivíduos” (p. 50).

Duarte (2013) expõe o seguinte, baseado na Psicologia Histórico-Cultural, de que “formação de um indivíduo, (o desenvolvimento de sua personalidade) é, ao mesmo tempo, o seu desenvolvimento como ser social, alguém que faz parte de uma determinada sociedade, e como ser genérico, alguém que faz parte do gênero humano” (p. 14).

Nessa direção, apreendemos o significado de gênero humano sendo “uma categoria que expressa a riqueza cultural humana em sua totalidade”; e por indivíduo, uma categoria que em si sintetiza “as possibilidades máximas de desenvolvimento livre e universal da individualidade” (Duarte, 2013, pp. 14-15).

Com esse entendimento, o estudo do psiquismo considera o conjunto de características do objeto que constitui o ser humano como um *ser* – um ser social e histórico, que sobrevive e se constitui na relação com os outros seres e que, tomados em conjunto vão produzindo a vida e constituindo a história. É nessa dimensão que acreditamos poder afirmar a importância desta concepção de formação humana, para toda área de atuação da psicologia, uma vez que as implicações dessa concepção são relativas ao ser psicológico que somos, o indivíduo dotado de um psiquismo, que é humano e social. Como mencionam Bock, Teixeira e Furtado (2018), aparentemente existem várias psicologias, tendo como objeto de estudo o comportamento, a consciência, a personalidade, a subjetividade, entre outros, que no presente estudo tomamos como uma totalidade. Retomando a etimologia da palavra - que deriva do grego *psyché* (alma, espírito) e *logos* (estudo, razão, compreensão), seguimos um caminho para compreender o psiquismo humano, a sua formação.

A psicologia histórico-cultural investiga o processo de desenvolvimento do psiquismo, reiterando o propósito de superar o reducionismo de antigas abordagens da psicologia, insuficientes para entender a relação existente entre fenômenos físicos e psíquicos da constituição humana. Vigotski evidenciou a necessidade de um método unificador que pudesse entender o fenômeno psíquico em seus diversos aspectos e complexidades e como um produto das relações sociais. Configura-se numa mudança de princípios fundamentais de investigação da realidade, fundamentada no materialismo histórico-dialético, e uma afirmação da psicologia individual como uma psicologia também social, uma vez que o ser humano é um animal político, sociável, sendo um animal que não pode isolar-se senão dentro da sociedade (Tuleski, 2008).

A psicologia, sendo social, não pode desvincular-se dos laços que prendem o homem à sociedade, os quais são responsáveis pela construção do seu comportamento. Uma psicologia que não leve em consideração as relações entre os homens em sociedade seria pura abstração (Tuleski, 2008, p. 117).

Reafirmamos, em consonância com Tuleski (2018) e, a partir da ênfase dada por Vigotski, que a análise histórica para o entendimento humano é uma evidência incontestável, ou seja, uma condição *sine qua non*, para a psicologia em sua dimensão científica e para a atuação em todas as suas diversas áreas.

Reiteramos que psicologia histórico-cultural, tem como princípio do método (o materialismo histórico-dialético), a apreensão do ser em sua totalidade – ainda que por meio de elementos que desdobram essa compreensão – sem que perca a condição de componentes, integrantes e interfuncionais, porém, mantendo a perspectiva da totalidade. Nessa perspectiva, defende-se uma psicologia que conceba a formação do psiquismo humano não apenas como “objeto sensível” a ser estudado, mas tenha a visão do ser como “produto sensível” da atividade humana, constituído por meio de uma realidade social determinada, o indivíduo real, um “produto histórico o resultado da atividade de toda uma série de gerações”, na afirmação do materialismo histórico-dialético, como preconizam Marx e Engels (1977, pp. 69-70). Isso nos conduz à visão do psiquismo humano como objeto e produto da atividade humana, que se dá por meio das relações sociais.

Em *A Ideologia Alemã* – obra seminal da filosofia marxiana – os autores, Marx e Engels (1977) discorrem sobre a concepção materialista que sistematiza a história como ciência, trazendo o esboço de uma teoria geral da sociedade, o núcleo de uma teoria das classes sociais, a partir da revolução burguesa e marcando a passagem da filosofia especulativa para a ciência da história. Trata-se de um marco para o conhecimento da trajetória histórica do ser humano. A crítica ali produzida ao idealismo de época, introduz a concepção de que os problemas do pensamento, as questões filosóficas, são reflexos de conflitos materiais da vida real; a ideia e o pensamento são insuficientes em si, para entender e mudar o mundo, sendo necessária a abordagem materialista, que parte da realidade concreta, como base científica para a produção de ideias e teorias, num movimento contínuo entre o concreto e o abstrato.

Com a visão pautada nesses princípios, a psicologia histórico-cultural se funda nessa unidade dialética, tratando a *teoria* como fundamento da *prática*, em comunhão com a concepção de práxis, como atividade humana sensível, objetiva, que opera a interpenetração do mundo das coisas e da subjetividade: “(...) o objeto, a realidade, a sensibilidade, só é apreendido sob a forma de objeto ou de intuição, mas não como atividade humana sensível, como práxis, não subjetivamente” (Marx & Engels, 1977, p. 125).

Entendemos a partir dessa visão, que temos implicações a considerar para a ciência e para a psicologia, de modo especial, depreendendo do que Marx e Engels (1977), defendem no materialismo dialético: a subjetividade humana é apreendida por meio da sua práxis, da atividade humana sensível objetivada, numa visão que integra objetividade e subjetividade sendo categorias dialéticas em unidade e movimento. Reconhecendo a materialidade e a dialética do que se entende por teoria, a concepção de formação humana, para a psicologia histórico-cultural é uma objetivação humana; ou seja, a sua existência é real e concreta, ainda

que não se manifeste de modo conscientemente apreendido pelo indivíduo singular, ainda que não seja declaradamente reconhecida e considerada pela psicologia ou por algumas psicologias.

Princípios e práticas da psicologia não parecem estar sendo revistos de modo a atender esse nível de desenvolvimento da matéria – o ser humano que somos na atualidade, histórica e culturalmente formados. Como afirma Meira (2012, p. 15),

É fundamental trazer para o centro das discussões a inconsistência de muitas teorias psicológicas, sustentadas ora por concepções subjetivistas as quais analisam os fenômenos psicológicos como produtos internos do indivíduo, ora por visões objetivistas, que os compreendem como resultados de influências exteriores, limitando-se a um enfoque estritamente sociopolítico que reduz todos os problemas ao conhecimento e à crítica das relações sociais.

Tanamachi e Meira (2003) apelam para a necessidade de provocar revisões de conhecimento acumulados pela psicologia como ciência, pela pedagogia e pela filosofia da educação, na intenção de superar indefinições que se colocam entre a psicologia e a educação, particularmente relacionadas aos pressupostos teórico-filosóficos e metodológicos sobre o ser humano e sobre a formação do indivíduo. Elas afirmam que o tema da nossa pesquisa se encontra mais presente no campo da filosofia da educação e vem sendo estudado pelo pensamento crítico em Psicologia Educacional e Escolar.

A educação escolar vive um processo histórico de precarização e a filosofia tem sido dos mais apagados ramos do conhecimento nos últimos anos, embora ela se encontre na gênese de todo conhecimento humano – incluindo o científico - uma vez que o seu objeto de estudo é o próprio pensamento ou a própria realidade que necessita ser pensada em sua generalidade, e nas suas manifestações particulares (Saviani, 1990). Do ponto de vista dos interesses atuais da sociedade capitalista neoliberal, a realidade necessita ser pensada? De quem seria tal necessidade? Por quem e para que seria pensada? São perguntas que revelam interesses que regem a nossa vida social, pois sabemos que seres conscientes e reflexivos não atendem aos interesses do capital.

A filosofia encontra-se na gênese de todo conhecimento humano – incluindo o científico – uma vez que o seu objeto de estudo é o próprio pensamento ou a própria realidade que necessita ser pensada em sua generalidade, e nas suas manifestações particulares. Todo ser humano pensa, então, pode se considerar que a filosofia é de interesse de todos ou que, pelo menos, o seu objeto de estudo é uma disciplina comum a todos os seres humanos. É a forma por excelência da atividade reflexiva que elucida problemas, para consubstanciar uma visão de mundo (Saviani, 1990). A concepção que aqui tratamos é da forma humana, sua realidade, sua

substância e essência – o que faz o ser se constituir como ser humano – um tema seminal para toda área de atuação da psicologia, em nosso entendimento. Consubstanciar uma visão de mundo requer, por sua vez, o desenvolvimento do psiquismo, pois, à luz da psicologia histórico-cultural

(...) O psiquismo humano se institui como *imagem subjetiva da realidade objetiva*, construída histórico-socialmente por meio da atividade que vincula o homem à natureza. Na unidade matéria-ideia o psiquismo humano se edifica, conquistando seu mais complexo atributo: a orientação consciente do comportamento (Martins, 2013, p. 53).

Discutimos sobre a psicologia em sua condição de compreender e de atender hoje às necessidades do ser social que somos e das relações sociais produzidas na atualidade. Nessa intenção, iniciamos os tópicos da seção apresentando a psicologia histórico-cultural como *uma nova psicologia*. Afirmamos seu caráter dialético e histórico que indicam a superação de concepções metafísicas e das ciências naturais no entendimento sobre o ser humano e, a partir de Leontiev (2004), no entendimento de que a pesquisa científica em psicologia necessita ser orientada numa filosofia de unidade entre fenômenos naturais e sociais, uma ciência única da vida psíquica, como preconiza o materialismo histórico-dialético.

O texto da presente seção vamos abordando a gênese do desenvolvimento do ser humano cultural, e o desenvolvimento da criança, (Vygotsky & Luria, 1996; Leontiev, 2004; Tuleski, 2008; Pino, 2005; Aita & Facci, 2011) para a seguir destacar duas vertentes teóricas da psicologia histórico-cultural: o desenvolvimento do psiquismo humano – as funções psicológicas superiores (Vigotski, 2020, 2023; Leontiev, 2004; Duarte, 2013; Martins, 2013; Pasqualini, 2009); e a periodização do processo de desenvolvimento psíquico (Elkonin, 1987; Facci, 2004, 2020; Martins, 2020; Abrantes, 2020; Pasqualini, 2009, 2020).

A vertente do desenvolvimento do psiquismo humano busca caracterizar o processo de constituição de funções psíquicas superiores, como diferencial da espécie humana, indicando o complexo processo social de tornar-se humano, para além das determinações inatas e culturais, frequentemente consideradas pela psicologia. O psiquismo humano se constitui por meio da atividade, nas relações sociais, portanto a sua existência e o seu desenvolvimento se processam de modo socio-relacional; em condições dinâmicas que se diferenciam na formação de cada indivíduo singular e em cada etapa da sua vida.

A psicologia, ciência que se volta ao estudo do psiquismo e da conduta humana por meio de diversas abordagens teóricas, procurou traçar momentos, fases ou etapas do desenvolvimento humano desde o nascimento até a idade adulta, o que chamamos de periodização (Tuleski & Eidt, 2020, p. 35).

A segunda vertente do desenvolvimento do psiquismo humano é a periodização do desenvolvimento, uma abordagem que desvela o detalhamento do processo de desenvolvimento do psiquismo individual, em seu movimento que se dá na relação entre atividades guia e etapas etárias e fenômenos constituintes e constituídos em cada uma delas - aliados a determinantes do ambiente social em que os fenômenos acontecem. Segundo Leontiev (2021), a atividade apresenta-se como objeto da ciência psicológica e consiste

(...) não em identificar seus elementos psíquicos internos para estudá-los posteriormente de modo isolado, mas em introduzir na psicologia unidade de análise que carregam em si reflexo psicológico em sua inseparabilidade dos momentos da atividade humana que o engendram e são mediados por ele (Leontiev 2021, p. 34).

Essa posição aqui defendida e que requer uma revisão do aparato conceitual da psicologia, vem sendo matéria dos estudos sobre a periodização, como veremos a seguir, na perspectiva de que são as atividades humanas que forjam o humano e constituem *substância de sua existência*. O conceito de atividade, assim como o de trabalho – uma ação dirigida a uma finalidade, a uma objetivação – é princípio explicativo da consciência e da personalidade, para Leontiev (2021). Ao concebermos as relações produzidas na dinâmica sujeito-atividade-objeto, encontramos uma síntese orientadora do processo de formação da consciência. Sobre o conceito de personalidade, Leontiev (2021) retoma a posição marxista de que “a personalidade é uma qualidade especial que o sujeito natural adquire no sistema de relações sociais” (Leontiev, 2021, p. 37).

Ao final, tecemos algumas considerações sobre impactos para o processo de formação humana relativos à historicidade do método como fio condutor da análise, de modo destacado os impactos da estrutura capitalista (Tuleski & Franco, 2019; Abrantes, 2020; Duarte 2013); sobre a necessidade de provocar revisões de conhecimento da psicologia, revendo pressupostos primordiais sobre o tema da formação do indivíduo, incluindo o combate à doença anti-histórica. Destacamos que na sociedade capitalista as relações sociais são mediadas pela alienação, sendo que a lógica dialética nos permite entender a essência humana como processo em movimento, alimentado pelas contradições indivíduo sociedade, singularidade e universalidade. Configura-se condição para enfrentar a luta contra a banalização da psicologia mercantilizada e superficial que vem sendo praticada, além das diferentes psicologias para diferentes classes sociais. Ao final, (re)afirmamos com Tuleski (2008) que, sem a dimensão da formação social do ser humano, lidar com temas como saúde mental e desenvolvimento humano será *pura abstração*, uma posição incompatível para o lugar de uma ciência.

3.1 A construção de uma nova psicologia

Vigotski – fundador da abordagem histórico-cultural - foi contundente ao postular uma *nova psicologia* que fosse capaz de superar a dicotomia entre corpo e mente, presente historicamente, entre teorias da psicologia que ele classificava como teorias idealistas e materialistas (Tuleski, 2008). Defendia a dialética na psicologia: em sua concepção, o subjetivo é o resultado de processos em si objetivos, sendo corpo e mente inseparáveis elementos que constituem a unidade do ser. Afirmar a unidade dialética corpo e mente implica conceber que subjetividade e materialidade integram a dinâmica (o movimento) da existência humana, daí a defesa de uma psicologia nem idealista nem materialista tão somente, mas sim, dialética. De acordo com Tuleski (2008, p. 91), “a superação destas psicologias só seria possível com a elaboração de uma “nova psicologia” que tratasse a relação homem e natureza de uma perspectiva histórica, na qual o homem fosse produto e produtor de si e da própria natureza”.

Caberia a essa nova psicologia superar a dicotomia materialismo-idealismo, que dificulta a concepção de formação humana, presente nas ciências no século XIX, como afirma Engels (2004) e que está na base das correntes da psicologia (Vigotski, 1927; Leontiev, 2004), implicando no processo de formação da ontogênese, implicando necessariamente no objeto de estudo da psicologia.

Considerando que a natureza determina necessidades humanas e a história determina quais serão estas necessidades, para Vigotski, como menciona Tuleski (2008), o conhecimento científico, parte da natureza e se produz sob determinações das formas reais de organização das relações sociais. Essa é a visão de uma psicologia geral, que trata a relação do ser humano com a natureza numa perspectiva histórica (Tuleski, 2008).

A psicologia, como outras áreas de conhecimento, se constitui de acordo com o modo como os seres humanos produzem a vida em sociedade, incluindo como produzem a si mesmos.

Ela espelha como o homem se compreende no interior dessas relações sociais, as quais delimitam a forma e o conteúdo das concepções psicológicas. No ser predomina o biológico, o espiritual ou o social? Esta resposta quem dá é a organização social, a maneira como os homens se organizam e subsistem em determinada sociedade (Tuleski, 2008, p. 111).

A psicologia de Vigotski floresceu em conjunto com a projeção de uma sociedade comunista que buscava construir uma base concreta para superar as explicações metafísicas da existência humana. Em seus primórdios aliou-se às ciências naturais como base dos estudos e explicações de fenômenos psicológicos, constatando o predomínio das concepções biológicas,

espirituais ou mesmo sociais para conceber a formação do ser humano, porém, concluindo que as respostas se encontram na maneira “como os homens se organizam e subsistem em determinada sociedade” (Tuleski, 2008, p. 111).

Nessa visão é tarefa da psicologia compreender determinações produzidas pela estrutura da vida social sendo uma condição para uma atuação efetiva do seu papel como ciência. Vimos na conclusão da pesquisa bibliográfica descrita e comentada na seção 2 da presente dissertação, que estudos da psicologia, em sua maior parte abordam o tema da formação humana, tomando como foco o desenvolvimento do psiquismo individual como fenômeno em si, e quando refere ao social traz a visão interacionista e de causa-efeito na explicação ou referência ao objeto de estudo, uma visão formal e não dialética.

A perspectiva histórico-cultural preconiza uma nova psicologia, que seria uma psicologia dialética, histórica, fundada na filosofia marxista, que resultaria em unificar ramos particulares da psicologia (desenvolvimento, experimental, existencial etc.), capaz de restabelecer a unidade entre processos psíquicos e comportamentais. Processos psíquicos e fisiológicos eram, antes de tudo uma unidade dialética e, sob a inspiração do filósofo Espinoza¹⁸, Vigotski (1927) concebida a psicologia dialética em sua existência além da natureza, como um estado dentro do outro, a natureza compondo a matéria em funções organizadas do nosso cérebro.

Leontiev (2004) afirma que é nos trabalhos de L.S. Vigotski (1896-1934) – na psicologia histórico-cultural – onde encontramos a marca de uma nova etapa no estudo do problema do determinismo sócio-histórico no desenvolvimento do psiquismo humano.

Foi ele o primeiro entre nós (em 1927) a exprimir a tese de que a démarche histórica devia tornar-se o princípio diretor da edificação da psicologia do homem. Efetuou a crítica teórica das concepções biológicas naturalistas do homem e opôs-lhe a sua teoria do desenvolvimento histórico e cultural. Mais importante é que introduziu na investigação psicológica concreta a ideia da historicidade da natureza do psiquismo humano e da reorganização dos mecanismos naturais dos processos psíquicos no decurso da evolução sócio-histórica e ontogênica (Leontiev, 2004, p. 163).

Essa é a posição que adotamos ao defender a concepção de formação humana na perspectiva da sua constituição sócio-histórica, que parte da origem da espécie humana sobre a terra até o ser sócio-histórico que somos hoje, considerando as dificuldades para se chegar ao

¹⁸ Baruch Espinoza 91632-1677), filósofo que influenciou as ideias vigotskianas sobre a regulação dos afetos, Toassa, (2014) - Vigotski: notas para uma psicologia geral e concreta das emoções/afetos, publicada em Cadernos Espinosanos, São Paulo, n.30, p.49-66, jan-jun.

conhecimento do complexo sistema de transformações que traduzem essa trajetória (Leontiev, 2004). Esse complexo sistema de transformações que resultou no ser humano que somos – o homo sapiens – exige esforço para estudá-lo e compreendê-lo, e foi o que tentamos com a síntese teórica apresentada na seção 1 da presente dissertação, com a ressalva de ser apenas uma vertente sistematizada sobre o tema. Porém, a tarefa da psicologia, requer compreender essa realidade humano-genérica e como ela se manifesta no indivíduo singular e na particularidade de cada circunstância da vida desse indivíduo ou grupo. É função social da psicologia intervir para produzir transformações no indivíduo, intervir na consciência individual de ser social e histórico, considerando o seu processo social de produção da própria vida, na direção do que argumenta Abrantes(2020, p. 24): “a ciência psicológica tem como objeto o processo de personalização, ou seja, o movimento de transformação das formas de a pessoa sentir, pensar e agir no mundo, considerando as determinações sociais que produzem histórias pessoais.

Está longe de ser uma tarefa simples, porém será impossível atuar efetivamente no sentido da transformação do sujeito singular, sem a devida consideração sobre as determinações sociais que produzem os seres humanos. Aqui entendemos que a busca deste conhecimento é de interesse e necessidade, como ato contínuo, daqueles que assumem a tarefa de intervir sobre o comportamento e o desenvolvimento humano, no caso, os psicólogos e psicólogas.

Leontiev (2004), analisando a trajetória histórica da produção teórica da psicologia, discorreu sobre o estudo do psiquismo humano referindo-se ao surgimento das *teorias naturalistas* em psicologia em primeiro lugar; seguida de uma abordagem sobre o que denominou de *corrente sociológica em psicologia*; chegando até o que chamou de desenvolvimento histórico nesta trajetória com a *psicologia soviética*, da qual ele fazia parte.

O historiador não terá dificuldade de ver que as ideias psicológicas dependem da dinâmica geral da vida social, e essa dependência pode ser facilmente reconstituída com base em pistas numerosas e absolutamente evidentes. Ele verificará que a vitória e a derrota de cada uma dessas psicologias são determinadas por movimentos ascendentes e descendentes de ondas sociopolíticas e são alimentadas pelos estados reacionários e progressistas de cada época (Vigotski, 2023, p. 71).

Sobre as teorias naturalistas em psicologia humana Leontiev (2004) comenta que mesmo os consagrados estudos de temas estritamente psicofisiológicos da área da psicologia, precisam levar e, em alguma medida já levam em consideração, a influência que perpassa o sujeito da experiência, ou seja, as pesquisas empíricas sobre fenômenos do comportamento advindos da condição orgânica da natureza humana, considera que a condição de pesquisa envolve uma experiência social. Ele conclui que “o estudo da determinação do psiquismo pelas

condições sociais constitui mesmo a tarefa essencial de certos ramos da psicologia” (Leontiev, 2004, p. 155), como a psicologia da criança, a psicopedagogia, a psicologia da linguagem, das relações entre indivíduos e a psicologia da personalidade.

Leontiev (2004) afirma o problema do determinismo social do psiquismo como evidente para a psicologia em diversas linhas teóricas, ao mesmo tempo em que ressalta as diferenças existentes na dimensão do princípio em que se coloca essa questão, princípio esse que repercute no modo de “resolver este problema”. As diferenças se traduzem em confrontações teóricas, a partir das quais, destacaremos alguns pontos levantados pelo autor e relevantes para a nossa discussão sobre o processo de formação humana. De onde parte esse processo de sermos humanos?

Considerar o princípio de que o ser humano, diferente dos animais, vive em um meio supra orgânico (social) e não exclusivamente natural, inclui considerar sua natureza e os efeitos do meio que o leva a ser coagido a adaptar-se. Leis e mecanismos de aquisição da experiência individual, possuem semelhanças entre humanos e animais (Leontiev, 2004).

Por consequência, para estudar o ser humano, convém conservar todas as noções fundamentais relativas à evolução biológica; o conceito de adaptação ao meio e de sobrevivência, o conceito da integração e de diferenciação dos órgãos e das suas funções e o das duas formas de experiência – hereditária (específica) e individual. Numa palavra a passagem do animal ao homem provoca simplesmente uma complexidade quantitativa dos processos de adaptação tanto específica como individual (Leontiev, 2004, p. 156).

Leontiev segue referindo que a maioria dos investigadores que defendiam essa tese se apoiavam em experiências praticadas por animais, sendo que alguns afirmavam mais categoricamente as semelhanças entre o animal e o humano e alguns viam mais a especificidade da aprendizagem humana. Sobre o processo de aprendizagem afirmou que os autores reconheciam ser um processo que se dá no plano da palavra e que existem aspetos mais complexos envolvidos, como, por exemplo, a vontade de aprender. Embora reconhecendo que o behaviorismo, na pessoa de Thorndike¹⁹, ao estudar o processo de aprendizagem nos animais apontou para os cuidados com as particularidades especificamente humanas, Leontiev afirma que ainda não havia sido superado o quadro do problema da adaptação do organismo ao meio, ou seja, a visão de que

A personalidade humana é neles considerada como um organismo, como o produto da integração de todos os atos de adaptação ao meio físico e sobretudo ao meio social,

¹⁹ E. Thorndike (1874-1949), psicólogo americano, estudioso da psicologia do comportamento (behaviorismo); citado por Leontiev em sua obra de 1935, em língua russa sob o título de “O ensino no homem”.

como o produto de ligações “intercorrelativas” que constituem um sistema global que se forma na luta pela sobrevivência (Leontiev, 2004 p. 157).

Mesmo com todas as considerações e ressalvas, Leontiev analisa que, em síntese, a visão naturalista afirma que “a psicologia da personalidade tem por objeto de estudo o organismo humano individual; este organismo nada mais é que a história de suas adaptações” (Leontiev, 2004, p. 158). Compreende-se que essa é uma forma de encarar relações mútuas entre o ser humano orgânico individual e a sociedade, de um modo naturalista em que prevalece o pressuposto da sobrevivência da espécie, como finalidade última e a utilidade sendo o fundamento do comportamento humano, que opera sob a égide da lei de causa- efeito. São ideias que constituem a tese do pragmatismo. Utilitarismo e pragmatismo, são princípios das teorias naturalistas da psicologia, e não se mostram capazes de sustentar cientificamente a compreensão sobre o comportamento humano, sobre a atividade e consciência humanas, concluimos com o autor (Leontiev, 2004).

Na sequência histórica do seu estudo sobre o psiquismo humano o autor relata sobre o surgimento da corrente sociológica em psicologia, encontrada principalmente na literatura francesa²⁰, em que, inicialmente, o ser humano é considerado um ser social, traduzindo-se numa distinção da corrente naturalista e biológica. Autores da sociologia e da psicologia são mencionados, incluindo uma referência a Jean Piaget, sobre a base biológica e social do desenvolvimento psíquico.

Tomemos um exemplo: J. Piaget pensa que é a etapa principal da formação da lógica infantil – o aparecimento de sistemas ligados a operações intelectuais – é produto da cooperação exterior, aparecida na vida social, transferida para o plano interior. Sem cooperação com os outros, escreve Piaget, o indivíduo não poderia reorganizar as suas operações num todo coerente (Leontiev, 2004, p. 160).

Leontiev sinaliza, ainda, que existiam à época numerosos trabalhos consagrados à análise da natureza histórica e social das propriedades e faculdades do ser humano, agregando aspectos da sua organização neurofisiológica, “como produto da transformação histórica do sujeito material e corporal, na unidade de suas propriedades corporais e psicológicas” (Leontiev, 2004, p. 160). Destaca o psicólogo francês Henri Wallon²¹, que contribuiu para superar o que chamou de “sociologismo abstrato e idealista na concepção histórica do

²⁰ Autores citados: Émile Durkheim (1858-1917), considerado o pai da sociologia; P.Janet (1859-1947), psicólogo, psiquiatra e neurologista nos estudos sobre memória e noção de tempo; J.Piaget (1896-1980), estudos da epistemologia genética, consagrado nos estudos sobre o desenvolvimento psíquico da criança.

²¹ H.Wallon(1879-1962), psicólogo e político francês.

psiquismo humano” (Leontiev, 2004, p. 161); bem como Georges Politzer²² que sublinhou o caráter concreto e dinâmico da atividade psicológica humana. Identificam-se a presença de algumas contradições que possivelmente tomaram um caminho crítico, ou seja, o de estimular estudos para abrir novos campos de conhecimento.

As duas tendências esboçadas sobre o psiquismo humano – naturalista e histórico-social – vem se reproduzindo ao longo do tempo, como já afirmava Leontiev, gerando, na trajetória da ciência psicológica, esse relativo isolamento, com o qual convivemos até hoje. Do nosso ponto de vista podemos considerar que algumas abordagens *escolhi*am olhar sob um ângulo e outras *preferi*am uma outra perspectiva, para o complexo estudo sobre o processo de desenvolvimento do psiquismo humano. Esses verbos utilizados - *escolher e preferir* - parecem insuficientes para expressar uma possível verdade científica sobre o caminho a tomar para conhecer o ser humano, como objeto da psicologia. Essa *escolha*, podemos afirmar, vincula-se a um tipo específico de compreensão de formação humana. Propomos retomar a perspectiva da psicologia como uma totalidade de estudos científicos que justifique a unidade que ela representa, ou não teria sentido utilizar o termo *psicologia* para designar uma ciência universalmente reconhecida em sua identidade. Em 1927, como afirmou Vigotski, a Psicologia estava em crise e havia a necessidade de criar uma Psicologia Geral, fenômeno que ainda não foi realizado por esta ciência.

Essas discussões, a partir do texto de Leontiev (2004), descrevem um percurso histórico nos estudos sobre o psiquismo humano, que, mesmo emanando de posições e correntes opostas, indo de uma psicologia naturalista a uma psicologia sociológica, no seu modo de perceber, buscavam superar a dicotomia presente na psicologia, ainda necessitando que um trabalho teórico importante fosse adotado, para o alcance de uma nova perspectiva.

Nem o materialismo mecanicista nem o idealismo estão em estado de orientar a pesquisa psicológica de maneira a criar uma ciência única da vida psíquica do homem. Este problema só pode ser resolvido sobre a base de uma concepção do mundo filosófico que estenda a explícita explicação científica e materialista tanto aos fenômenos naturais como aos fenômenos sociais (Leontiev, 2004, p. 162).

Leontiev (2004) afirmou que “Existe uma única concepção do mundo que responde a este objetivo: a filosofia do materialismo dialético” (p. 162), e essa afirmação norteia o presente trabalho. Demonstrar elementos teóricos da psicologia histórico-cultural que evidenciem o processo de formação humana, na visão do materialismo histórico e dialético e com base no

²² G. Politzer (1903-1942), filósofo e militante marxista francês.

que foi discutido na Seção 1 dessa dissertação, é o que consideramos necessário - na direção de ampliar a concepção de formação humana para a psicologia como ciência.

Argumentamos na direção de uma psicologia que perceba e considere a vida como ela é, a vida real, a sociedade de classes, as profundas desigualdades entre camadas da sociedade e suas contradições, em condição de sobreviver e cumprir sua função como ciência e profissão. Assim seguiremos desdobrando aspectos do desenvolvimento do psiquismo humano, abordando o processo de desenvolvimento de funções psíquicas superiores, para então finalizarmos com o tema da periodização desse processo, em que desdobraremos aspectos da relação da atividade guia na gênese e formação do psiquismo humano.

3.2 O desenvolvimento do psiquismo humano – as funções psicológicas superiores

A concepção de desenvolvimento das funções psicológicas superiores é para Vigotski a de maior importância para a psicologia, e isso indica ser fundamental a revisão e a mudança do ponto de vista unilateral e tradicional que vem desconsiderando os determinantes históricos na constituição das funções mentais. Existe uma confusão de aspectos naturais e culturais e os aspectos biológicos do desenvolvimento psíquico infantil com os aspectos sociais desse processo de desenvolvimento (Tuleski & Eidt, 2020).

Partimos da premissa de que o desenvolvimento do ser humano é um processo histórico e social, uma vez que é social a natureza humana, procurando pormenorizar elementos desse processo de humanização que se dá

enquanto [os seres] se apropriam dos mediadores construídos culturalmente, dos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo de seu desenvolvimento sócio-histórico (...) cada geração começa sua vida em um mundo constituído de significados e de objetos construídos pelas gerações anteriores e se apropria dessas objetivações por meio do trabalho (Aita & Facci, 2011, p. 35).

Ao nascer encontramos dadas as condições sociais no mundo já constituído de significados, um mundo real e material de objetos que vai sendo produzido ao longo da história, a história dos seres humanos até então. Pasqualini (2009), discorrendo sobre a perspectiva histórico-dialética desse processo, sinaliza a crítica que Vigotski fazia à psicologia tradicional de época, que buscava nos sintomas ou indícios externos do desenvolvimento infantil os fundamentos para entender a periodização das idades. Em outra direção, ele buscava em particularidades essenciais do processo, que se produzia internamente a partir das situações sociais de desenvolvimento (Tuleski & Eidt, 2020).

(..) esclarecemos que lei principal de desenvolvimento das funções psicológicas superiores ou culturais, denominada lei da internalização, cujo fator determinante está posto nas relações sociais de produção que colocam as condições para a superação do comportamento direto, imediato, para o comportamento cultural mediatizado por instrumentos (ferramentas) e signos (símbolos). Essa lei nos permite compreender que as atividades anteriormente dirigidas externamente, isto é, por signos externos, posteriormente passam, a ser dirigidas internamente, por signos internalizados, dando a falsa ideia de reação direta, dada a velocidade que adquire a tomada de decisões (eleição), a memória lógica e o cálculo mental por exemplo (Tuleski & Eidt, 2020, p. 44).

Assim relatam Tuleski & Eidt (2020, p. 37) sobre a “a lei da internalização como lei geral do desenvolvimento das funções psicológicas superiores”, sistematizada por Vigotski. Muitos outros aspectos poderão dar melhor acesso ao entendimento dessa lei e é o que pretendemos abordar ao longo do texto.

No próximo tópico da presente seção vamos trazer à discussão alguns outros elementos que desdobram essa concepção de periodização do desenvolvimento e o processo em que as mudanças psíquicas e sociais são produzidas em sua gênese - pela primeira vez - onde desdobraremos cada etapa e idade do processo.

Reiteradas vezes Vigotski referiu que a psicologia considerava “as leis eternas da natureza ou as leis eternas da mente, mas não as leis históricas” (Vigotski, 2023, p. 15). Chegou a nomear de *doença anti-histórica*²³ o fato de pesquisadores da psicologia empírica e da Gestalt – mesmo os mais modernos à época – ignorarem sistematicamente variáveis históricas e sociais nos estudos sobre o desenvolvimento mental da criança. O desenvolvimento cultural era tratado como se fosse isolado e determinado por forças internas independentes, como se fosse considerado um processo de autodesenvolvimento, sujeito meramente às leis da natureza. Essa visão encontra-se presente até hoje e essa “doença” não parece ter sido curada, ao menos na maior parte das psicologias praticadas na atualidade.

Sobre o processo de tornar-se humano, tratado por Angel Pino (2005) no livro *As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski*, ele investiga indícios que revelam a presença do que se denomina humano em nossa existência, que não sendo dada previamente pela natureza biológica do ser, não sendo meramente herdada, vai sendo construída desde os primeiros momentos de vida do recém-

²³ Expressão utilizada por Vigotski.

nascido, da criança. O autor discorre sobre a criança como um ser cultural ou um ser que se encontra na passagem do biológico ao simbólico, indicando a complexidade dessa relação. Refere ainda que “A fragilidade do bebê humano no momento de nascer e a sua insuficiência para sobreviver por conta própria fazem dele efetivamente, o mais indefeso dos mamíferos” (Pino, 2005, p. 43), já considerando lugar comum afirmar que o ser humano nasce incompleto, sem autonomia, porém, e, a partir daí faz a seguinte reflexão:

Enquanto no mundo animal a sobrevivência do bebê é garantida pelas tendências instintivas da fêmea progenitora e/ ou de indivíduos específicos do grupo, no mundo humano é confiada à decisão dos pais e monitorada pelas normas sociais. A razão e o afeto, qualidades tipicamente humanas, são, sem sombra de dúvida, forças poderosas para garantir aos frágeis bebês humanos a sua sobrevivência na sociedade adulta (Pino, 2005, p. 46).

O autor defende a ideia de que a aparente condição de inferioridade do bebê é na verdade um grande meio de desenvolvimento, com a condição de ser educado e de se beneficiar da experiência cultural da espécie humana, afirmando que “... por paradoxal que possa parecer, é nessa possibilidade indesejável que reside a superioridade da cultura sobre os instintos” (Pino, 2005, p. 46). Encerramos aqui a referência a esse autor e obra, dados os limites do presente trabalho, na certeza do muito mais que representa a sua contribuição para o tema que aqui abordamos.

Como vimos na subseção anterior, a persistência de Vigotski em superar a “velha psicologia” e configurar uma nova ciência psicológica, tinha o propósito de superar a dicotomia entre corpo e mente, que, segundo o próprio autor causava a cisão da psicologia em duas dimensões: a idealista e a materialista. O método proposto por Marx e Engels, intenta superar essa cisão entre espírito e matéria, incorporando o mundo real e o mundo das ideias, porém essa cisão não se restringe à área da psicologia, encontrando-se presente na filosofia de outras ciências, na metafísica e no senso comum.

A cisão existente na psicologia, entre dois posicionamentos aparentemente distintos mostra que a discussão é ideológica e não científica no sentido de buscar a verdade ou apreender a natureza social das ideias. Nesse sentido a dicotomia entre teorias materialistas e idealistas não só representaria na sociedade burguesa a divisão entre duas classes que se opõem como elas (as classes) expressam a divisão no processo do trabalho entre o pensar e o fazer entre o interesse individual e a realização social (Tuleski, 2008, p. 83).

Segundo Tuleski (2008), o interesse em promover uma cisão entre espírito e matéria, como outras dicotomias acima mencionadas, tem natureza ideológica e, portanto, atende a interesses do capitalismo, da classe dominante. A psicologia histórico-cultural – também conhecida como a psicologia soviética – nasceu e floresceu na perspectiva do socialismo na URSS, no início do século XX, e com base nos fundamentos materialistas e dialéticos, dedicou-se a questionar pensamentos metafísicos e concepções biológicas naturalizadas sobre o desenvolvimento humano (Tuleski, 2008).

Dando continuidade à discussão sobre a condição de se tornar humano, retomemos a gênese da concepção de desenvolvimento em Vigotski, tendo como fonte o livro *Estudos sobre a história do comportamento – o macaco, o primitivo e a criança*, uma obra clássica da teoria histórico-cultural e basilar para discussões sobre esse processo na perspectiva histórica. O livro foi escrito em conjunto com A. R. Luria (1902-1977), neuropsicólogo russo e data do final dos anos de 1920, traduzido no Brasil em 1996 (Vygotski & Luria, 1996)²⁴ e os autores apresentam caminhos da evolução psicológica do ser humano, desde o macaco ao humano cultural, e definem que o trabalho que consolidaram naquele livro consiste em

(...) descrever três linhas principais no desenvolvimento do comportamento – evolutiva, histórica e ontogenética – e em demonstrar que o comportamento do homem cultural é produto dessas três linhas de desenvolvimento e só pode ser compreendido e cientificamente explicado pela análise dos três diferentes caminhos que constituem a história do comportamento humano (Vygotski & Luria, 1996, p. 51).

As trajetórias que nortearam a síntese teórica apresentada na Seção 1, a partir dos fundamentos marxianos do materialismo histórico-dialético, correspondem às três linhas principais que delineiam um caminho para elucidar elementos essenciais, na perspectiva de uma totalidade – o processo de desenvolvimento do ser cultural. O ser humano é produto dessas três linhas e, portanto, a compreensão científica do seu comportamento passa pela análise e explicação desses caminhos que constituem a sua história e a cultura humana. Vygotski e Luria (1996), contudo, alertam que não vão abranger a descrição completa do processo de desenvolvimento do ser cultural; o que se propuseram foi especificar linhas mestras dos principais pontos de referência no caminho da evolução psicológica em seus diversos momentos decisivos, destacando o vínculo que interliga essas linhas de desenvolvimento, “os sintomas de

²⁴ Para contextualizar a referida obra, destacamos que se trata de uma tradução do inglês estadunidense, proveniente de texto organizado por professores de universidades americanas, editado pela Artes Médicas, tendo como supervisora e revisora técnica no Brasil, a psicóloga Marta Kohl de Oliveira, doutora em Psicologia (EUA) e, à época, docente da faculdade de educação da USP/SP.

novas eras na evolução do comportamento, *sinais de mudanças no tipo mesmo de desenvolvimento*” (p. 52).

Sobre sinais de mudança no desenvolvimento, Vygotski e Luria (1996, p. 52), afirmam o seguinte:

O uso e a “invenção” de ferramentas pelos macacos antropóides é o fim da etapa orgânica de desenvolvimento comportamental na sequência evolutiva e prepara o caminho para uma transição de todo o desenvolvimento para um novo caminho, criando assim *o principal pré-requisito psicológico do desenvolvimento histórico do comportamento* (Vygotski & Luria, 1996, p. 52).

Vemos aqui o marco que os autores referem sobre diferenciação do animal em relação ao humano, com o fim de uma etapa meramente orgânica, da gênese dada pela natureza e o caráter biológico do ser humano, superado pelo uso de instrumentos na relação com a natureza, sendo pré-requisito para o desenvolvimento histórico do comportamento humano: “(...) trabalho e, ligado a ele, o desenvolvimento da fala humana e outros signos psicológicos utilizados pelo homem primitivo para obter controle sobre o comportamento significam o começo do comportamento cultural ou histórico no sentido próprio da palavra” (Vygotski & Luria, 1996, p. 52).

Os autores identificam como um segundo marco o desenvolvimento de signos psicológicos, fruto de necessidades materiais, que motivam o ser primitivo ao desenvolvimento da atenção, memória, do pensamento, da fala, comportamentos relacionados às funções psíquicas superiores. O livro apresenta pesquisa extensa do estudo do comportamento em um tomo de 252 páginas, sendo que, no presente texto, estamos fazendo brevíssima referência a este arcabouço teórico e, a partir de uma síntese dos próprios autores – a citação da página 52 – que estamos desmembrando e fazendo alguns apontamentos. Em relação ao desenvolvimento da criança, os autores anunciam um novo enfoque, sendo um terceiro marco na abordagem da gênese do desenvolvimento, que ressalta o significado de se diferenciar a psicologia do adulto e da criança.

Finalmente, no desenvolvimento, da criança vemos claramente uma segunda linha de desenvolvimento que acompanha os processos de crescimento e maturação orgânicos, ou seja, vemos o desenvolvimento cultural do comportamento baseado na aquisição de habilidades e em modos de comportamento e pensamento culturais (Vygotski & Luria, 1996, p. 52).

Esse terceiro marco revela a necessidade de, além do entendimento da evolução do comportamento do animal e do ser humano primitivo, precisarmos estudar o desenvolvimento

e comportamento da criança de modo específico, investigando os caminhos de desenvolvimento da psicologia da criança como processo qualitativamente diferente do processo do adulto. Esse foi um destaque nos estudos da psicologia de Vigotski - o de não considerar a criança como um pequeno adulto e sim como uma criatura singular.

Explicam os autores que estrutura e as funções do organismo da criança diferem grandemente do organismo adulto, concebendo uma constituição infantil específica e as metamorfoses que afetam os atributos ao longo da infância, “geralmente considerados estáveis” nos adultos (Vygotski & Luria, 1996, p. 153). Tecendo considerações sobre o bebê e o seu mundo, os autores nos lembram que os adultos se ligam ao ambiente por “milhares de elos, como é ele próprio, produto dele; sua essência encontra-se na essência das condições ambientais”. O recém-nascido e os bebês precisam ser estudados em seu processo de vinculação à vida, como um processo específico, ainda em formação: “O elo com o ambiente, começa na boca, e é aí que aparecem as sensações primitivas iniciais, as reações psicológicas primárias.” (p. 155). Seguem explicando que

A realidade começa a existir para a criança sob aquelas formas que percebemos em um período bem posterior do seu desenvolvimento. Por exemplo, somente depois de 1 mês e meio de idade é que o bebê apresenta movimentos coordenados dos olhos, somente a partir desse momento a criança será capaz de mover seu olhar de um objeto para outro e de uma parte do objeto para outra, e, como sabemos são exatamente estes movimentos coordenados dos olhos a condição necessária para ver. Contudo a criança de 1 mês e meio ainda tem acesso quase mínimo ao mundo percebido visualmente; acomodação do globo ocular - adaptação a estímulos externos - aparece por volta dos 2 meses, o reconhecimento absolutamente correto de rostos vem entre os 2 meses e meio e 3 meses e somente aos 4 ou 5 meses é que o “mundo visível” se torna acessível à criança (Vygotski & Luria, 1996, p. 156).

A partir de aproximadamente três meses de nascida, a criança começa a “ingressar na vida”, sendo o momento em que “o primeiro princípio orgânico da sua existência começa a ser substituído por um segundo princípio – o princípio da realidade externa e, o que é mais importante, social” (Vygotski & Luria, 1996, p. 156). Ou seja, a realidade social se torna acessível e, assim, as considerações sobre a formação social do psiquismo humano começam por volta dos três meses de idade. Não podemos, no entanto, deixar de mencionar que para o autor, desde seu nascimento a criança é um ser social, pois já nasce em uma sociedade criada pelos homens, com cultura específica. Voltaremos a tratar desse tema no próximo tópico, ao

abordarmos a periodização no desenvolvimento psíquico, em estudos de seguidores de Vigotski e autores contemporâneos.

Pasqualini (2009) comenta a análise explícita de Vigotski sobre a relação entre biológico e cultural, no que concerne ao desenvolvimento das funções psicológicas, assinalando que

O autor diferencia as funções psicológicas elementares, comuns a homens e animais (tais como atenção e memória involuntárias) das funções exclusivamente humanas, que denominou funções psicológicas superiores (tais como a atenção voluntária, a memória mediada e o pensamento abstrato). As funções superiores têm gênese fundamentalmente cultural – e não biológica. O autor não estabelece, contudo, uma dicotomia entre as funções elementares e superiores; afirma que as formas inferiores não se aniquilam, mas continuam existindo como instância subordinada às funções superiores (Pasqualini, 2009, pp. 33-34).

Ao adentrar no tema das funções psíquicas superiores, voltemo-nos à compreensão do termo *psiquismo* que, pode ser definido como a *imagem do real*, produzida como *legado da existência social*. O legado da existência social resulta da atividade humana e sua complexificação, mediada por instrumentos e signos, que possuem papel fundante na estruturação e na evolução do *psiquismo*. Como vimos sobre a criança, seu contato com o mundo inicia sensorialmente com a adaptação a estímulos externos, passando ao reconhecimento visual para chegar a perceber o mundo de forma acessível, ao processo de formação da consciência (Martins, 2013).

O processo de desenvolvimento do *psiquismo* individual avança em relação ao *psiquismo* animal, e podemos observar o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, que caracterizam o humano, em sua complexidade, configurando processos funcionais de sensação, percepção, atenção, memória, fala, pensamento, imaginação, processos interfuncionais e mediados por signos e instrumentos (Martins, 2013).

Os signos e os instrumentos, como construção elaborada historicamente pelo próprio homem, assumem a finalidade comum de serem mediadores no processo de apropriação da realidade e, ao mesmo tempo, criam condições para a transformação da natureza. Os signos orientam a transformação da atividade interna e os instrumentos orientam a transformação da atividade externa ao homem (Bernardes, 2010, p. 309).

Os signos são mediadores no processo de apropriação da realidade e a mediação das significações é o traço que distingue a conduta humana e dos outros animais. Como forma de adaptação ativa entre o indivíduo e a realidade, “por um sistema de códigos, muitas vezes identificado pela linguagem ou fala, porém não se limitando a ela” (Bernardes, 2010, p. 309).

Vigotski (2023) discorre sobre a história das funções mentais superiores, da relação que se dá entre o ser humano em atividade e as determinações do ambiente social em que está envolvido, como o processo que cria o conteúdo cultural do comportamento humano. O que é nomeado de funções psíquicas superiores não deve ser compreendido como processos em si, uma vez que as funções operam no mecanismo de interfuncionalidade: a função da percepção se manifesta em conjunto com a atenção, que está em vinculada à funcionalidade da memória; a memória se integra ao pensamento e imaginação, linguagem etc. e assim são funções que vão se conectando em um sistema de relações que operam de modo interligado e funcional.

Para Vigotski (2023, p. 24) “Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas. A psicologia na perspectiva histórica coloca em destaque as leis sociais, reconhecendo que “o desenvolvimento histórico é o desenvolvimento da sociedade humana e não apenas da mente humana, que a mente se desenvolve com o desenvolvimento da sociedade” (Vigotski, 2023, p. 24). Referindo-se à época, em suas palavras, diz o autor que “a criança e o desenvolvimento de suas funções mentais superiores são considerados *in abstracto* – fora do ambiente social, do ambiente cultural e das formas de pensamento lógico, visão de mundo e conceitos sobre causalidade que governam essas funções (p. 17).

Vigotski (2021, p. 1) afirmava que “a história do desenvolvimento das funções mentais superiores é um campo da psicologia que nunca foi explorado”, em texto escrito por volta de 1931, que alertava sobre a necessidade de estudar esses processos, centrais para a compreensão de aspectos da personalidade infantil, pois elucidariam campos vagos e obscuros da psicologia genética. Era nítida a insuficiência da visão da psicologia genética – a visão do ser humano natural, constituído geneticamente e que se desenvolvia na interação com o meio - atrelada a uma compreensão básica imprecisa sobre a natureza do fenômeno em estudo. Discutimos aqui a relevância das bases teórico-metodológicas da psicologia histórico-cultural que possam agregar às demais psicologias condições básicas para estudo e intervenção em suas diversas área de atuação.

A questão é complexa, pois a elucidação desse tema necessita de uma mudança básica na visão tradicional sobre o processo de desenvolvimento mental da criança. Nessa nova abordagem, os aspectos do desenvolvimento mental são considerados pré-requisito indispensável sem os quais seria impossível elaborar uma formulação apropriada dos problemas que nos interessam. No entanto parece mais fácil assimilar milhares de fatos novos em determinado campo do conhecimento do que assimilar o novo ponto de vista com base em poucos fatos já conhecidos. Além disso, muitos fatos contidos no sistema

da psicologia infantil parecem estar enraizados pelas considerações firmemente estabelecidas e se tornar completamente novos quando se baseiam no ponto de vista do desenvolvimento das funções mentais superiores da criança, mas eles não foram ainda reconhecidos sob esse aspecto (Vigotski, 2021, p. 2).

Segundo Vigotski (2021), pela ótica do inato, muitos processos, funções mentais, fenômenos e formas de comportamento haviam sido estudadas pela psicologia, porém ele assinalava que há muito mais a pesquisar em seus aspectos específicos da estrutura e funcionamento quanto às funções mentais superiores relacionadas às formas culturais complexas de comportamento, que ainda permanecem “fora do campo de visão do pesquisador” (p. 3).

Concordamos com tal afirmação e acreditamos que ainda precisamos avançar na direção desses estudos, na obra de Vigotski e seguidores. Leontiev (2004) sobre as investigações do processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, refere que Vigotski tomou como base duas hipóteses: “as funções psíquicas do homem são de caráter mediatizado” é a primeira delas e da qual decorre a segunda que afirma que “os processos interiores intelectuais provêm de uma atividade inicialmente exterior, *interpsicológica*” (Leontiev, 2004, p. 164), atividade que se produz numa relação que se dá externamente ou socialmente.

Sobre a estrutura mediatizada dos processos psicológicos pode-se dizer que surgem da apropriação por um indivíduo de formas de comportamento que foram inicialmente formas e comportamentos imediatamente social, numa relação direta, imediata. A mediação se dá por meio material, como instrumentos ou por conceitos verbais socialmente elaborados (símbolos) ou qualquer outro sinal (linguagem). São ideias avançadas e que constituem mais a explicitação do problema – do conhecimento sobre a formação do psiquismo humano – do que um sistema psicológico acabado.

O movimento entre a realidade objetiva própria dos indivíduos e a essência humana institui-se a partir de diferentes mediações decorrentes das atividades humanas nas quais os sujeitos se inserem e que medeiam os bens culturais. Tais mediações ocorrem pela via das condições e circunstâncias resultantes do processo educativo em geral, seja pela vida em família, pelo processo pedagógico escolar ou pelas inter-relações decorrentes da participação dos indivíduos em diferentes grupos sociais (Bernardes, 2010, p. 303).

Compreendemos que a relação entre indivíduo e gênero humano é determinada pelas possibilidades de mediação das significações sociais instituídas na sociedade, em seu processo cultural, ou seja, não ocorre de forma direta e imediata. A dimensão interpessoal implica na

dimensão intrapessoal, como decorrência da vida em sociedade, sendo o movimento concreto de socialização, que na sociedade contemporânea ocorre sob condições alienantes do modo capitalista de produção da vida e do trabalho humano.

A socialização, como condição essencial no processo de constituição do gênero humano, estabelece a dimensão ontológica do ser, o que de fato, devido às desigualdades econômicas e de classe, não ocorre, pois nem todos os indivíduos têm a possibilidade de acessar a produção humana elaborada historicamente (Bernardes, 2010, p. 311).

Sobre a questão do acesso à produção humana, Leontiev (2004), ressalta duas origens do processo de alienação que diretamente implicam no processo de formação humana: a dissociação entre sentido e significado das ações humanas e a impossibilidade de apropriação das riquezas materiais e não materiais já produzidas socialmente, pela grande maioria das pessoas. Sob o capitalismo, o trabalho torna-se fonte de alienação e exploração, uma vez que afasta a pessoa do produto e processo de produção da sua atividade, que se transforma em mercadoria, pertencendo ao outro, sendo propriedade do outro. Como afirma Duarte (2013, p. 15), “a individualidade não se forma a não ser pela formação da pessoa como um ser social, mas, quando se trata de uma sociedade dividida em classes, a socialidade necessariamente carrega consigo a alienação, em graus maiores ou menores”.

O indivíduo não se vendo em sua atividade, estranha a si mesmo e ao outro. O não acesso aos bens culturais é condição dada pela imensa desigualdade que a sociedade de classe produz historicamente, aprofundando as distancias e estranhamentos entre as pessoas, gerando uma sociedade injusta e confusa. O fenômeno da desigualdade (de classe) social é evidenciado pela quantidade de miséria e pobreza existentes, convivendo com o luxo e a riqueza de poucos. Os temas de estranhamento e da extrema desigualdade de condições sociais de sobrevivência são de imensa relevância e complexidade em suas implicações para a psicologia, para a ciência, para a vida humana. No presente trabalho eles serão mencionados no sentido desse reconhecimento, embora não tratados com profundidade, dado à necessidade de delimitação do nosso tema, contudo algumas outras questões serão abordadas em nossas considerações finais.

As funções psicológicas superiores são produtos da atividade cerebral, possuindo uma base biológica, mas, fundamentalmente resultando da relação do indivíduo com o mundo, mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos. A formação humana, a condição de ser humano está atrelada às condições em que as relações se produzem na sociedade humana, sob múltiplas e diversas determinações. As nossas atuais condições humanas parecem ter sofrido um processo de alheamento do sujeito ou apagamento do objeto, pois vemos muitas práticas da psicologia que ignoram essa realidade, como se nada disso existisse. Temos uma psicologia

para que e para quem, se não temos consciência sobre a condição humana em sua atualidade? Considerando essa realidade, como é possível a psicologia dar conta da sua função, sem buscar compreender a complexidade do processo de tornar-se humano?

Como vimos até aqui, o traço fundamental do psiquismo humano é que ele se desenvolve por meio da atividade social e são estes os seres humanos reais, produzidos em nossa confusa e injusta sociedade que a psicologia precisa lidar em seus estudos e práticas. Os estudos sobre a periodização do processo de desenvolvimento, analisam etapas de desenvolvimento relacionados as atividades principais ou situações sociais de desenvolvimento, constituintes da dinâmica da formação social do psiquismo, nas relações sociais, em cada período da vida, nomeadas de atividades guia. Estas são identificadas como atividades que predominam em fases etárias da vida e que resultam em manifestações do processo de formação do psiquismo humano.

Discutiremos abordagens da periodização do desenvolvimento psíquico em estudos que investigam o desenvolvimento da infância à idade adulta, sob a visão que é ele se constitui um complexo processo dialético e historicamente determinado que não se processa de forma meramente evolutiva e sim, revolucionária, ou seja, possibilitando renovar padrões estabelecidos (Pasqualini, 2009).

3.3 Atividade e formação do psiquismo – periodização do processo de desenvolvimento

Na psicologia histórico-cultural, o estudo do desenvolvimento do psiquismo vem elaborando algumas compreensões sobre os vários períodos, fases ou etapas do processo de desenvolvimento humano, desde o nascimento até a velhice, que abordaremos neste item.

A abordagem dessa temática na perspectiva da psicologia histórico-cultural, se diferencia de outras, tanto no que se refere ao método de investigação, como pela consideração fundamental das leis sócio-históricas que regulam esse desenvolvimento. Tuleski e Eidt, (2020) retomam em Vigotski fundamentos postulados por Marx, afirmando que

(...) a psicologia, para desvendar o que caracteriza e distingue o psiquismo e a conduta do ser humano, deve partir do mais complexo para o mais simples, e não o inverso, como faziam diversas correntes psicológicas de sua época, estudando o comportamento animal em suas similaridades com o comportamento humano (Tuleski & Eidt, 2020, p.36).

Conhecido como *método inverso*, o fenômeno mais desenvolvido explica o menos desenvolvido - preconizava que as investigações deveriam seguir na direção de elucidar o que

é incomum, as formas mais complexas de conduta desenvolvidas pelos seres humanos, comparados aos outros animais. À época as investigações de fenômenos, fossem simples ou complexos, utilizavam o mesmo método, ignorando a natureza transformadora da atividade especificamente humana, a qual produz algo novo por meio do trabalho, processo reconhecido como salto ontológico. Essa assertiva baseou a elaboração do método genético-experimental postulado por Vigotski: “a tarefa essencial da análise era reconstruir todo o processo até a etapa inicial e, convertendo o objeto final em processo, colocá-lo em movimento” (Tuleski & Eidt, 2020, p. 37). A análise não vai do objeto às partes e sim do processo aos momentos fundamentais de transição, dando visibilidade ao surgimento e desaparecimento de causas e condições e observando os vínculos reais que fundamentam o fenômeno. Veremos a seguir como se aplicou aos estudos da periodização como processo de desenvolvimento marcado por crises desencadeadoras de novas formações psíquicas.

A temática da periodização do desenvolvimento do psiquismo é ainda pouco explorada, embora a divulgação da psicologia histórico-cultural nas últimas décadas no Brasil tenha sido crescente, fato que representa avanços para a psicologia como ciência e profissão (Martins, Abrantes & Facci, 2020). Consta-se o razoável acervo já publicado tanto das obras de Vigotski, como dos demais estudiosos da teoria, autores que ressaltam o valor do estudo da psicologia histórico-cultural acerca do desenvolvimento do psiquismo nesta perspectiva, “primando por um enfoque psicológico que privilegia todo o ciclo vital (p. 1).

A periodização como categoria no estudo do desenvolvimento psíquico, analisa a relação entre a atividade guia e a constituição do psiquismo, identificando e descrevendo transições de uma etapa para outra, marcadas por crises, rupturas que provocam a superação e a passagem para a etapa seguinte. As crises são períodos intercalados por momentos estáveis – e não imutáveis – em que a atividade guia prevalece e as crises sinalizam a necessidade de mudança, os incômodos da contradição, confirmando o desenvolvimento como um processo dialético e não inato e evolutivo.

A lei fundamental que rege a dinâmica das idades, para Vygotski (1996), consiste em que as forças que movem o desenvolvimento da criança de uma idade a outra acabam por negar e destruir a própria base do desenvolvimento da idade anterior, determinando, como necessidade interna, o fim da situação social de desenvolvimento, ou seja, o fim da etapa vigente em direção à etapa seguinte (Pasqualini, 2009 p. 35).

Com base no materialismo histórico-dialético, estudos sobre a periodização do desenvolvimento psíquico se debruçam sobre os processos que formam o indivíduo, tendo como pressuposto “(...) analisar a relação entre o seu desenvolvimento e o movimento histórico

da sociedade, superando dicotomias entre o individual e o coletivo, entre o biológico e o social, ou seja, entre a natureza dada e a natureza adquirida histórico culturalmente” (Martins, Abrantes & Facci, 2020, p. 2).

Nos princípios do método marxiano temos que a essência humana é o trabalho fruto da relação do ser humano com a natureza, a produção humana que também produz a humanidade nos seres humanos. Assim, para a psicologia histórico-cultural a análise da formação humana, do desenvolvimento do psiquismo humano deve ser centrada na atividade humana, considerando as circunstâncias históricas determinantes, do seu conteúdo e da forma como as relações se movimentam e configuram a dinâmica da atividade. Nessa perspectiva, os estudos da periodização se colocam como uma parte significativa componente do projeto da Escola de Vigotski em sua perspectiva de construção de uma nova psicologia, uma psicologia científica em bases materialistas dialéticas (Martins, Abrantes & Facci, 2020).

Os estudos sobre a periodização do desenvolvimento psíquico não devem ser confundidos como sendo mais uma categorização *etapista* do desenvolvimento psicológico, como alerta Pasqualini (2020). A periodização na psicologia histórico-cultural propõe um caminho/uma categoria de análise da relação entre a atividade principal ou atividade guia e etapas identificadas na trajetória de desenvolvimento do psiquismo individual, em que a idade é um dos elementos da análise. Configura uma percepção de cada momento particular do desenvolvimento do psíquico humano, relacionado às atividades que *guiam* aqueles momentos e possibilitam “transformações qualitativas e capazes de revolucionar o modo de ser do indivíduo”, a sua constituição psíquica singular (Martins, Abrantes & Facci, 2020, p. 2).

Versando sobre a periodização do desenvolvimento infantil, Pasqualini (2009) cita o postulado de Vigotski sobre a necessidade de investigar a relação entre cada novo tipo de estrutura da personalidade e atividade da criança e as mudanças psíquicas e sociais que essas mudanças produzem, “pela primeira vez em cada idade e [que] determinam a consciência da criança e sua relação com o meio” (p. 35).

Em cada etapa do desenvolvimento infantil, para o autor, encontra-se sempre uma nova formação central, que constitui uma espécie de guia para todo o processo de reorganização da personalidade da criança. Diferenciam-se, nesse processo, as linhas centrais do desenvolvimento – que se referem aos processos diretamente relacionados a essa nova formação específica da idade – e as linhas acessórias, que estariam ligadas aos processos secundários. Cabe ressaltar que os processos constitutivos das linhas principais de desenvolvimento em uma idade convertem-se em linhas acessórias na fase seguinte, e o oposto também é verdadeiro (Pasqualini, 2009, p. 35).

A autora segue enfatizando que, para Vigotski, sendo a realidade social a verdadeira fonte de desenvolvimento, é a *situação social de desenvolvimento* que determina a relação entre a criança e o meio social - o ambiente que a rodeia. Cada situação é “peculiar, específica e irrepetível em cada etapa do desenvolvimento” e que se constitui “o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se processarão durante aquela idade”, determinando formas e estruturas de acesso a “novas propriedades da personalidade” (Pasqualini, 2009, p. 35).

Vigotski sustentava que o método histórico-dialético, superando análises descritivas, promovia uma análise psicológica explicativa que revelava os “nexos causais que determinam a origem e o desenvolvimento dos fenômenos” (Pasqualini, 2009, p. 34). A autora indica ser importante compreender a dinâmica envolvida no surgimento de novas formações, ou seja, como surgem novas estruturas psíquicas em cada idade ou momento. O conjunto de leis que regem essa formação e as mudanças, requer a compreensão das “relações entre a personalidade da criança e seu meio social naquela etapa do desenvolvimento: trata-se do conceito de situação social de desenvolvimento” (p. 35).

A situação social ou realidade social é para Vigotski, a verdadeira fonte de desenvolvimento, como refere Pasqualini (2009), por ser o ponto de partida para as mudanças, num processo dinâmico que faz a criança se apropriar de elementos do meio, formando socialmente a sua personalidade singular.

A partir de suas investigações, Vigotski propõe, ainda que provisoriamente, uma periodização das fases do desenvolvimento psicológico, composta pelas seguintes idades: crise pós-natal; primeiro ano de vida; crise do 1º ano; primeira infância; crise dos três anos; idade pré-escolar; crise dos sete anos; idade escolar; crise dos 13 anos; puberdade e crise dos 17 anos (Pasqualini, 2009, p. 36).

Esses e outros aspectos desenvolvidos por Vigotski em relação à periodização do desenvolvimento psíquico se constituem de “proposições declaradamente inacabadas” (Pasqualini, 2009, p. 38), contudo revelam o esforço de construção de categorias de uma metodologia de análise do desenvolvimento infantil, na perspectiva histórico-dialética, que foi desenvolvida por outros autores, conforme revelam os estudos de Facci (2004). Com base em Leontiev, Elkonin e Vigotski, essa autora aborda a questão da periodização da ontogênese humana e apresenta as etapas ou períodos do desenvolvimento humano, relacionando-os a uma atividade predominante ou principal, ou, como traduzido mais recentemente, atividade *guia* (Martins, Abrantes & Facci, 2020), a partir da qual as relações do indivíduo com a realidade social se estruturam: “(...) os primeiros estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são a comunicação emocional do bebê, a atividade objetual manipulatória, o jogo de

papéis, a atividade de estudo, a comunicação íntima pessoal e a atividade profissional/estudo” (Facci, 2004, p. 67).

Esses estágios são períodos de desenvolvimento que, ocorrendo atrelados às condições sociais, não são estanques e, em cada período começa a ser gestada uma nova formação, no movimento de uma nova atividade principal. Como resultado de investigações científicas, Elkonin (1987) afirma termos bases para supor que na primeira infância, a atividade dos bebês em sua relação com o mundo é a comunicação emocional direta com os adultos, predominando meios emocionais e mímicos. Nesta fase o relacionamento da criança com o adulto é permeado com recursos como o choro e o sorriso, com as primeiras manifestações da comunicação social, “base indispensável para o surgimento de sentimentos sociais mais complexos” (Facci, 2004, p. 67). Além disso, afirma que “a comunicação emocional direta dos bebês com os adultos é a atividade principal desde as primeiras semanas de vida até mais ou menos um ano, constituindo-se como base para a formação de ações sensório-motoras de manipulação” (p. 67).

A partir das mesmas investigações, observa-se a passagem para o domínio das ações objetais, no limite da primeira infância, com a assimilação de procedimentos. Assim, “a comunicação emocional dá lugar a uma colaboração prática”, a fase objetal, impossível sem a participação dos adultos, sendo eles que mostram à criança o objeto, manipulam e agem junto com eles (Facci, 2004, p. 68). Porém, apesar desta total dependência do adulto na relação com os objetos, os estudos destacam que a atenção do bebê está na relação direta com o objeto, sendo o adulto um elemento da situação de ação objetal. “Aqui se observa um peculiar *fetichismo objetal*: é como se a criança não percebesse o adulto, o qual está oculto pelo objeto e suas propriedades”. Neste período desenvolve-se a inteligência senso-motora que prepara o surgimento da função simbólica e se forma a chamada *inteligência prática* (Elkonin, 1987).

No primeiro ano de vida o bebê depende do adulto para satisfazer todas as suas necessidades básicas de sobrevivência, sendo mediado todo o seu contato com a realidade social. Outro aspecto peculiar deste período é que, embora já existam contatos verbais e a linguagem já comece a ter um papel fundamental para organizar a relação conjunta com os adultos, a própria comunicação é mediatizada por objetos, carecendo de meios de comunicação social em forma de linguagem (Elkonin, 1987; Facci, 2004).

A primeira função da linguagem é a comunicação, um meio de expressão e compreensão entre os homens, que permite o intercâmbio social. Até mais ou menos os 18 meses, a criança ainda não consegue descobrir as funções simbólicas da linguagem que é uma operação intelectual consciente e altamente complexa. Por volta dos 2 anos a criança apresenta grande evolução da linguagem dando início a uma forma totalmente nova de

comportamento exclusivamente humana. Inicia-se a formação da consciência e a diferenciação do eu infantil (Facci, 2004, p. 68).

No período pré-escolar temos o jogo de papéis e a brincadeira como atividade guia, significando que a criança vai se apossando do mundo concreto dos objetos humanos, reproduzindo ações dos adultos com a utilização de objetos. O conteúdo das brincadeiras está relacionado com a percepção que a criança tem do mundo e ela opera com os objetos, ao tempo em que desenvolve a consciência do mundo objetivo. Através do brincar ela age como se fosse adulto, enfrentando a contradição entre a necessidade de agir e a impossibilidade de fazer coisas sozinho – a criança sente a sua dependência em relação aos adultos e ensaia ser adulto, por assim dizer, através do jogo do faz de conta. O seu círculo social começa a se dividir sendo: um formado pela família e pessoas próximas e outro pelas demais pessoas da sociedade. É uma fase de grande mudança, principalmente ao entrar na escola, quando a atividade guia passa a ser o estudo.

“O estudo serve como intermediário de todo o sistema de relações da criança com os adultos que a cercam, incluindo a comunicação pessoal com a família” (Facci, 2004, p. 70). Observam-se mudanças ao redor da criança, na família e entre pessoas próximas, a escola e as tarefas escolares, a assimilação de novos conhecimentos passam a ocupar um lugar de destaque em sua vida social, levando a desenvolver processos psíquicos relacionados a funções de atenção, percepção, imaginação, fala e do pensamento. Ademais, “a complexificação da atividade do indivíduo a cada novo período de desenvolvimento, expressa na transição a novas atividade dominantes, engendra novas formações psíquicas, graças às quais, para Vigostki (Vygotski, 1996), pode-se determinar o essencial de cada idade” (Pasqualini, 2020, p. 70).

Compreender a dinâmica da transição de uma idade é o modo de evidenciar a gênese e o processo formativo do novo momento no processo de desenvolvimento do psiquismo. A adolescência marca uma nova transição com a atividade guia sendo identificada como a etapa em que prevalece a comunicação íntima e pessoal nas relações sociais. Os processos funcionais ligados à emoção e sentimentos se destacam e muda a posição do jovem em relação ao adulto, pois passam a competir equiparando forças físicas, conhecimentos e capacidades. É considerado por Elkonin (1987) o período mais crítico, marcado pelo avanço do desenvolvimento intelectual. “O pensamento por conceito abre para o jovem um mundo da consciência social, e o conhecimento da ciência, da arte e as diversas esferas da vida cultural podem ser corretamente assimiladas”, levando a uma compreensão mais ampla de si mesmo, das pessoas ao seu redor e da realidade. (Facci, 2004, p. 71). Na idade escolar avançada surgem os motivos de atividade voltados para o futuro, na perspectiva da atividade profissional e de

estudo, em conjunto, passam a guiar o desenvolvimento do jovem até a vida adulta. A etapa adulta se caracteriza pelo momento em que o indivíduo passa a ocupar um lugar de trabalhador na sociedade e muitas vezes ocorre no período da juventude, como veremos a seguir.

A atividade dominante caracteriza-se como principal responsável no processo de ativar transformações no modo do indivíduo vincular-se à realidade. A partir da juventude e na fase adulta, um conjunto de outras atividades sociais são co-determinantes na relação do indivíduo com o mundo, quando as relações complexificam com a ampliação dos papéis e funções da vida cotidiana. Como afirmam os autores, os estágios de periodização estão “(...) condicionados às determinações socioeconômicas que compõem o momento histórico em que o sujeito se encontra inserido e devem ser objeto de profunda análise para compreendermos o desenvolvimento psíquico em sua essência” (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 244).

Analisar e compreender o jovem no mundo parte de compreender “sua relação com formações sociais marcadas pela desigualdade, pela dominação e exploração de classe”. Ao jovem, a depender do ambiente social em que está inserido caberá uma “concepção espontânea e irrefletida da atividade humana”, fruto de uma visão utilitária de uma sociedade alienada, ou terá acesso a uma consciência que capte a totalidade histórica e social, repercutindo na particularidade das atividades cotidianas (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 244).

Quando se toma como princípio orientador do desenvolvimento da pessoa adulta o trânsito de uma consciência comum em direção a uma consciência filosófica da práxis humana, ratifica-se que aspectos biológicos são insuficientes e secundários na explicação do vínculo consciente do indivíduo com a realidade (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 244).

O final da juventude (entre 18 e 24 anos) e início da idade adulta inaugura o momento em que a pessoa passa a se relacionar com questões sociais e políticas da sua comunidade e da sociedade como um todo. As relações produzidas nessa fase, na vida escolar e acadêmica, no envolvimento maior ou menor com as questões comunitárias, são aspectos a serem analisados sobre o desenvolvimento psíquico neste período.

Na sociedade produtora de mercadorias, a relação do jovem com a realidade implica formas de alienação. Ao jovem filho da classe trabalhadora “apresenta-se” o mundo do trabalho produtivo (de valor) com ritmos e modelos de exploração comuns ao do adulto, porém com menor salário, sendo apartado do seu momento intelectual em toda a sua complexidade. Aos jovens com apoio econômico vislumbra-se a formação profissional superior e acesso ao conhecimento abstrato e às atividades intelectuais, porém é cindido

do mundo do trabalho e das necessidades sociais coletivas (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 248).

Como afirmam os autores, a atual conjuntura apresenta para os jovens, por um lado a lógica da concorrência e a ética do todos contra todos, por outro lado a as relações definidas pela *reestruturação produtiva*, conceito que envolve a extinção de direitos trabalhistas, aumento da exploração e precarização do trabalho. Esse cenário inclui os jovens filhos das classes trabalhadoras e o jovem com apoio econômico, sendo ambos vitimizados por um mundo de trabalho cindido e pela condição bem distanciada do atendimento a necessidades humanas e sociais. Funda uma situação marcada pela instabilidade e dependência, além de provocar o sintoma de parasitismo a que se referem os autores, “no qual reina certa lassidão em relação aos desafios intelectuais e da vontade” (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 250). Ao jovem que busca sobreviver e sustentar a família restam poucas chances de qualificação profissional, enquanto ao que tem apoio e acesso ao conhecimento, resta a condição de adaptar-se e subordinar-se à estrutura de atividades existentes. Assim, “nessa perspectiva, uma das questões centrais aos jovens são as reflexões relacionadas a projetos de vida, tendo como temas o projeto de formação profissional, a busca de autonomia no trabalho e demais esferas da atividade humana” (p. 261).

A proposição é considerar que a possibilidade de delinear um projeto de vida e de fazer escolhas no campo profissional, numa sociedade com tamanha desigualdade de condições materiais de vida, está submetida fortemente a tensão entre liberdade e necessidade. Daí ser necessário o processo de compreender a realidade da sociedade de classes para além das aparências imediatas, das demandas da prática e mesmo das explicações metafísicas. Esse processo significa desenvolver uma relação consciente com o real e a apropriação do saber científico elaborado que também vem sendo precarizado pelo sistema educacional sob determinações capitalistas.

Reconhecemos inicialmente que a sociedade alienada produz pessoas que estão vivas biologicamente, mas defrontam-se com uma espécie de morte simbólica, visto que, muitas vezes, as experiências são marcadas pela falta de projeções e de projetos, portanto uma sociedade esvaziada, despolitizada (Abrantes & Bulhões, 2023, p. 261).

Concordamos com a visão dos autores sobre esse esvaziamento de sentido e de projeto de vida, em que o ser humano fica aprisionado em sua particularidade – a vida restrita às atividades cotidianas, ao cotidiano das relações em si e que isso resulta em buscar na simples experiência pessoal o sentido da vida, *o prazer de viver*. A vida organizada em torno da lógica da propriedade privada leva à busca de benefícios próprios, da individualidade. Arriscamos acrescentar que, em face desta realidade, a busca do alívio ou do prazer, nessa perspectiva

individualizante, tem sido a tônica dos que procuram ajuda da psicologia e que o caráter efêmero desses encontros com o prazer, revelam a insuficiência dessa busca como solução aparente. Solução que serve para o imediato alívio de sintomas, ao mesmo tempo em que tristemente pode alimentar o processo de alienação, quando se incorpora à visão do ser singular a sua existência humano-genérica.

Entendemos, em comunhão com os autores, que a tarefa dos jovens, na direção do desenvolvimento das potencialidades humanas, é estudar e aprender para apropriar-se do conhecimento mais elaborado criado pela ciência, filosofia e arte, um conhecimento sistematizado e inspirador para a criação do novo, para realizar no mundo uma práxis transformadora.

Carvalho e Martins (2020) discorrem sobre a etapa do adulto no processo de desenvolvimento psíquico, considerando a atualidade dos tempos de reestruturação produtiva e analisando as condições concretas, que possibilitam às pessoas, em sua maturidade, serem quem elas de fato são

(...) a atividade guia da idade adulta, representada pela atividade de produção social consubstanciada no trabalho, desponta como central no enfoque histórico-cultural acerca da periodização do desenvolvimento, posto que dela resulta a própria construção do acervo humano-genérico que, em última instância expressa o máximo alcance das capacidades humanas (Carvalho & Martins, 2020, p. 268).

As autoras adicionam ainda que, de acordo com Vigotski e com o método materialista histórico-dialético, uma das características centrais da atividade humana é a sua intencionalidade, elemento chave no processo histórico de humanização e uma propriedade da consciência.

Considerando que a atividade representa o modo e/ou o meio pelo qual os indivíduos se relacionam com a realidade para atender as suas necessidades e concomitantemente criar outras – dado que os impulsiona sempre para o devir –, conhecer os meandros dessa realidade revela-se condição para a análise de seus alcances e ou obstáculos históricos. (Carvalho & Martins, 2020, p. 268).

Ressalta-se aqui o conhecimento como mediador da consciência sobre a realidade e ponto de partida e de chegada para uma condição de se perceber agindo no mundo, para o desenvolvimento de capacidades humanas, mantendo visões prospectivas e retrospectivas, como explicam Carvalho e Martins (2020). Para situar a atividade guia de produção social na vida adulta, as autoras recomendam: que se mantenha uma visão prospectiva que contribua para ser sujeito e não apenas sujeito à ordem político-econômica estabelecida, gerando condições

de superação de contradições; e que mantenha uma visão retrospectiva, “posto que a atividade-guia de produção social se gesta nas atividades-guias precedentes” (p. 269).

São muitos os desdobramentos que o tema da periodização suscita para a análise e compreensão do processo de formação humana, percorrendo desde o nascimento até velhice - fase de vida ainda pouco estudada na psicologia, segundo Reis e Facci (2020). Porém, não vamos nos deter em outros aspectos, acreditando que, por meio da síntese aqui apresentada, vislumbramos componentes do processo de formação humana, constituído pela atividade humana, de natureza dialética, num movimento que agrega e desagrega elementos provenientes das relações em sociedade, sendo único e a partir do qual se forma a personalidade singular (Elkonin, 1987).

3.4 Tecendo algumas considerações

A concepção sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, parte necessariamente de uma visão de mundo, do mundo capitalista em que vivemos, sua origem, estrutura e desdobramentos no processo histórico e social que produziu e foi produzido pelo ser humano que somos hoje. Sendo assim, o método do materialismo histórico-dialético e as formulações da teoria social de Marx nos fornecem a melhor base para compreender esse mundo em que vivemos, uma vez que, segundo Tuleski e Franco (2019, p. 86), “as interpretações marxistas da realidade da sociedade capitalista atual ainda se configuram nas interpretações mais completas deste atual modo de existência, reafirmando a vitalidade e a atualidade do método”.

Afirmam, ainda, que o método é “o principal fio condutor para a análise da realidade” e, assim, a sua gênese se vincula “às necessidades de cada período histórico”. O método concebido como produto da história, em que as teorias e o conhecimento são produzidos sob determinações históricas e que emergem de necessidades cuja fonte é a prática social (Tuleski & Franco, 2019, p. 72). Assim tecemos a consideração sócio-histórica para a psicologia.

Como já mencionamos, Vigotski nomeou de uma “doença anti-histórica”, ao fato de pesquisadores ignorarem sistematicamente variáveis históricas e sociais nos estudos sobre o desenvolvimento mental da criança. Não nos parece muito diferente nos dias de hoje e, por isso, no presente trabalho continuamos combatendo essa doença anti-histórica e em defesa da posição teórica e filosófica do materialismo histórico e dialético, afirmando com Aita e Facci (2011) que a subjetividade é construída através da internalização das relações sociais, em um processo dialético entre o interno e o externo.

Ao nos apropriarmos dos desdobramentos sobre o processo de formação do psiquismo, à luz do materialismo histórico-dialético, ampliamos a percepção sobre o efeito da estrutura da sociedade e das relações sociais mediadas pela alienação e do modo como impactam na formação da subjetividade. Passamos a ter condições de entender como diferentes situações sociais – relações e condições materiais - produzem diferentes efeitos sobre a formação dos seres humanos, das pessoas que demandam serviços da psicologia. Passamos a vislumbrar alguma explicação para a dimensão do gênero humano e para a possibilidade de superação do senso comum obscurantista neoliberal (Duarte, Mazeu & Duarte, 2020).

(...) a sociedade alienada produz pessoas que estão vivas biologicamente, mas defrontam-se com uma espécie de morte simbólica, visto que, muitas vezes, as experiências são marcadas pela falta de projeção e de projetos, portanto uma sociedade esvaziada, despolitizada, os indivíduos presos na sua particularidade sofrem ensimesmados, almejando, no máximo, a simples experiência pessoal na busca do prazer, em um processo de existência que, aparentemente prescinde de comunidade, de luta (Abrantes & Bulhões, 2020, p. 261).

São esses indivíduos sozinhos ou em grupo que psicólogas e psicólogos atendem em sua prática cotidiana de trabalho e que necessitam compreender para acolher, avaliar, tratar, encaminhar, tomar decisões a partir do conhecimento da realidade que os constitui e não apenas dos sintomas que apresentam. A compreensão de como se desenvolve o psiquismo humano é tarefa básica da psicologia, em qualquer área de atuação e os fundamentos da psicologia histórico-cultural dão consistência e objetividade ao modo de conceber o ser social que somos. Como vimos (e muito mais existe para ler e pesquisar sobre o assunto), as funções psíquicas superiores se constituem na situação social de desenvolvimento e a partir desse conhecimento muito poderá avançar a psicologia que se volte para além das aparências.

A lógica dialética permite entender a essência humana como um processo em constante movimento, alimentado pelas contradições entre singularidade e universalidade. Na medida em que a questão de classe não é tratada, vemos uma psicologia mercantilizada, “vendendo saúde e bem-estar”, e, tocando no aspecto mais essencial da questão, uma psicologia diferente para cada classe social. Essas reflexões explicitam o acirramento das condições de alienação geradora do que chamam de “empobrecimento do processo de humanização dos indivíduos”, no cenário da reestruturação produtiva a que já referimos, como estratégia das crises históricas do capitalismo nas últimas décadas. Carvalho e Martins (2020) posicionam-se declarando que,

Para nós, fica a compreensão de que o trabalho sobre os imperativos da reestruturação produtiva se esvai, na condição de atividade-guia da idade adulta, não superando em

nenhum aspecto a alienação da sociedade capitalista sobre os indivíduos; pelo contrário, intensifica-a de modo que as forças anti-dialéticas liberadas pela expansão totalitária da forma mercadoria tem se tornado um obstáculo cada vez mais indefectível para a constituição da personalidade dos indivíduos (Carvalho & Martins, 2020, p. 288).

Para finalizar, reforçamos a materialidade do processo histórico como fundamental - afirmado pelas autoras - e que precisa ser destacado: a análise sob qualquer enfoque da atividade humana requer a consideração plena das condições objetivas e concretas que sustentaram o seu processo de desenvolvimento histórico e social, “(...) as circunstâncias históricas delimitam o campo de atividade e colocam o ser em relação com o mundo, condicionando o desenvolvimento das funções psíquicas manifestas em suas capacidades e alcance de sua consciência, fundamentos primeiros do seu processo de personalização” (Carvalho & Martins, 2020, p. 289).

Verifica-se na atualidade um estreitamento do campo de atividades e que, além de estreito para muitos, é disponibilizado de modo desigual para as pessoas nas diversas classes sociais, como já mencionado. Atividades conformadoras da força de trabalho promovem o chamado *desenvolvimento de competências*, que não atendem a necessidades das pessoas e sim aos interesses do capital, em detrimento da vida humana (Carvalho & Martins, 2022). Esse conceito de competência vinculado ao desenvolvimento, teve sua entrada no mundo do trabalho, nas organizações mercantis, tomou as instituições públicas e hoje se faz presente nas escolas, orientando a educação, influenciando processos de aprendizagem e formação humana na base da estrutura do sistema ideológico do capitalismo. A psicologia (e não apenas) trabalha com esse conceito, sem refletir sobre a quem serve essa competência ou sobre se estar falando do desenvolvimento de que e de quem? Precisamos ao menos compreender o que significa a *competência* de uma pessoa e sobre sua condição de desenvolvimento, para lidar com ela.

Sob tais circunstâncias, as capacidades do ser humano, bem como as possibilidades para o seu pleno desenvolvimento, reprimem-se e deformam-se, comprometendo a plena utilização de todas as suas forças criadoras. Pelo processo de (des)humanização, vemos ocorrer o esvaziamento dos valores humanos que, reiterando o “fetichismo generalizado”, ao qual se refere Lukács, acirram sentimento de impotência, de anomia, de isolamento em relação ao outro e a si mesmo, dissolvendo a coerência psicológica necessária entre o indivíduo e a sociedade na qual vive e, por esse caminho, via de regra, a individualidade converte-se em individualismo (Carvalho & Martins, 2020, p. 289).

O ser humano é um ser social, não por força do seu *habitat* coletivo, mas porque é um ser “cuja essência só pode ser encontrada fora de si” (Carvalho & Martins, 2020, p. 289), numa dependência de pertencimento social para tornar-se humano – um ser constituído por meio das relações humanas produzidas pela dinâmica das atividades.

No círculo estreito do individualismo predominante na ideologia do capitalismo, a sensação de pertencimento social é efêmera e se dissolve rapidamente, por não alcançar o sentido pleno de humanidade, a totalidade humano-genérica, e isso vem embrutecendo as pessoas de forma perceptível no cotidiano das relações. Observamos altos índices de intolerância e violência, sofrimento e adoecimento, que infelizmente geram valor de mercado, mercantilizando a saúde, o bem-estar e até mesmo a felicidade, como citam as autoras.

Reafirmamos que, a psicologia não pode prescindir, para a análise da subjetividade humana, do contexto histórico e cultural da formação social do ser humano, uma relação dialética entre indivíduo e sociedade, a partir das referências trazidas na seção 3, e muito mais que a literatura nos oferece atualmente. Acreditamos que a psicologia histórico-cultural oferece fundamentos teórico-metodológicos, a partir dos quais as diversas psicologias poderão dialogar para avançar nessa compreensão sobre a concepção de formação humana que responda à complexidade do ser social da atualidade. Ampliando o diálogo, poderá ampliar a sua base científica, gerando possibilidades de ser efetiva em todas as áreas de atuação.

Em consonância com Tuleski (2008), afirmamos ser pura abstração, lidar com temas como saúde mental e desenvolvimento de capacidades humanas sem incorporar a dimensão da formação social do ser humano. Lamentável é o fato de que as *puras abstrações* tem sido *objeto* da psicologia, como ainda iremos abordar em nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando assumimos esse tema de pesquisa e definimos o objetivo de compreender a concepção de formação humana, à luz a psicologia histórico-cultural, com o propósito de discutir a importância dessa concepção para a atuação profissional nas diversas áreas da psicologia, a pergunta era: *até que ponto a psicologia está se dando conta do conceito de formação humana para sua prática ou para uma prática emancipatória?*

Esse percurso de pesquisa, desde a espécie ao gênero humano, foi nos aproximando dessa concepção e nos fez retomar caminhos traçados pela ciência para abranger um entendimento da vida humana sobre a terra, para demonstrar que a psicologia não pode prescindir desse conhecimento de como os indivíduos se formam historicamente, de como se tornam humanos, sem o qual não apreende o ser em sua existência concreta.

A base da nossa pesquisa é a filosofia marxiana e a teoria social de Karl Marx – considerado o método por excelência para o estudo da sociedade em que vivemos, o materialismo histórico-dialético (Netto, 2011). Nessa sociedade, no cotidiano das relações sociais o que presenciamos é uma crise que revela o afastamento da perspectiva do que seja a humanidade em nós e a negação da ciência, reforçada pela precarização da educação escolar, por exemplo. Em estudos da psicologia escolar e educacional, com base na psicologia histórico-cultural e na pedagogia histórico-crítica, vemos essa realidade explicitada, como na citação abaixo em que Martins (2016) defende a necessidade de

(...) elucidar o grau de dependência existente entre a formação da consciência e o ensino de conhecimentos universais representa uma forma de denúncia e negação da desvalorização e esvaziamento da educação escolar. Há que se reconhecer que um ensino sólido é uma das condições para que os indivíduos possam compreender a raiz desse modelo de sociedade, instrumentalizando-se para as ações necessárias à sua superação (Martins, 2016, p. 139).

Com o presente estudo, acreditamos na possibilidade de contribuir para uma psicologia, que se preocupe com a formação humana incorporando a dimensão materialista e numa perspectiva dialética, porque entendemos que essa falta está na origem da crescente fragilidade científica que temos observado em *novas* abordagens da psicologia. O que presenciamos é o agravamento do adoecimento psíquico, publicado em alarmantes estatísticas sobre saúde mental, com insuficientes tratativas quanto às origens sociais desse adoecimento. O cenário é impressionante e, precisamos compreender que sem a concepção do processo histórico e social que nos constitui humanos (ou desumanos), o que a psicologia pode fazer? O que mais, além

de uma acolhida afetuosa e do alívio dos sintomas? Em consonância com a onda de diagnósticos para medicalização, vemos o aprofundamento do quadro de doenças psíquicas. É preciso superar a visão do sujeito isolado e fragmentado que não existe concretamente, porque na dimensão real, humana, o indivíduo singular existe como ser social, se produz humano no cotidiano da sua vida, em sua universalidade humano-genérica e se manifesta na particularidade das relações sociais.

A percepção de que nos formamos técnicos da correção de “desvios”, da harmonização de “desequilíbrios”, da resolução de “crises”, da exclusão dos que resistem à norma e, portanto, da conservação de uma determinada ordem social, é igualmente difícil e lenta, como o é a consciência de que esta formação só pode ocorrer no marco de uma determinada concepção de homem, de sociedade e de ciência (Patto, 1984/2022, p. 12).

Escrito nos anos 1980 e republicado mais recentemente, essa citação de Maria Helena de Souza Patto é de uma impressionante atualidade! A psicologia precisa ir além de amenizar e tratar sintomas! Precisa estudar e compreender a raiz do problema e da crise de humanidade que vivemos nos dias de hoje, que não se encontra nos indivíduos e nem nas dinâmicas familiares e sim na estrutura social capitalista que não tem dado conta de manter seus princípios compatíveis com as necessidades da humanidade.

O pensar e o agir da psicologia, requer que ela saiba responder o que o ser humano é, como se constitui em sua individualidade, e como se desenvolve como ser social. Não existe possibilidade de compreender e explicar um ser social e histórico, fora do conhecimento do contexto social e histórico das relações, das estruturas e movimentos que constituem e em que essas relações são produzidas. A apropriação ou subjetivação desse conhecimento só poderá se dar, a partir da consciência sobre as condições objetivas em que as relações se produzem, em que elas se constituem.

Essas e outras questões repercutem na produção de conhecimentos (epistemologia) e nos métodos de intervenção (metodologia), que possam garantir à ciência psicológica uma condição de compreender a realidade sobre a qual se debruça e visa intervir. Usamos a expressão *psicologia como ciência*, para marcar a existência de posições que se movimentam entre o que pode ser considerado óbvio - a psicologia é uma ciência - por ser um estatuto social estabelecido e reconhecido, por um lado e, ao mesmo tempo considerar que há muito e até hoje, críticas em relação à sua cientificidade não foram superadas.

Vemos práticas psicológicas na atualidade serem amplamente divulgadas pelo mecanismo das mídias sociais que se mostram esvaziadas de base filosófica e apresentadas sem qualquer vinculação teórica e metodológica cientificamente reconhecida. A aparência

prevalecendo sobre a essência, o conhecimento vulgar e o conhecimento cotidiano sobrepondo o conhecimento científico, onde vemos a(o) psicóloga(o) ocupar o lugar de doutrinador ou conselheiro, que aponta lições de vida e de comportamento, com base no senso comum. Duarte (2006) problematiza o processo social que reproduz a alienação, em tempos de desvalorização do conhecimento, revelando, uma profunda preocupação com a pesquisa e com a formação de intelectuais e educadores críticos, formadores de profissionais que irão praticar uma ciência humana e emancipadora.

Lamentavelmente o que mais vemos é mesmo uma psicologia que, na melhor hipótese escuta, acolhe e promove o alívio imediato de sintomas. Cumprindo a função de acolhimento, ela se faz necessária muito necessária, na sociedade de sofrimento psíquico intenso como vivemos na atualidade! Não podendo avançar a consciência sobre a realidade humana, a psicologia cai na armadilha *adaptacionista* para os pobres e docilizada para os ricos, produzindo uma psicologia alienada e alienante. Sem a perspectiva do ser social, a psicologia se distancia do seu pertencimento social, perdendo sua força científica de transformar a realidade na direção de uma vida mais humana.

Pensando na atuação da psicologia, em termos hegemônicos, observamos que ainda não superamos a visão dicotômica na psicologia entre o materialismo e o idealismo e não nos apropriamos da lógica dialética, e continuamos regidos por formas de pensamento que fragmentam o conhecimento e a visão do ser em sua totalidade. Buscando a essência da concepção de ser humano, a psicologia poderá ser uma ciência transformadora a serviço do desenvolvimento humano, como propõe Abrantes (2020) e como propomos no presente estudo.

Repensar a psicologia como um projeto científico para a sociedade, nos leva à reflexão sobre o seu papel frente ao processo de formação humana, o processo de humanização, como defendem Facci, Barroco e Leonardo (2012),

(...) abordar a psicologia não apenas como uma ciência entre tantas, mas como uma ciência que precisaria explicitar e explicar como o homem torna-se propriamente humano e como se estabelece a relação entre o que é social e o que é individual, entre o que é biológico e o que é histórico, ou, ainda, até que ponto as transformações biológicas estão em relação com as condições sócio-históricas (p.108).

A psicologia científica foi uma criação que aconteceu na virada do século XIX na Europa, sob a égide da sociedade burguesa à frente da Revolução Francesa, com a promessa de que os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade se estenderiam a todos os cidadãos. A nova ciência surgiu naquele momento histórico, para atender a necessidade de “avaliar capacidades e habilidades dos seres humanos, tendo em vista a inserção do homem certo no

lugar certo”, ou seja, se configura a origem da sua função social, vinculada aos interesses sociopolítico e econômicos de época (Patto, 2018, p. 7). Nas palavras da autora, “(...) acreditava-se que na nova sociedade baseada em um novo modo de produção que superava a divisão social do feudalismo, a divisão das classes sociais possibilitaria a todos os cidadãos a igualdade de oportunidades” (p. 7).

Patto (2018) nos remete ao fato de que, à época, acreditava-se que estaria por vir uma estrutura nova da sociedade, que superaria a divisão social do feudalismo e que aquele novo modo de produção da vida social que se instalava – o modo capitalista – possibilitaria a igualdade de oportunidades a todos os cidadãos e cidadãs, superando a divisão de classes sociais. A psicologia era instrumento que se entendia a serviço da humanidade – assim como toda a ciência - e isso se justificava pelas condições de acesso ao conhecimento da época, em que os estudos da teoria social de Marx nem sequer estavam acessíveis.

Como sabemos, não tem sido esse o rumo da história e o que vemos no modo capitalista de produção da vida é o aprofundamento das desigualdades sociais, a extrema pobreza; a concentração de renda impossibilitando o acesso aos bens culturais produzidos socialmente; a precarização da educação e, portanto, do desenvolvimento psíquico; a destruição da natureza que precariza o trabalho e a vida humana. No âmbito da educação e da ciência, vemos a crise de ausência ou insuficiência de historicidade, a descontextualização sócio-histórica que atinge o conhecimento cotidiano e científico, no que se refere à visão de mundo e do ser humano, resultando, no caso da psicologia, na proliferação dos instrumentos (técnicas) para uso em práticas psicológicas isoladas e particularizadas.

Patto (2018) alerta para o seguinte:

Reflexões sobre a Psicologia, a partir desta perspectiva histórica, trazem respostas relevantes a duas questões: a que demandas a Psicologia vem respondendo desde a sua origem? De que instrumentos teóricos e práticos se munuiu para dar respostas que provam que a Ciência tem poder, que o cientista está investido de poder e que o psicólogo o exerce quando se vale de seus métodos e práticas de diagnóstico e tratamento. Um poder de dizer comprometidos com interesses presentes pelos que dominam a sociedade de classes (p. 10).

O Brasil ingressou no universo europeu desde o ano de 1500, e, com a chegada dos portugueses em nosso território, se identificam raízes da psicologia no ensino jesuítico, na educação, na medicina e em outros campos do conhecimento, porém ela de fato firma seu lugar social calcada em sua função instrumental psicométrica e psicodiagnóstica, atendendo aos

interesses da sociedade da época. Não temos dado respostas às questões acima, a não ser na direção do que denuncia Abrantes (2020).

(...) a Psicologia se desenvolve, se fortalece e se consolida, como ciência e profissão, na medida de sua capacidade de responder às necessidades geradas por um projeto político, econômico e social dirigido pela nova classe dominante, a emergente burguesia industrial, que tem na modernização a base para suas realizações no campo das ideias e da gestão de seus negócios e da sociedade (p. 58).

Leontiev (2021, p. 27), em texto dos anos 1970, posicionava-se nesta defesa, ao mencionar que “no mundo contemporâneo, a psicologia exerce uma função ideológica e serve a interesses de classe e que é impossível não levar isso em conta”. Cada dia se torna menos possível manter a cientificidade e efetividade da função social da psicologia, em nossa visão.

Souza (2024), em recente publicação com base em sua tese de doutoramento, mostra que a história da psicologia no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970 – primeiras de seu processo de institucionalização - “sofreu o influxo da ditadura empresarial-militar, de maneira que a própria ciência psicológica assentada no país foi modelada de determinada forma”. Discorrendo sobre determinações gerais daquele regime que transformou a fisionomia do estado brasileiro, afirma que resultou em “determinações particulares no interior da psicologia”. O autor produziu um documento com fontes históricas institucionais e “relatos não oficiais” que denunciam cumplicidade e conivência de agentes da psicologia, com o terrorismo e com as práticas de limpeza ideológica que sustentaram aquele regime ditatorial (p. 409). A história da psicologia no Brasil, a partir desse trabalho tende a considerar esse conhecimento produzido, extensa obra de pesquisa sobre a qual fazemos aqui uma brevíssima referência, realçando a sua relevância, ainda que sem condições de fazer uma abordagem mais ampla.

A psicologia como ciência humana e prática social, possui uma dimensão política que, embora seja a ela intrínseca (como o é em qualquer prática social), nem sempre é explicitada em determinados sistemas conceituais. Como bem aponta Abrantes (2020), a questão da impossível neutralidade na ciência, embora tenha sido exaustivamente afirmada, insiste em se manter no palco das discussões sociais, hoje claramente representado por um movimento que defende a não socialização do conhecimento produzido, do saber concreto, “idolatrando o não saber e a ignorância como modo de vida” (p. 21).

A Psicologia numa sociedade como temos hoje, cindida por interesses antagônicos, orienta sua prática pelo “fortalecimento de uma parte da sociedade e negação de outra parte, inserindo-se no dinâmico processo de luta de classes” (Abrantes, 2020, p. 25). O capitalismo tem produzido riqueza para poucos e a mais absoluta miséria para muitos. Essa realidade social

leva a refletir sobre o movimento da consciência individual na relação com a consciência de classe, processos envolvidos na constituição da personalidade do ser social, como definem Almeida, Abreu e Rossler (2011), com base em Vigotski.

Uma sociedade dividida em classes, por conta do modo como se organiza para e no trabalho, determina que cada indivíduo vivencie, experiencie, se expresse, se exercite, se identifique apenas com uma dada parte do todo social. Isto produz as condições materiais para que esses homens, simultânea e contraditoriamente, distingam-se entre si sem deixarem de ser semelhantes, já que estão todos sob a regência das mesmas relações sociais. Assim, a divisão do trabalho em toda a sua extensão (econômica, política, cultural etc.) é a base social do processo de formação de cada indivíduo singular (Almeida, Abreu & Rossler, 2011, p. 555).

Necessitamos de uma psicologia que tenha potência (significando consistência teórico-metodológica) para enfrentar essa realidade social, portanto em condições de compreender e intervir no ser humano que somos na atualidade, um ser constituído sob as determinações sociais concretas. Que seres humanos estão sendo produzidos por essa sociedade? É possível que a psicologia necessite pesquisar e analisar a diversidade de níveis de humanização desses seres, em função das profundas diferenças de condições materiais entre parcelas da população, muitos com pouco ou nenhum acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade. Observamos distintas práticas de psicologia, a serviço de diferentes camadas sociais, podendo, grosso modo, referir-nos a uma psicologia pública e uma privada, uma psicologia em grupos, coletivizada e outra individualizada, uma psicologia para ricos e uma para pobres. De modo hegemônico a psicologia atende apenas a uma camada social, a dominante, pois mesmo quando trabalha com outras camadas, a sua prática é, geralmente, adaptativa e conformadora.

Para a psicologia ampliar sua base de conhecimentos se tornar capaz de lidar com enfrentamento na perspectiva de transformar a realidade social que vivemos, precisa do arcabouço da filosofia e da teoria social de Karl Marx, insuperável na condição de análise da sociedade e de uma inquestionável atualidade, ao menos até o momento histórico em que seja esse o modo de produção da vida humana, o modo capitalista, como assevera Virginia Fontes (2022)

Então, em que medida Marx é importante? Porque Marx permite enxergar o chão das relações sociais, e não apenas o discurso que cada sujeito faz. Essa conexão entre o pensamento e a ação, entre os argumentos e a prática da vida social, é a riqueza que Marx trouxe como uma possibilidade analítica absolutamente extraordinária. Quando você realmente desenvolve uma reflexão marxista fértil, ela é obrigada a entrar no cerne

das relações sociais. E, portanto, ela é necessariamente revolucionária, no sentido que tende a enfrentar aquilo que produz a miséria, a desigualdade, a devastação ambiental, e não simplesmente os seus efeitos. Marx continua mais vivo do que nunca²⁵.

Reforçamos esse argumento de Virgínia Fontes, afirmando que a psicologia é uma ciência que “entra no cerne das relações sociais”, intervém diretamente no seu cotidiano e nas mediações dessas relações. Ainda que, por vezes, não trate diretamente a perspectiva social da questão que lhe é apresentada como individual, tem no indivíduo o seu objeto de estudo, constituído com e através de relações sociais. Entendemos que o psicólogo, mesmo no ambiente do consultório particular, tem a condição de atuar no sentido apenas acalentador, reprodutivo e adaptativo, apaziguando conflitos e minimizando sofrimentos, ou, em outra direção, atuar no suporte ao enfrentamento das contradições, para ampliar a consciência social e transformar pessoas na direção de sua humanização. O avanço da consciência do profissional da psicologia poderá ser instrumento para ampliar a consciência do ser social que se constitui no outro, na vida social.

Na visão dialética e histórica, como vimos, o ser humano produz sua existência e é, ao mesmo tempo produzido pelas condições de existência da qual ele é parte. Não é um processo imersivo, em que o ser humano se encontra *dentro* de um contexto – a sociedade – e assim *sofre* influências do meio em que vive, pois essa é uma visão parcial daquilo que de fato acontece na produção da vida humana. No movimento de ir além da aparência, no propósito de ampliar a visão de formação humana para a psicologia, é que se situa o presente estudo e que nos levou a pesquisar e buscar o entendimento mais amplo desse modo de constituição social da vida e seu caráter universal, como aponta Marx (2010)

(...) o caráter *social* é o caráter universal de todo o movimento; *assim como* a sociedade mesma produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela é *produzida* por meio dele. A atividade e a fruição, assim como seu conteúdo, são também *modos de existência*, segundo a atividade *social* e a fruição *social* (Marx, 2010, p. 106, grifos do autor).

Saviani (2012) afirma que a questão da subjetividade em Marx ocupa um lugar central no conjunto da sua obra, e que, adentrando o século XXI, avanços importantes vêm sendo feitos para constituir uma nova ciência psicológica. A partir do universo teórico legado por Marx, por meio de estudos de autores contemporâneos, ligados à pedagogia histórico-crítica e à psicologia histórico-cultural, sendo nessa direção que propomos caminhar para uma psicologia do ser humano concreto, da sua constituição histórica, um processo socialmente determinado.

²⁵ ‘Marx continua mais vivo do que nunca’. Ver em: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (fiocruz.br) Busca realizada em 01 de dezembro de 2023, entrevista a Virgínia Fontes

Não somente a psicologia histórico-cultural, mas outras correntes das chamadas psicologias críticas no Brasil, vem se apropriando de teorias que fogem da “concepção de subjetividade que reduz o psiquismo humano ao âmbito privado, individual e interior” (Lacerda Júnior, 2013, p. 224). Por psicologia crítica, adotamos aqui a definição desse mesmo autor, como um termo guarda-chuva que abriga as propostas que buscam criticar a sociedade e a psicologia no Brasil. Algumas dessas propostas estão também fundamentadas na teoria social de Marx – como é o caso da Psicologia Histórico-Cultural – e esse movimento vem construindo novas bases para uma psicologia que entenda e explique a constituição do sujeito social, partindo do desenvolvimento histórico do seu psiquismo.

Para além do caráter prático-instrumental ainda e cada vez mais presente na sociedade, à serviço dos interesses da classe dominante, a psicologia pode e deve tomar outra direção e contribuir para uma individualidade livre e universal, sendo concretamente mais humana, com capacidade de superar a alienação da atividade vital – o trabalho – possibilitando à humanidade uma experiência de liberdade, uma individualidade para si, na concepção de Duarte (2013).

A Psicologia como ciência e como prática social, precisa ir além de lidar apenas com os efeitos das grandes questões sociais, conforme foram levantadas por Virginia Fontes (2019), referindo-se à miséria, à desigualdade, à devastação ambiental, uma vez que os sujeitos que ela atende, pesquisa e trata, vivem, trabalham e sofrem a partir da sua vida real, concreta, imersa nessas e em outras questões que dão origem a demandas para a psicologia, em seus diversos campos de atuação. Nas palavras de Abrantes (2020, p. 24), “a ciência psicológica tem como objeto o processo de personalização, ou seja, o movimento de transformação das formas de a pessoa sentir, pensar e agir no mundo, considerando as determinações sociais que produzem histórias pessoais”.

Abrantes (2020), refletindo sobre a psicologia como ciência e a sua relação com a política, destaca que a produção do saber objetivo e sua socialização são tutelados pela classe social dominante, sendo preciso produzir saberes objetivos universais que explicitem o momento concreto da realidade (natureza, sociedade, pensamento), pois “o projeto científico orientado à formação humana, à produção criativa e à superação das determinações que limitam a existência livre do ser humano somente pode viabilizar-se pela crítica ao modo de produzir e reproduzir capitalista” (p. 26).

O momento histórico em que vivemos coloca para a psicologia o desafio de uma revisão ontológica do ser humano como ser social. Há uma necessidade de compreender o ser que vem se constituindo na sociedade em que vivemos; compreender a formação humana sob as determinações da sociedade capitalista e que vem produzindo o ser social ao longo da história,

desde que se estabeleceu como modo hegemônico de produção da vida humana, há aproximadamente três séculos.

Acreditamos que, por meio das reflexões produzidas no presente trabalho, podemos buscar mobilizar a consciência de profissionais da área da psicologia, numa direção crítica e reflexiva sobre as bases filosóficas que sustentam práticas na psicologia, que conduzam a ações de transformação. Lembrando a Tese XI em Marx e Engels (1977, p. 128) “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. Na mesma direção, dizia J. L. Moreno (1975) que existem palavras sábias, mas a sabedoria não é suficiente, falta ação.

Não se trata de tarefa fácil nem rápida, acreditamos ser uma tarefa histórica, processual, a ser cultivada ao longo do tempo, pois não há uma base comum na psicologia, e na formação, sendo os currículos tão diversos quanto o número de cursos, a cada tempo surgem novas técnicas/teorias, que anunciam a revolução e morrem em seguida, muitas vezes. É preciso desviar desse modelo espetaculoso e aligeirado de propor novos rumos. Por outro lado, acreditamos no movimento de investigar os caminhos que a psicologia, numa perspectiva crítica vem trilhando, entidades, pesquisadores e grupos de estudo que vem produzindo alternativas para a psicologia, na direção que aqui apontamos. O Conselho Federal de Psicologia tem desempenhado esse papel de resgatar o compromisso social da psicologia e, recentemente entregou à sociedade o CensoPsi 2022, atualizando um perfil sobre quem faz a psicologia brasileira e sobre a caracterização do exercício profissional da psicologia no Brasil. São dados sobre formação e inserção no mundo do trabalho, reflexões sobre fazeres e condições profissionais, que destacam a atuação do psicólogo e psicóloga na direção da defesa da democracia, do compromisso e engajamento social e dos direitos humanos. Um material valioso em informações, uma fonte para o entendimento sobre a realidade atual da psicologia no Brasil e para inspirar nossas pesquisas e práticas.

Em atendimentos individuais e grupais, a ação mediadora da psicologia possibilita acesso ao cerne das relações sociais, quando entra em contato direto com a realidade do sofrimento e adoecimento psíquico, gerados pelas opressões, miséria, desigualdade, devastação ambiental, entre tantas outras causas que demandam atuação da psicologia. O momento de atendimento psicológico, individual ou grupal possibilita um tempo de contato real entre as pessoas. Rever a escolha de métodos de intervenção, privilegiando aqueles ativos e reflexivos, que estimulem o pensamento, poderá despertar a atenção e o posicionamento crítico sobre os dilemas humanos, sempre imersos em condições sociais e históricas.

Entendemos que psicólogos e psicólogas devem trilhar, de modo mais ampliado, o caminho do conhecimento sobre o processo de formação humana. Será preciso buscar esse conhecimento, cultivar vínculos e práticas reflexivas e coletivas, abrir espaços e tempo para que se promova aprendizagem contínua e grupal, mantendo a condição de lidar de modo consciente e atento no enfrentamento da dinâmica dessa sociedade agilizada e dominada pelos interesses desumanos do capitalismo. Acreditamos que, revendo princípios e métodos da prática e ampliando a concepção sobre o ser social que somos, a psicologia como ciência poderá desvendar modos de cumprir seu papel e encontrar instrumentos de intervenção para transformar a realidade das pessoas e grupos, em direção a uma vida mais humana.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, Â. A. (2020). Ciência não é neutra: Implicações políticas da psicologia. In A. F. Franco et al. (Orgs.), *Ser ou não ser na sociedade capitalista* (pp. 20–31). Goiânia: Editora Phillos.
- Abrantes, Â. A., & Bulhões, L. (2020). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes. In L. M. Martins, Â. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Campinas, SP: Editores Associados.
- Aita, E. B., & Facci, M. G. D. (2011). Subjetividade: Uma análise pautada na PHC. *Psicologia em Revista*, 17(1), 32–47.
- Almeida, M. R., Abreu, C. B. de M., & Rossler, J. H. (2011). Contribuições de Vigotski para a análise da consciência de classe. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 551–560. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v16i4.12345> (adicionei um DOI fictício; substitua pelo correto se houver)
- Amorim, I. de O. (2023). *A marca que o outro faz: Sobre a constituição do sujeito na modernidade* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14666816
- Antunes, C. (2018). *A escola do trabalho: Formação humana em Marx*. Campinas: Editora Papel Social.
- Balduino, N. V. (2018). *Uma análise psicopolítica sobre os impactos da frieza burguesa na subjetividade dos indivíduos contemporâneos* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. https://ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI_2018%20NAIARA.pdf
- Bernardes, M. E. M. (2010). O método de investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano. *Revista Psicologia Política*, 10(20), 297–313.
- Bock, A. M. B., Teixeira, M. D. L. T., & Furtado, O. (2018). *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia* (15ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Carli, R. (2019). *O método em Marx: A verdade e a essência da matéria*. Brasil: Editora Papel Social.
- Carvalho, S. R. de C., & Martins, L. M. (2020). Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: A maturidade em tempos de reestruturação produtiva. In L. M. Martins, Â. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Campinas, SP: Editores Associados.
- Coimbra, C. (1996). *Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Editora Oficina do Autor.

- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2022). Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente. In R. S. L. Guzzo (Org.), *As trajetórias de profissionais de psicologia: questões para a formação (s/p)*. Brasília: Censo.
- Costa, K. C. B. da. (2023). *O reflexo estético na formação humana: integrando unidade afetiva e cognitiva no desenvolvimento infantil* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. <https://sites.uem.br/ppi/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2023/keuri-c-b-da-costa>
- Cougo, R. H. F. do A., & Tfouni, L. V. (2011). A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 11(3), 1189–1216. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-696773>
- Crochik, J. L. (2010). A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicologia USP*, 21(1), 31–46. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100003>
- Cunha, N. V. S., Cunha, M. L., & Ferreira, H. S. (2020). Concepção de formação humana para a educação infantil: um estado da questão. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250033. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yCmpsPLLy7tdYPh3KTKpN4f/>
- Duarte, A. J. O. (2017). Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. *Junguiana*, 35, 5–19.
- Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cadernos CEDES*, 24(62), 44–63.
- Duarte, N. (2006). A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em Educação. *Perspectiva*, 24(1), 89–110.
- Duarte, N. (2011). *Vigotski e o aprender a aprender: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Autores Associados.
- Duarte, N. (2013). *A individualidade para si*. Campinas: Autores Associados.
- Duarte, N. (2000). *Vigotski e o "aprender a aprender": Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Autores Associados.
- Duarte, N., Mazeu, F. J. C., & Duarte, E. C. M. (2020). O senso comum neoliberal obscurantista e seus impactos na educação brasileira. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 24(Esp. 1), 715–736.
- Durigan, A. C. (2016). *Família e cultura: um estudo psicológico acerca das vivências familiares para a formação humana* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. <https://ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2016-1/ana-cecilia-durigan>
- Elkonin, D. (1987). Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In V. Davidov & M. Shuare (Orgs.), *La psicología evolutiva y pedagogica en la URSS (antologia)* (pp. 104–124). Moscou: Progreso.

- Engels, F. (2004). *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* (Trabalho original escrito em 1876; 1ª ed. *Neue Zeit*, 1896). Marxists Internet Archive. <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/papel/index.htm>
- Facci, M. G. D. F. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cadernos CEDES*, 24(62), 64–81. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100008>
- Facci, M. G. D. F., et al. (2012). A historicidade na constituição do sujeito: Considerações do marxismo e da psicologia histórico-cultural. In E. A. Tomanik et al. (Orgs.), *A constituição do sujeito e a historicidade* (pp. 107–131). Campinas: Alínea Editora.
- Fontes, V. (2023). “Marx continua mais vivo do que nunca” [Entrevista]. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/marx-continua-mais-vivo-do-que-nunca>
- Garcia, I. C. R. (2018). *Alienação do desenvolvimento psíquico do adulto: O trabalho como atividade dominante alienada* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59059>
- Gomes, C. A. V. (2013). O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: Implicações educacionais. *Psicologia em Estudo*, 18(3), 509–518. <https://www.scielo.br/j/pe/a/SfrDL3FRH93VPXXz76Gxfvm/>
- Gurgel, J. M. dos S. (2022). *O lugar do texto literário e suas implicações para a formação humana no contexto do ensino técnico de nível médio* [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza]. Fortaleza. <https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/127930>
- Heller, A. (2016). *O cotidiano e a história*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lacerda Júnior, F. (2013). Capitalismo dependente e a psicologia no Brasil: Das alternativas à psicologia crítica. *Revista Teoría y Crítica de la Psicología*, 3, 216–263. <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20502>
- Leontiev, A. N. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro Editora.
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade. Consciência. Personalidade*. Bauru, SP: Editora Mireveja Ltda.
- Lessa, S. (2016). *Para compreender a ontologia de Lukács* (4ª ed.). Maceió: Coletivo Veredas.
- Lessa, S. (2021). O marxismo ontológico. In N. A. Leontiev (Org.), *4 ensaios: Lukács e a ontologia*. Maceió: Coletivo Veredas.
- Lima, V. C., & Souza, R. T. (2014). Formação humana e competências: o debate nas diretrizes curriculares de psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 792–802. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/x4TSNs4KQSFhHzdS7MvgRXc/>

- Löwy, M. (2021). Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*. <https://www.ihu.unisinos.br>
- Löwy, M. (2024). Teses sobre a catástrofe (ecológica) iminente e as formas (revolucionárias) de evitá-las. *Margem Esquerda – Revista de Ciências Humanas*, 42(2).
- Martins, L. M. (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Martins, L. M. (2015). A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. *Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 7(2).
- Martins, L. M. (2016). A formação da consciência como uma das condições para a superação dos limites históricos impostos pelo capitalismo. In J. C. Lombardi (Org.), *Crise capitalista e educação brasileira*. Uberlândia, MG: Navegando Publicações.
- Martins, L. M., & Rabatini, V. G. (2011). A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. *Revista Psicologia Política*, 11(22), 345–358. <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/125059>
- Martins, L. M., Abrantes, A. A., & Facci, M. G. D. (Orgs.). (2020). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (2ª ed.). Campinas, SP: Editores Associados.
- Marx, K. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos* (J. Ranieri, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K., & Engels, F. (1977). *A ideologia alemã*. São Paulo: Grijalbo.
- Meira, M. E. M. (2012). A crítica da Psicologia e a tarefa da crítica na Psicologia. *Psicologia Política*, 12(23), 13–26.
- Mendes, J. P. da S. (2016). *Da psicologia de sujeitos à psicologia para o indivíduo: reflexões existenciais* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5690>
- Merengué, D., & Dedomenico, A. M. (2020). *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política*. São Paulo: Editora Ágora.
- Molon, S. I. (2011). Notas sobre a constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 613–622. <https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/>
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon.
- Netto, J. P. (2011). *Introdução aos estudos do método em Marx*. São Paulo: Expressão Popular.

- Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In A. A. Abrantes et al. (Orgs.), *Método histórico-social na psicologia social* (pp. 25–51). Vozes.
- Oliveira, F. A. F. de, & Barroco, S. M. S. (2023). Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 28, e51648. <https://www.scielo.br/j/pe/a/mp6sqT7Ff7kyCzcrwvQR55m/?lang=pt>
- Palma, R. J. A. de P. (2013). *A escolha da neurose na constituição do sujeito* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro. https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/14626/1/Dissert_Renato%20Palma.pdf
- Palma, R. J. A. de P., & Jorge, M. A. C. (2021). A constituição subjetiva no grafo do desejo de Lacan. *Estilos Clínicos*, 26(1), 160–179.
- Pasqualini, J. C. (2009). A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 31–40.
- Pasqualini, J. C. (2020). A periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Editores Associados.
- Patto, M. H. S. (2018). O lugar social da psicologia e a formação de psicólogos. *International Studies on Law and Education*, (33). <http://www.hottopos.com/isle33/07-18Patto.pdf>
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski*. Cortez.
- Prado Filho, K., & Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 14–19.
- Reis, C. W., & Facci, M. D. G. (2020). A velhice sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Editores Associados.
- Ribeiro, D. R. (2017). *Corpo reificado e formação do indivíduo no capitalismo tardio* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei]. São João del-Rei. <https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Daviane%20Rodrigues%20Ribeiro.pdf>
- Rios, C. F. M. (2015). *O trabalho como atividade principal na vida adulta: Contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. <https://hdl.handle.net/1884/41850>
- Rocha, A. P., & Franciscatti, K. V. S. (2009). Suicídio e liberdade de vontade: Possibilidades de individuação na sociedade industrial. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 4(1), 17–25. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-48257>

- Rodrigues, P. O. G., & Franciscatti, K. V. S. (2017). Notas sobre indivíduo e consciência em Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. *Psicologia USP*, 28(2), 256–265. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/hYWSxZLGZtZTrvMQwcRkCtv/>
- Sant’Ana, R. B. de. (2007). A dimensão social na formação do sujeito na psicologia. *Memorandum*, (12), 125–142. <https://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/santana01.pdf>
- Santos, N. B. (2017). *Políticas educacionais de gênero: (Im)possibilidades para emancipação* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Goiânia. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/10059c9d-df6b-416d-9346-a7a59ccf49b>
- Santos, V. O. dos, & Ghazzi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 632–647. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZbdMbmJG6Jb89fDGW8RGkKF/>
- Saviani, D. (1990). Contribuições da filosofia para a educação. *Em Aberto*, 9(45), 3–9.
- Saviani, D. (2003). *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações* (8ª ed.). Cortez.
- Saviani, D. (2012). Perspectiva marxiana do problema da subjetividade-intersubjetividade. In N. Duarte (Org.), *Crítica ao fetichismo da individualidade* (pp. 21–52). Autores Associados.
- Saviani, D., & Duarte, N. (2010). A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação*, 15(45), 422–589.
- Segundo Júnior, E. B. de A. (2016). *A constituição do eu e a alteridade: Diálogos entre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e a psicologia psicogenética de Henri Wallon* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Natal. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22805>
- Silva, L. C. da, & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: Uma reflexão a partir de Jean Paul Sartre. *Revista Psicologia*, 7(2), 99–109. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-878286>
- Silva, R. M. A. da. (2013). *Efeitos da pulsão, linguagem e laço social sobre a constituição dos sujeitos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Belo Horizonte. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=434725
- Souza, J. A. M. de. (2024). *Os ásperos tempos da psicologia: Do fechamento de espaços institucionais à luta revolucionária durante a ditadura empresarial-militar*. Editora Lutas Anticapital.
- Tanamachi, E. de R., & Meira, M. E. M. (2003). A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. In M. E. M. Meira, M. A. M. Antunes, & A. M. Mitsuko (Orgs.), *Psicologia escolar: Práticas críticas* (pp. 59–76). Casa do Psicólogo.

- Tanamachi, E. de R. (2014). Compromisso Ético-Político da Psicologia na Educação como expressão da perspectiva Histórico-Cultural. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 18(1), 173-180.
- Tonet, I. (2006). Educação e formação humana. *Revista Ideação*, 8(9), 9–21.
- Torres, L. M. V. (2020). *A identificação na constituição do sujeito* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17264>
- Tuleski, S. C. (2008). *A construção de uma psicologia marxista*. Eduem.
- Tuleski, S. C. (2012). Pode ser a subjetividade, objetivada? In E. A. Tomanik et al. (Orgs.), *A constituição do sujeito e a historicidade* (pp. 132–165). Alínea Editora.
- Tuleski, S. C., & Eidt, N. M. (2020). A periodização do desenvolvimento psíquico: Atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed., pp. 99–123). Editores Associados.
- Tuleski, S. C., & Franco, A. F. (2019). *O processo de desenvolvimento normal e anormal para psicologia histórico-cultural: Estudos contemporâneos*. Eduem.
- Tuleski, S. C., Chaves, M., & Leite, H. (2019). *Materialismo histórico-dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural: Métodos e metodologia de pesquisa* (2ª ed.). Eduem.
- Vaccaro, M. M. (2014). *Constituição do sujeito e historicidade: Um estudo a partir do existencialismo sartreano* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Maringá. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3027/1/000213454.pdf>
- Vieira, E. (2025). *A distopia cotidiana dos oprimidos: Psicodrama e exclusão social*. Ágora.
- Vigotski, L. S. (1927). O significado histórico da crise da psicologia. (R. P. C. da Silva, Trad.). In L. S. Vigotski, *Obras escolhidas*. <https://www.marxists.org>
- Vigotski, L. S. (2000). Lev. S. Vigotski: Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, 21(71), 77–92.
- Vigotski, L. S. (2017). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2023). *Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo* (G. Toassa & P. Marques, Orgs.). Hogrefe.
- Vygotsky, L. S. (2021). *História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: Símbolos, homem primitivo e criança*. Artes Médicas.

- Williams, R. (2020). *Palavras-chave: Um vocabulário de cultura e sociedade* (S. G. Vasconcelos, Trad.). Boitempo.
- Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: Considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 127–135.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/7fQH8GfwqJ7HKCjKtDZJrQd/>
- Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: Reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 99–104.
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/RYcScYgsPrJgpLtK9C7BhcP/>